

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



**A ESPADA MEDIEVAL**  
**DA *THESIS* À *PRAXIS***  
**(SÉCULOS XIV E XV)**

JOÃO MIGUEL COUTINHO DE OLIVEIRA

Tese orientada pelo Professor Doutor José Manuel Henriques Varandas,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História  
Militar.

2020



# ÍNDICE

Resumo	5
Abstract	6
Palavras-Chave/Keywords	7
Agradecimentos	8
Introdução	10
<b>1. A Espada</b>	12
1.1. Definição	13
1.2. Uma arma necessária	16
1.3. Uma arma simbólica	18
1.4. Uma arma de reis e de nobres	20
<b>2. A Geografia da Espada</b>	24
2.1. O Norte da Europa, o Centro da Europa, A Península Ibérica	25
2.2. Tipologias, funções e variações	30
<b>3. Produção</b>	37
3.1. Matérias-primas	38
3.2. Centros de produção	40
3.3. Processos de distribuição	44
3.4. «Vestir» a espada	48
3.4.1. Bainhas	48
3.4.2. Decoração	50
3.5. Manutenção	52
<b>4. Tratadística</b>	55
4.1. O <i>Codex Walpurgis</i>	56
4.2. A tese de Johannes Liechtenauer	59
4.3. <i>Fiore dei Liberi</i>	62
4.4. Os textos de D. Duarte	65
4.5. Hans Talhoffer	67
4.6. Qual a importância destes Tratados?	70
<b>5. Praxis</b>	72
5.1. Biomecânica	73

5.2. Uma arma para a infantaria	77
5.3. Combater	80
5.3.1. Técnicas e aplicações	80
5.3.2. Um problema de reconstituição	85
5.4. Uma arma para atacar, defender e contra-atacar	89
5.4.1 Combater com armadura	89
5.4.2. Espada contra armadura	92
5.4.3. Problemas e limitações	93
5.4.4. Outras armas	95
5.4.5. Condições psicológicas	98
Conclusão	101
Glossário	105
Bibliografia	108
Anexos	115
Anexo A	115
Anexo B	126
Anexo C	132
Anexo D	137
Anexo E	155
Anexo F	182
Anexo G	190



## **RESUMO**

Esta dissertação tem como objetivo analisar a espada medieval durante os séculos XIV e XV sobre as suas características, componentes, variáveis e, também, os diversos tratados sobre o uso desta arma deixados pelos mestres antigos.

A dissertação inicia-se com a caracterização física da espada e os seus diversos componentes durante a Idade Média e continua com o estudo das tipologias de espadas, procurando integrar a questão sobre os locais de origem daquelas armas. Foi feito, também, um estudo sobre a produção e distribuição deste armamento na Europa, com o objetivo de descobrir os locais onde podem ser obtidas as matérias-primas para a produção deste armamento e os possíveis meios da sua distribuição. A pesquisa sobre o processo de produção e de distribuição procurou integrar os processos de decoração e de manutenção da arma.

Na componente mais prática desta dissertação foi elaborado um estudo sobre quatro dos mais importantes tratados de esgrima medievais e os mestres que os escreveram. Através desta análise pretendeu-se, também, integrar e desenvolver a importância do estudo da biomecânica humana com o objetivo de explicar como as técnicas de combate apresentadas funcionavam da maneira como foram descritas. Também se procurou analisar o processo de combate com armadura e os tipos de equipamento utilizados no estudo destas técnicas de combate, que pertencem ao ramo das artes marciais europeias.

# **ABSTRACT**

This dissertation has as an objective the analysis of the medieval sword during the XIV and XV centuries, in relation to its characteristics, components, variables, but also through the diverse treatises that were left by the ancient masters regarding the use of this weapon..

The dissertation begins with the physical characterization of the sword and its several components during the middle ages, and it continues with the study of the typologies of the sword, while trying to integrate the question of the birthplace of these weapons. A study was also made, regarding the production and distribution of this piece of armament in Europe, with the objective of discovering the locations of the primary resources used in the constructing of swords and for its possible means of distribution. The research about the process of productions and distribution also tried to integrate the processes of decoration and maintenance of the weapon.

As for the practical component of this dissertation, a study was made about the four most important medieval fencing treatises and the masters who wrote them. Through this analysis it was also intended, to integrate and develop the importance of the study of human biomechanics, with the objective of explaining the reason, as to why the combat techniques that were described in these treatises, work in the way that they were described. It was also searched the process of combat with armour and the several types of equipment that should be used for the study of these combat techniques, which on itself belongs to the branch of Historical European Martial Arts.

## **PALAVRAS-CHAVE/KEYWORDS**

### **Palavras-chave:**

Espadas medievais; Guerra Medieval; Tratados de Esgrima; Artes Marciais Europeias.

### **Keywords:**

Medieval Swords; Medieval Warfare; Low Middle Ages; Fencing Treatises; Medieval Martial Arts.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que durante estes últimos meses me ajudaram e apoiaram na escrita desta dissertação.

Para começar gostaria de agradecer ao Professor Doutor José Manuel Henriques Varandas o ter aceitado ser o meu orientador para esta dissertação, pelo tempo que disponibilizou para discutir o período histórico desta dissertação e as respetivas problemáticas relativas ao tema. Apesar de todos os contratempos que esta dissertação enfrentou durante a sua escrita foi o melhor orientador que poderia pedir.

Gostaria de agradecer à minha família pelo apoio que me deram ao longo destes meses, especialmente aos meus pais e à minha tia Esmeralda, que desde o início da dissertação me perguntavam semanalmente se a tese já estava escrita.

Agradeço também à minha melhor amiga, Diana Andrade Palheiro, que me ajudou a tirar grande parte das fotografias para os anexos, tendo depois disponibilizado algum do seu tempo para me ajudar na edição das mesmas e desenhar a anatomia da espada. Da mesma maneira, tenho que agradecer à minha prima Rita pela ajuda em tirar as restantes fotografias que utilizei para esta dissertação.

No que toca à teoria e prática da utilização do armamento medieval tenho primeiro que agradecer ao meu Instrutor, Filipe Martins, pela sua participação nas fotografias dos anexos e também pelo tempo que disponibilizou ao longo destes últimos quatro anos no estudo da esgrima e que foi vital para esta dissertação.

Agradeço também ao meu colega José Paiva pelo tempo que disponibilizou este verão no estudo, comigo, da espada singela e do broquel.

Tenho também que agradecer ao meu Mestre de Armas, Fernando Brecha, e à Academia de Esgrima Histórica, pelos treinos e formação que me deram ao longo destes últimos quatro anos e onde pude conhecer grandes praticantes de Esgrima Histórica: Vasco Alves, Martim Antunes, Pedro Fonseca, Pedro Henriques, Pedro Fortunato, Jéssica Gomes, Pedro Brito, Orlando Silva e Luís França, a todos eles os meus mais sinceros agradecimentos.

Gostava, também, de agradecer à Professora Doutora Karin Verelst, da Universidade Vrije de Bruxelas, pelos conselhos e informação acerca da esgrima alemã e da sua escola.

Por último quero agradecer aos meus colegas de trabalho por estes longos e divertidos meses que passámos juntos.

A todos vocês, obrigado!

# INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo, estudar a espada medieval entre a *thesis* e a *praxis* durante os séculos XIV e XV, para a obtenção do grau de Mestre no curso de História Militar.

Ao fazer a investigação para esta dissertação, deparámo-nos com o facto de que em Portugal o tema da espada, é abordado apenas num plano mitológico, como objeto simbólico, e em algumas situações, a própria palavra espada, chega a ser utilizada como metáfora, sendo o manejo da espada e a aplicação de técnicas de combate bastante ignorado.

Na nossa opinião, o manejo de qualquer tipo de arma, especialmente o de uma espada, e por consequência, a neutralização de um oponente, são questões muito importantes e que parecem ter sido ignoradas, muito pelo facto de a sociedade atual, acreditar que durante a Idade Média, as espadas e as armaduras eram muito pesadas e que o vencedor de um combate acabava por ser a pessoa que batia com mais força. Contudo, como muitas vezes acontece, a realidade acaba por ser bastante diferente da informação que nos foi entregue pelos *media*. A espada medieval era uma arma relativamente leve e versátil, e o seu uso bem conhecido. Nos últimos séculos da Idade Média, foram escritos vários tratados, que ensinavam os nobres a lutar com vários tipos de armas, indicando que o manejo espada, não é feito de maneira violenta e tosca, mas sim seguindo uma arte própria, plena de sofisticação e de elegância.

São alguns dos motivos que nos decidiram a escolher este tema, muitas vezes ignorado pelo mundo académico, e que é o estudo da espada, nas suas características físicas e no seu manuseamento de acordo com a tratadística dos séculos XIV e XV. E por isso procurámos utilizar como fontes principais alguns desses tratados medievais, escritos tanto por autores anónimos como por mestres de armas.

Sobre a bibliografia consultada em muita dela temos de aceitar que grande parte dos historiadores não demonstra grande interesse pelo armamento utilizado durante aquele período da história. Para além dos trabalhos sistemáticos de Ewart Oakeshott<sup>1</sup> existe ainda uma grande falta de informação sobre o estudo das espadas, sobretudo na

---

<sup>1</sup> Ewart Oakeshott (1916-2002) foi um historiador inglês conhecido por ter feito várias contribuições para o mundo académico na área da arqueologia e história militar, sendo uma destas contribuições a criação de uma nova tipologia de espadas, que ficou conhecida pela tipologia de Oakeshott.

historiografia nacional. Ao todo esta dissertação tem cinco objetivos importantes, que se desdobram em cinco capítulos, todos eles focados na produção e uso da espada na Idade Média, nos séculos XIV e XV, mas apenas no combate de infantaria.

Num primeiro ponto o objetivo principal fixa-se na definição do que é uma espada, onde são explicadas as suas características físicas, a necessidade da sua existência, o simbolismo que a esta está associado, e a questão se esta arma pertence ao rei e à nobreza, ou não. Num segundo momento pretende-se estudar a distribuição desta arma na Europa e, também, a questão da utilidade das tipologias em relação à variação e modificação do armamento ao longo do período em estudo. Para o terceiro ponto iremos tentar responder a várias questões relacionadas com a produção e a distribuição deste tipo de armamento, as matérias-primas empregues e manutenção deste género de armas. O nosso quarto capítulo debruçar-se-á sobre o estudo da tratadística, onde irão ser estudados, e apresentados, alguns dos *fechtbuch*<sup>2</sup> e outros manuscritos que tiveram grande importância durante os séculos XIV e XV. Aqui os objetivos principais são perceber quem os escreveu e que tipo de técnicas de combate apresentam e desenvolvem. O quinto e último tópico terminam, por sua vez, a parte da *thesis* desta dissertação e inicia o contexto da *praxis*, onde abordamos questões sobre a biomecânica humana, várias técnicas de combate, a utilização da espada com e sem armadura, e também a utilização de outras armas, a que se acrescenta o fator psicológico do combate.

Em relação à *praxis* nesta tese, para além da utilização dos *fechtbuch*, iremos, também, aplicar a nossa experiência na HEMA - Historical European Martial Arts, na demonstração das técnicas de combate, que terão como objetivo demonstrar que a nossa conceção acerca do combate medieval com espada está, em muitos aspetos, errada, e de que os espadachins na Idade Média possuíam mais conhecimento do que lhes damos crédito, sobretudo quando aplicamos na prática as técnicas descritas nos seus tratados.

Uma nota final para indicar que a utilização da palavra espada ao longo da dissertação será usada como termo geral para referir o formato universal das espadas medievais, e quando for necessário explicar uma espada numa situação mais específica, será então diferenciado se a espada utilizada é uma espada singela ou uma espada longa.

---

<sup>2</sup> *Fechtbuch* - Livro de combate. Glossário, p. 105.

**1.**

**A ESPADA**



## 1.1. DEFINIÇÃO

Sobre a espada podemos afirmar que a melhor forma de a descrever é aceitar uma grande verdade universal. A de que é uma arma construída com um único objectivo: o de matar, ou de infligir dano suficiente para neutralizar o adversário contra o qual é usada. Por norma, aceitamos que existe uma diferença entre as palavras arma e ferramenta, porque uma ferramenta possui várias funções e objectivos. Mas se uma ferramenta for utilizada para matar, ou ferir um ser humano, passa imediatamente a ser considerada como uma arma, passando para segundo plano as suas funções anteriores, porque apesar de ainda poder cumprir essas funções, para as quais foi originalmente criada, o facto de ser usada como uma arma, anula todas as suas funções originais, ficando apenas a ideia de que serve só para matar.

Desde o início da história do ser humano, até aos dias de hoje, qualquer objecto encontrado na natureza, ou criado pelo Homem, pode ser utilizado como uma arma. No entanto, existem certas ferramentas que são desde o início consideradas armas, como por exemplo: espadas, lanças, arcos, maças de armas, chicotes de armas, etc., pelo facto de estes objectos terem sido desenvolvidos com o intuito específico e deliberado de causarem danos físicos em seres humanos.

A espada não é apenas uma mera «ferramenta» concebida e desenvolvida para matar. Representa mais do que isso nas diferentes sociedades humanas. É mais do que essa definição simplista, pois representa muitas outras categorias nas intrincadas hierarquias sociais dos humanos. E, também, não pode ser observada enquanto fenómeno tipológico único. A própria definição de uma espada só por si é uma tarefa difícil. Existem várias tipologias, que variam em dimensões, pesos e formas. Para além disso, o próprio manuseamento da arma varia, consoante o seu tipo e o período da história em que se enquadra e pode ser manejada com uma ou com as duas mãos – o que é uma variável muito interessante.

A espada é uma arma. E é composta por duas partes: uma lâmina e um punho. Acerca da lâmina podemos afirmar que as espadas podem ser divididas em três zonas distintas a que chamamos: forte<sup>3</sup>, médio<sup>4</sup> e fraco<sup>5</sup>. Para além destas três zonas, as

---

<sup>3</sup> **Forte** - Primeiro terço da lâmina que está mais perto do quadrão. Glossário, p. 105; Anexo C, p. 133.

<sup>4</sup> **Médio** - Zona que se localiza no segundo terço da lâmina. Glossário, p. 106; Anexo C, p. 133.

<sup>5</sup> **Fraco** - Terceiro terço da lâmina que se localiza no final da mesma. Glossário, p. 105; Anexo C, p. 133.

espadas podem apresentar, também, um ou mais sangradores<sup>6</sup>. Possuem duas faces<sup>7</sup> e no caso de algumas espadas existe ainda um ricasso<sup>8</sup>. No entanto, todas as espadas possuem um espigão<sup>9</sup> e uma ponta<sup>10</sup>. Por norma a maior parte das espadas têm dois gumes, aos quais chamamos gume falso<sup>11</sup> e gume verdadeiro<sup>12</sup>, mas em alguns casos existem espadas que apenas possuem um só gume, como é o caso da espada a que chamamos de *falchion* (ou falcata em português). Mas esta última tipologia não será alvo de estudo neste nosso trabalho, que pretende estudar apenas as várias espadas de dois gumes.

O punho da espada é, geralmente, composto por um quadrão<sup>13</sup>, um punho<sup>14</sup> e um pomo<sup>15</sup>. No entanto, a partir do séc. XV, ocorre uma evolução da espada singela, surgindo as espadas de lato ou espadas caranguejeiras. Este tipo de espadas começou por ter um ou dois anéis acima do quadrão, processo que mais tarde irá dar origem à espada a que chamamos de *rapier* ou espada roupeira. Relativamente às suas dimensões podemos afirmar, que dependendo da tipologia da espada, estas poderão apresentar entre 70 cm até 127 cm<sup>16</sup> de lâmina, e entre 15 a 40 cm de punho.

No caso das espadas medievais, existem quatro formas de empunhar esta arma, existe uma empunhadura de martelo<sup>17</sup> que em que a mão do seu utilizador agarra o punho da espada, como se estivesse a utilizar um martelo; uma empunhadura italiana<sup>18</sup>, em que o seu utilizador coloca o dedo indicador à frente do quadrão; uma empunhadura alemã<sup>19</sup>, onde o espadachim põe o polegar no centro do quadrão e, finalmente, uma empunhadura de duas mãos<sup>20</sup>, onde o utilizador segura a espada com as duas mãos. Para

---

<sup>6</sup> **Sangrador** - Zona na face da lâmina onde foi retirado um pedaço desta, com o objetivo de reduzir o peso da espada. Glossário, p. 107 ; Anexo C, p.133.

<sup>7</sup> **Face** - Zona da lâmina que não possui gume. Glossário, p. 105.

<sup>8</sup> **Ricasso** - Zona nos primeiros dois centímetros do forte da espada que não tem gume. Glossário, p. 107; Anexo C, p. 133.

<sup>9</sup> **Espigão** - Zona da lâmina que entra dentro do quadrão e punho da espada, encontra-se presa pelo pomo. Glossário, p. 105; Anexo C, p. 133.

<sup>10</sup> **Ponta** - Extremo oposto ao espigão, da lâmina, que pode ser utilizado para desferir cortes e estoques. Glossário, p. 106; Anexo C, p. 133.

<sup>11</sup> **Gume Falso** - Gume da espada que fica virado para nós. Glossário, p. 106.

<sup>12</sup> **Gume Verdadeiro** - Gume da espada que fica virado para o nosso oponente. Glossário, p.106.

<sup>13</sup> **Quadrão** - Zona do punho da espada que protege a mão. Atribui às espadas medievais europeias a sua semelhança a uma cruz. Glossário, p. 107; Anexo C, p. 133.

<sup>14</sup> **Punho** - Zona da espada que é agarrada pelo seu utilizador. Glossário, p. 106; Anexo C, p. 133.

<sup>15</sup> **Pomo** - Zona do punho da espada que prende o espigão e mantém a espada apertada. Glossário, p. 106; Anexo C, p. 133.

<sup>16</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 208.

<sup>17</sup> Anexo C, pp. 134-135.

<sup>18</sup> Anexo C, pp. 134-136.

<sup>19</sup> Anexo C, pp. 134-135.

<sup>20</sup> Anexo C, pp. 134-136.

cada uma destas empunhaduras existem vantagens e desvantagens para os seus utilizadores. No caso da empunhadura de martelo podemos dizer que esta não possui grandes vantagens iniciais, uma vez que a forma correcta de pegar na espada desta maneira, protege bastante os dedos. No entanto, esta forma de agarrar a espada restringe bastante a própria rotação da espada, o que é uma limitação. A empunhadura italiana permite um melhor controlo da espada. É mais fácil fazer rotações, como os movimentos de supinação<sup>21</sup> e de pronação<sup>22</sup>. O único ponto fraco desta pega acaba por ser a excessiva exposição do dedo indicador. Contudo, com o aparecimento das primeiras espadas de lato, esta pega tornou-se menos arriscada e muito mais vantajosa, e levou ao desenvolvimento da mais sofisticada *rapier*.

Explicando a empunhadura alemã, podemos dizer que ela permite uma maior rotação da espada, tal como movimentos de supinação e pronação, e também possibilita mais velocidade durante o combate. Por sua vez, o aparecimento deste tipo de empunhadura permitiu criar um sistema de combate novo que apareceu pela primeira vez com a «Escola» de Johannes Liechtenauer. Mas apesar destas vantagens, se as técnicas não forem corretamente utilizadas, o polegar do espadachim ficará muito exposto a um ataque do seu adversário. Já a empunhadura de duas mãos permite mais força, velocidade de rotação e maior alcance<sup>23</sup> ao seu utilizador, uma vez que são utilizadas as duas mãos, mas, também, a utilização da empunhadura de duas mãos, permite que um espadachim transite facilmente de uma empunhadura dupla de martelo, para uma empunhadura dupla italiana ou até mesmo para uma empunhadura dupla alemã<sup>24</sup>, o que por sua vez permite ao seu utilizador uma maior versatilidade em combate.

---

<sup>21</sup> **Supinação** - Movimento de rotação do antebraço, em que a palma da mão fica virada para cima. Glossário, p. 107.

<sup>22</sup> **Pronação** - Movimento de rotação do antebraço em que a palma da mão fica virada para baixo. Glossário, p. 106.

<sup>23</sup> Anexo C, pp. 135-136.

<sup>24</sup> Anexo C, pp. 134-136.

## 1.2. UMA ARMA NECESSÁRIA

O aparecimento da espada, é um marco importante na história da Humanidade porque ao contrário de todos os outros utensílios criados pelo ser humano. Acaba por ser uma ferramenta muito estranha e quase sem nenhuma aplicação numa utilização civil. A espada não é utilizada para produzir ou para dar origem a outras ferramentas, como é o caso do martelo, e também não é usada na caça, ao contrário de outras armas como a lança e o arco. Para a vida diária e normal dos humanos não tem uma aplicação directa, funcional e economicamente viável.

No entanto, quando se segue a ideia de que a espada é um arma, percebe-se finalmente a ideia que levou à sua origem, porque ao contrário da lança e do arco que podem ser utilizados para a caça e para a guerra, a espada é uma arma extremamente especializada, usada apenas para combater, por um ser humano contra outro. Ou seja, a espada acaba por ser a primeira arma a ser criada com o objectivo de matar outro indivíduo da mesma espécie, e nunca será utilizada para caçar, mas sim para fazer a guerra. Pequenas escaramuças entre as várias espécies de homínídeos, não seriam incomuns e estes utilizavam maioritariamente, pedras, paus e mais tarde lanças, mocos, machados e flechas com pontas de pedra, mas a presença da espada não se fazia sentir – era uma questão tecnológica.

Devido ao início da agricultura e ao domínio dos métodos de fundição com o aparecimento das primeiras civilizações humanas, o Homem começou então a forjar espadas durante Idade do Bronze. Estes primeiros espécimes eram feitos de bronze e com um formato muito semelhantes ao modelo de uma *rapier*<sup>25</sup>. Tinham uma ponta muito aguçada, mas ainda não possuíam espigão<sup>26</sup>. No entanto, com o passar do tempo, as primeiras espadas foram sofrendo várias alterações, quer no seu formato e peso, por causa da maneira de combater, e passaram a ser cada vez mais utilizadas como armas de corte e não como armas de estoque.<sup>27</sup>

Com a chegada da Idade do Ferro as espadas começaram a ser menos produzidas em bronze. O ferro era a nova tecnologia e fez com que a arma pudesse aumentar de tamanho, mudasse de formato e perdesse peso. Eventualmente, a espada começou a ser utilizada, principalmente, como arma de estoque, pelos legionários romanos.

---

<sup>25</sup> OAKESHOTT, *The Archaeology of Weapons...*, pp. 24-34.

<sup>26</sup> *Idem*, pp. 25-27.

<sup>27</sup> **Estoque** - Utilização da ponta da espada para fazer estocadas. Glossário, p. 105.

Inicialmente chamada de *xiphos*<sup>28</sup>, de origem grega, esta arma foi rapidamente adaptada e modificada pelas legiões romanas transformando-se no *gladius*.<sup>29</sup> Por sua vez o gládio sofreu várias alterações ao longo dos séculos seguintes, através do contacto que os legionários romanos tiveram com os outros povos que foram conquistando, sendo o aparecimento do *gladius hispaniensis*<sup>30</sup> um dos exemplos mais demonstrativos da evolução daquele tipo de espada.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, e a chegada da Alta Idade Média, a espada voltou a ser usada como arma de corte, perdendo o formato característico do gládio. É a partir deste período que a espada europeia começou a evoluir para o formato icónico predominante dos contextos medievais e modernos, com o aumento do comprimento da lâmina, um aumento de peso e o aparecimento de um quadrão mais desenvolvido.

Com o aparecimento de novas técnicas de forja que muito influenciaram os novos modelos de armamento defensivo passivo e do armamento defensivo ativo, começaram a surgir técnicas de combate específicas, para serem empregues no campo de batalha ou em combate individual. Todavia, o facto de neste período a maior parte do armamento defensivo passivo ser a cota de malha, a espada acabava por ser utilizada da seguinte maneira: para cortar as mãos ou braços desprotegidos dos adversários, para fazer estocadas<sup>31</sup>, ou cortes à cara do adversário, para fazer estocadas ao peito do adversário, com o objectivo de perfurar a cota de malha e o perponto, mas era principalmente utilizada para fazer cortes no adversário com o objetivo de partir os ossos que estavam protegidos pelo armamento defensivo passivo.

No século XIV, é possível afirmar-se que a espada já não é a única arma especializada para o combate entre dois seres humanos, fruto das grandes e radicais evoluções tecnológicas, tanto por parte do armamento ofensivo como defensivo. O que por sua vez significa que a evolução das técnicas metalúrgicas levou a que surgissem diferentes tipos de armamento ofensivo, como por exemplo: maças de armas, martelos de armas, chicotes de armas, bestas, machados, pontas de flecha e mocas de madeira reforçadas com ferro.

Por sua vez, a espada, apesar de já não ser a única arma especializada no confronto humano, continuou a sofrer várias alterações físicas e nunca caiu em desuso

---

<sup>28</sup> JAMES, *Rome & The Sword...*, p. 48.

<sup>29</sup> *Idem*, pp. 48-49.

<sup>30</sup> HINAREJOS, *Los Íberos y la guerra*, pp. 72-76.

<sup>31</sup> **Estocada** - Golpe em linha reta paralelo ao chão. Glossário p. 105.

até aos dias de hoje. Mesmo com a introdução das primeiras armas de fogo, a espada esteve sempre presente nos campos de batalha. No entanto, no final do século XX as espadas deixaram de ser utilizadas em batalha, mas continuaram a adornar os uniformes dos oficiais militares, conferindo ao seu portador um estatuto muito próprio e único. Tudo isto significa que a espada, desde a sua origem até aos dias de hoje, foi e continuará a ser, uma arma necessária e, essencialmente, simbólica.

### 1.3. UMA ARMA SIMBÓLICA

O século XIII viu surgir um novo paradigma, um novo código de conduta militar e social, traduzido num ideal de cavalaria, pelo qual todos os cavaleiros cristãos se deveriam reger. Regras como não atacar pessoas desarmadas, proteger os pobres, proteger as crianças e as viúvas, aparecem como sendo um primeiro código de conduta para a cavalaria, e sendo um dos seus visionários, Ramon Lull<sup>32</sup>.

Este primeiro código de conduta, ou código de ética, chamado de *Livro da Ordem de Cavalaria*<sup>33</sup>, foi escrito entre 1275 e 1280, e visava ensinar os cavaleiros cristãos a seguir os bons valores do catolicismo, tentando impedir as guerras entre cavaleiros cristãos, e direccionar esta força de guerra, para a protecção dos reinos cristãos contra os muçulmanos. A referência eram os cavaleiros Templários, que para Ramon Lull, assumiam a essência do ideal de cavalaria, porque eram cavaleiros e ao mesmo tempo monges, agregando-se numa ordem monástica militar.

No seu tratado, Ramon Lull apresenta as características físicas que um nobre deve ter para que se torne num bom cavaleiro, justifica as razões pelas quais o povo não pode ser cavaleiro, afirmando que:

«Tão alta e nobre é a ordem do cavaleiro que não bastou à ordem que o homem a fizesse das mais nobres pessoas; nem que o homem lhe doasse as bestas mais nobres nem que lhe desse as mais honradas armas, antes conveio ao homem que se fizessem senhores das gentes aqueles homens que são da ordem da cavalaria. E porque no senhorio há tanto de nobreza,

---

<sup>32</sup> Ramon Llull (1232-1316) foi um teólogo catalão. Durante a sua vida Ramon Llull escreveu *Libro de la Orden de Caballeria*, que tinha como objetivo ser um código de conduta para qualquer cavaleiro cristão.

<sup>33</sup> COSTA, *O livro da Ordem de Cavalaria*...

e na servidão tanto de submissão, se tu, que braças a ordem de cavalaria, fores vil e malvado, poderá pensar qual injúria fazes a todos seus submetidos e a todos companheiros que são bons, porque pela vileza em que estás, deverias ser súbdito, e pela nobreza dos cavaleiros que são bons, és indigno de ser chamado cavaleiro.”<sup>34</sup>, mas, também, «Eleição, nem cavalo, nem armas, nem senhoria não bastam à alta honra que pertence ao cavaleiro; antes convém que o homem lhe dê escudeiro e palafrenero que o sirvam e que cuidem das bestas. E convém que as gentes arem e cavem e traguem o mal para que a terra lhe dê frutos de que viva o cavaleiro e suas bestas; e que o cavaleiro cavalgue e senhoreie e haja bem-aventurança daquelas coisas em que seus homens são maltratados e sofrem malefícios»<sup>35</sup>.

Mas para além disto, Ramon Lull, também explica que para que um nobre se torne de cavaleiro precisa de ter uma boa constituição física e não poder ser nem muito velho, nem muito novo.<sup>36</sup> Também enumera as qualidades que um cavaleiro tem ter, e a importância de estarem, intrinsecamente, relacionadas com as sete virtudes do cristianismo.<sup>37</sup> E enquanto são explicadas estas qualidades e características, o autor também fala sobre o armamento ofensivo e defensivo que um cavaleiro deve possuir, explicando que cada peça de armamento tem um significado, e relaciona-as com as qualidades que um bom cavaleiro deve ter, ou seja, Ramon Lull, apresenta-nos, desta maneira, uma simbologia do armamento.

Sobre esse simbolismo do armamento do cavaleiro a espada acaba por ter um papel bastante importante, e afirma:

«Ao cavaleiro é dada a espada, que é feita à semelhança da cruz, para significar que assim como nosso Senhor Jesus Cristo venceu a morte na cruz na qual tínhamos caído pelo pecado de nosso pai Adão, assim o cavaleiro deve vencer e destruir os inimigos da cruz com a espada. E porque a espada é cortante em cada parte, e cavalaria é para a justiça, e justiça é dar a cada um o seu direito, por isso

---

<sup>34</sup> SOUSA, *Livro de Cavalaria*, p. 188.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 188.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 188.

<sup>37</sup> *Idem*, pp. 197-198.

a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro com a espada mantém a cavalaria e a justiça»<sup>38</sup>.

Ao dizer isto, o autor, reforça os valores do cristianismo ao comparar o formato da espada com o da cruz de Cristo e mais tarde atribuindo os valores da espada ao cavaleiro, especialmente, quando se refere aos dois gumes da espada. Porém, não é só com Ramon Lull que nos é apresentado o simbolismo da espada, histórias como a do rei Artur reforçam os valores cristão, enquanto apresentam da sua própria maneira a importância e simbologia da espada.

## 1.4. UMA ARMA DE REIS E DE NOBRES

Durante a Idade Média, a espada tal como foi referido antes, adquiriu um estatuto como arma associada ao grupo social de topo, à cavalaria, uma arma utilizada por nobres e reis para protegerem os seus súbditos e os valores da cristandade.

Se compararmos o tempo que demora a produzir uma espada com o de uma lança, verifica-se que o fabrico de uma lança é muito mais curto, uma vez que esta arma necessita apenas de uma folha<sup>39</sup>, uma haste<sup>40</sup> de madeira e um conto<sup>41</sup>. Uma espada demora mais tempo pois necessita de uma lâmina, um pomo, um quadrão e um punho, que podem até não ser feitos pelo mesmo armeiro. As espadas precisam, por vezes, de vários artesãos para serem terminadas.

Pode-se perguntar se o facto de esta arma ser mais difícil de produzir, não terá influência no seu custo? E, sobre isto, podemos afirmar que sim, pelo simples facto de que o tempo de produção e o nível de especialização necessários para produzir a arma ser superior, quando comparada com outras armas, como os machados e as lanças, o que torna o custo de uma espada superior ao daquelas armas, sobretudo as espadas altamente trabalhadas e decoradas e que seriam apenas utilizadas como objectos cerimoniais.

Nesta linha de reflexão podemos pensar que as espadas eram apenas uma arma de reis e de nobres, mas se considerarmos o aumento da mineração de ferro no século XII, e a evolução das técnicas metalúrgicas, as espadas tornam-se, lentamente, mais

---

<sup>38</sup> *Idem*, p. 198.

<sup>39</sup> **Folha** - Nome atribuído à cabeça da lança. Glossário, p. 105.

<sup>40</sup> **Haste** - Peça de madeira que compõem a lança. Glossário, p. 106.

<sup>41</sup> **Conto** - Parte inferior da lança que possui um pequeno espigão de metal. Glossário, p. 105.



acessíveis a um maior número de pessoas, o que aumenta a produção e a variedade de espadas na Europa nos últimos dois séculos da Idade Média. Aumento a que também o grande esforço militar das cruzadas não foi, certamente, estranho. Porém, quantas pessoas possuíam este tipo de arma? E quantas pessoas podiam ter armas em sua casa? A sociedade medieval europeia é uma sociedade armada:

«In general, most householders from the fifteenth to the seventeenth centuries armed themselves with swords and either a pole arm or a projectile weapon (a crossbow or a gun), although some men had all of these and others had no weapons at all»<sup>42</sup>.

«Late medieval ordinances required civilian guards to appear in nearly complete suit of armor and to carry swords and battle axes along with pole arms. Types of pole arms were not always designated in the ordinances, although in some cases a shift during the fifteenth century from pikes to halberds is noticeable. Firearms also begin to appear along with crossbows in defense ordinances as early as the late fourteenth century. Crossbows and guns are not mentioned in many defense ordinances of the fifteenth century, with guns gradually eclipsing crossbows entirely during the sixteenth»<sup>43</sup>.

«(...) Medieval and early modern theorists wrote not of right but of freedoms (Freiheiten or Libertates), which could also be understood as privileges accorded certain groups, such as citizens of a town or members of the merchant class, or even certain spaces, for example the space within the town walls or within a village. One of the privileges extended to all free men under German law was the freedom to resort to arms (...)»<sup>44</sup>.

Tendo em conta a informação referida antes, podemos concluir que durante a Idade Média, na zona a que podemos chamar actualmente Alemanha, os homens livres tinham o direito a ter armas e em muitas cidades os burgueses podiam transportá-las consigo, sobretudo se fossem realizar uma viagem a média ou a longa distância. Mas, o transporte de armas dentro de uma cidade

---

<sup>42</sup> TLUSTY, B.A., *The Martial Ethic in Early Modern Germany...*, p. 135.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>44</sup> *Idem*, p. 56.

ou vila, por exemplo, na Alemanha, dependia da legislação de cada cidade, como se depreende nas seguintes citações:

«(...) Persons who did not enjoy free status were certainly allowed to keep weapons in their homes, as well as to carry arms when travelling on the open road, and to use them to protect themselves, their families, and their property»<sup>45</sup>.

«(...) More often, what has been described as a ban on carrying weapons in literature was in fact only a situation limitation, for example a ban on walking the streets with concealed weapons, wearing certain kinds of swords, or carrying weapons after dark. In some cases bans on swords applied only to visitors, not to local residents. General bans on carrying weapons within city walls did exist in the Middle Ages, but laws such as that of thirteenth-century Freiburg, which expressly allowed “all citizens and merchants, poor and rich” to carry “any kind of weapons that they have,” including swords, bows, crossbows, and even pikes, were also common»<sup>46</sup>.

«Local laws in Nuremberg from the thirteenth to the fifteenth centuries were particularly strict, forbidding residents from carrying swords or other weapons entirely on pain of a fine plus loss of the weapon. Fines were doubled for bringing weapons into public houses, the control of which fell to the innkeepers»<sup>47</sup>.

«Many other cities allowed their citizens to carry swords during the fifteenth century. In Ausburg, fourteenth-century laws limiting the length of swords and other blades were loosened for locals in the fifteenth century to apply only to exposed or unusual weapons, even at night. Nördlingen’s restrictions on carrying swords were also limited to non-residents. In other cities, weapons were often limited by length rather than type. In other cities, weapons were often limited by length rather than type. (...)»<sup>48</sup>.

Tendo em conta esta informação, podemos então começar por nos questionarmos se a espada é mesmo uma arma de reis e de nobres, ou não. Se tivermos em conta a

---

<sup>45</sup> *Idem*, p. 57.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 57.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 61.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 61.

informação acima referida, poderíamos pensar que a espada não é uma arma de nobres e de reis pelo facto de qualquer homem livre poder ter na sua posse uma espada desde que tenha meios financeiros para a poder obter. O facto de a espada poder ser utilizada por qualquer membro da sociedade leva-nos a concluir que a espada não é, apenas, uma arma apenas de nobres e reis. Em primeiro lugar, no campo de batalha, a espada não é a primeira arma a ser utilizada e é pouco adequada para combate contra indivíduos equipados com armadura. Tal significa que os nobres tiveram que recorrer a outras armas para ultrapassar o armamento defensivo dos seus adversários. Em segundo lugar, durante este período da história, ocorre uma evolução nas técnicas de mineração e de metalurgia, o que vem ajudar a melhorar a produção de armamento. Em terceiro lugar algumas cidades medievais, especialmente as do norte da Europa, permitem e obrigam as suas populações a ter armamento adequado nas suas casas. Numa última perspetiva podemos dizer que a espada manteve ao longo dos séculos medievais um grande simbolismo, sempre relacionado com a nobreza e a cavalaria, numa ideia que se perlongou até aos dias de hoje.

**2.**

## **A GEOGRAFIA DA ESPADA**

## 2.1. O Norte da Europa, o Centro da Europa, A Península Ibérica

Quando se fala sobre a espada medieval muitas vezes pensa-se numa espada pesada, comprida e que é utilizada para efetuar golpes sem qualquer técnica, como se fosse uma moca de madeira. E quando se fala da espada de heróis nacionais, como é o exemplo da espada de D. Afonso Henriques, esta é imaginada como uma arma desmesurada, maior que um homem, muito pesada, com mais de quinze quilogramas, e que só poderia ser utilizada, de facto, por este herói. Será isto verdade?

Sobre este assunto podemos começar por afirmar que os mitos e lendas, que pertencem a um mundo fantástico, são bastante diferentes dos acontecimentos do mundo real. Tendem a exagerar a realidade apresentando sempre espadas e outras armas, que devido ao seu peso, apenas os seus donos as poderiam utilizar. No mundo real, as dimensões e pesos das armas são restritas à capacidade física, dimensões, técnica e estilo de combate dos seus utilizadores, ou seja, surgem limitações no peso e nas dimensões das armas. As armas dos heróis, exageradas, não podiam ser usadas por ninguém, nos combates reais. Contudo, podemos sempre questionar-nos se existiram armas que teriam ido além das dimensões normais e com peso superior a 2,5 kg? Se prestarmos atenção aos espólios de vários museus militares verificamos que em alguns aparecem espadas com pesos que não permitiriam a sua utilização no campo de batalha. No entanto, o facto de estas armas poderem ser de tal maneira exageradas relaciona-se com o facto de serem, sobretudo, armas cerimoniais, como é o exemplo de um montante<sup>49</sup> que está no Museu Militar de Lisboa<sup>50</sup>, mas que nunca teve como objetivo ser utilizado no campo de batalha, devido ao seu peso excessivo, o que por sua vez torna esta arma demasiado desequilibrada para ser manejada corretamente e impossibilita a sua utilização no campo de batalha. Apesar de tudo disto existiram sempre certas armas que ao longo da história foram apenas utilizadas por pessoas com características físicas muito específicas. É o caso dos famosos *HouseCarls*, que utilizavam machados de duas mãos, de grandes dimensões, no exército de Harold Godwinson, na batalha de Hastings.

No século XIV começaram a surgir espadas chamadas de montantes, ou em alemão: *zweihänder*, que podiam chegar a medir dois metros, influenciando modelos

---

<sup>49</sup> **Montante** - Espada de duas mãos do século XVI que pode ter um comprimento total de 160cm a 200cm. Glossário, p. 106.

<sup>50</sup> Museu Militar de Lisboa, número de inventário: MML00033.

que mais tarde começaram a ser utilizados por mercenários suíços, e com o mesmo tamanho que os montantes. As dimensões de uma arma estão diretamente relacionadas com a capacidade física e demais características do seu utilizador, independentemente do século em que esse guerreiro viva.

Se dividirmos a Europa em três zonas: o norte, o centro e o sul, verificamos que existe uma grande diferença entre estas populações, não apenas culturais, físicas, geográficas, de linguagem, etc., mas não tanto na produção de armamento. Sobre tudo no que diz respeito às espadas. Os tipos de espadas que essas diversas culturas utilizavam eram relativamente iguais, com muitos dos modelos a espalharem-se entre populações bem diferentes e até afastadas geograficamente. A maior diferença, por vezes única, entre essas espadas, estava na decoração e no formato dos pomos e dos quadrões, muito devido às preferências dos seus utilizadores, mas também pela «moda» seguida em cada região<sup>51</sup>. Só em muito poucas situações é possível verificar alterações suficientes no quadrão e no pomo das espadas de forma a podermos admitir que existe um pomo e um quadrão único para uma região específica. Esta parece ser uma situação evidente nas seguintes citações:

«And since, until perhaps the turn of the 13<sup>th</sup> – 14<sup>th</sup> centuries there was hardly any stylistic difference in the form of the swords found from Finland to Spain and from Wales to the Caucasus, there is neither point nor profit in trying to give any sword a local habitation and a name. We can say it is Western European; there are occasions when it may be reasonable to suggest that it is Southern European, or Eastern European, but these occasions are rare. There are a few hilt-forms – I can only think of three – which seem to have a locality – one in Scandinavia generally; one in Denmark specifically (but this is late, of the 15<sup>th</sup> century) and one in the Levant, a characteristic, crude, home-made iron hilt generally associated with a blade of very poor quality.»<sup>52</sup>

«The typologies of Petersen and Behmer do suggest that certain forms of hilt or scabbard-mount originated in certain localities. Petersen in particular is able to place hilt-types according to their distribution in graves or in casual finds; even so, thickly as various forms are found together in various places, this takes no account of the widespread roving of their owners. Take a specific example, his Type K.

---

<sup>51</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, pp. 2-7.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 7.

Several have been found in France. There are some from graves in Ireland, and one from a grave at Knin in Yugoslavia. Could one say then that Type K is Frankish, or Irish (Norse-Irish, of course) or Slavic?»<sup>53</sup>.

Em segundo lugar apesar de sabermos que existem várias cidades medievais onde espadas e armaduras eram produzidas, não nos é possível saber com certeza o local certo onde uma espada foi produzida, quem a fabricou, o caminho que esta arma percorreu, uma vez que estas informações não estão documentadas.<sup>54</sup> Apenas conseguimos saber, com muita precisão, o local onde uma espada foi descoberta, quando recuperada em contexto arqueológico, mas pouco se pode perceber como esta chegou a este local, a não ser que seja um campo de batalha, pois aí temos outros contextos de informação. Para fundamentar este ponto podemos seguir o exemplo dado na seguinte citação:

«Any sword, found anywhere, may have passed (and probably did pass) through many hands in places all over Europe and the Near East. For instance, a blade is forged at Passau, on the Danube, in 1258. It is hilted maybe in Milan; or maybe in Gloucester, or Norwich, or Gisors, or Caen or Montpellier, or Burgos, or Jerusalem, or Cracow. Then it is bought by a young knight in Antwerp, whence it has come in the baggage of one of the travelling salesmen who continually moved across the face of the nations. This knight is involved in a tournament at Beauvais, is unhorsed by a knight of Prussia who, in accordance with the rules of chivalry, takes the sword. He is Killed in Lithuania, and the sword falls into the hands of a squire of Poland, who takes it home; he in turn goes to the Holy Land, where he strikes up a close friendship with a young knight from Cambridge. The Polish squire dies, and gives the sword to his friend, who goes home in 1272 and lives peacefully in his manor at Stretham until 1310. On his death, at his specific request, the sword is thrown into the Ouse. So what 19<sup>th</sup> or 20<sup>th</sup> century antiquarian can say it is probably English? The last person to have owned it might have been English – but then, in all those centuries of the Hight Middles Ages, any knightly person in England was just as likely to be Flemish, or French, or Spanish, or Bavarian...»<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>54</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>55</sup> *Idem*, p. 7.

Em terceiro lugar, verificamos que durante a Alta Idade Média a maior parte da evolução do armamento ofensivo e defensivo ocorre na Europa do Sul e no Centro da Europa, mas em relação à Europa do Norte não existe muita informação disponível. Se começarmos por falar sobre a evolução do armamento ofensivo e do armamento defensivo, verificamos que é muito mais fácil atribuir a origem do armamento defensivo do que a do armamento ofensivo, especialmente para os finais da Alta Idade Média.

Um desses casos é o da cota de malha, que foi a o armamento defensivo passivo mais utilizado durante grande parte dos tempos medievais. Esta armadura começa a ser utilizada desde o Império Romano com o nome de *loriga amata*<sup>56</sup>, ganhando bastante popularidade a partir da queda do Império Romano do Ocidente. No entanto, esta peça de armamento defensivo passivo começa a desaparecer dos campos de batalha pelo século XIV, quando começou a ser substituída por placas de aço, como por exemplo: os peitorais, grevas, guantes e ombreiras, que por sua vez permitiam uma melhor proteção do corpo, e também uma melhor distribuição do seu peso.

O século XIV, que foi um período de transição, vê, por sua vez, a utilização da cota de malha para proteção de zonas do corpo que teriam que se manter flexíveis, e que não poderiam ser cobertas por placas de aço. Zonas como as axilas, os cotovelos, a área atrás dos joelhos, as virilhas e a garganta.

E para além da alteração do armamento defensivo, surge também uma modificação do armamento ofensivo, ou seja, as espadas singelas, que eram utilizadas para corte, caem em desuso porque não conseguem atravessar as armaduras e acabam por sofrer alterações, sobretudo para que sejam utilizadas para estoque, de maneira a penetrar nas brechas das armaduras.<sup>57</sup>

A utilização de espadas longas começa a aumentar pelo facto de o aumento das proteções corporais permitir libertar a mão esquerda do escudo. Mas a utilização de escudos não cai em desuso, por causa do uso de outras armas, como a maça de armas, o chicote de armas e o martelo de armas.

Esta evolução do armamento defensivo e ofensivo terá sido semelhante em quase toda a Europa e aconteceu gradualmente.

No século XV as armaduras são quase compostas, na sua totalidade, por placas de aço, mas a cota de malha é apenas utilizada em pequenas zonas do corpo. E é,

---

<sup>56</sup> OAKESHOTT, *The Archaeology of Weapons...*, pp. 66-67.

<sup>57</sup> LINDHOLM,, *Sigmund Ringeck's...*, pp. 198-199.



exatamente, neste período que surgem duas armaduras, atribuídas a dois locais muito específicos da Europa. A chamada armadura Gótica<sup>58</sup>, que vem da zona a que hoje chamamos Alemanha, e a armadura Milanese<sup>59</sup>, proveniente de Itália. A armadura gótica possui uma aparência bastante simétrica, formada por várias linhas e protuberâncias, que tinham como objetivo deflectir os golpes dos adversários. Já a armadura milanese, era desproporcionada do lado esquerdo do corpo para dar resposta à maior parte dos golpes efetuados pelos adversários e que tinham como objetivo atingir o flanco esquerdo. Para garantir a segurança do seu utilizador, o lado esquerdo do corpo era, por sua vez, construído de maneira a ser maior e mais forte. Sabemos que existe, pelo menos, uma armadura característica do Sul da Europa, e uma armadura característica do Centro da Europa, mas, relativamente, ao Norte da Europa, não existe informação concreta sobre a existência de uma armadura específica.

Numa outra perspetiva podemos, ainda, acrescentar o tópico da localização dos manuscritos de esgrima, ou *fetbutch*, onde verificamos que durante os séculos XIV e XV quase todos os manuscritos foram escritos na Itália, e no que podemos chamar hoje em dia, a Alemanha<sup>60</sup>, ou seja, novamente no Sul da Europa e no Centro da Europa. Relativamente ao Norte da Europa não existem quaisquer tratados de esgrima ou manuscritos escritos durante estes dois séculos. Isto não significa que não se praticasse esgrima, ou não se utilizassem as mesmas armas naquela zona da Europa medieval, apenas indica que nenhum mestre local escreveu sobre a arte da esgrima, ou que por agora esse manuscrito ainda não foi descoberto.

A partir destes quatro pontos, podemos concluir que não é possível fazer uma distribuição correta para qualquer tipo de espada medieval, uma vez que as espadas e os seus possuidores poderiam estar em constante circulação. E, de certa maneira, podemos também concluir, que durante os séculos XIV e XV, a maior parte da evolução do armamento, e quase toda a informação sobre a arte da esgrima, incidiu mais no Centro e no Sul da Europa.

---

<sup>58</sup> PFAFFENBICHLER, *Artesanos Medievales. Armeros*, pp. 26-30.

<sup>59</sup> Idem, pp. 26-30.

<sup>60</sup> WIKTENAUER, “A HEMA Alliance Project, Treatises”.

## 2.2. Tipologias, funções e variações

Ao longo dos vários séculos verificamos que qualquer arma acaba por sofrer alterações físicas, sejam estas mudanças feitas através da modificação do peso, do formato e do comprimento da arma. Se pensarmos na espada percebemos que esta arma também não é diferente. Desde o seu aparecimento na Idade do Bronze e até ao século XXI a espada sofreu sucessivas modificações, provocadas pela constante evolução do armamento defensivo e pelas diversas técnicas de combate aplicadas ao longo dos tempos.

No entanto, é necessário ter em conta que a evolução de uma arma não é sempre linear. Corresponde a um conjunto de ramificações e de processos semelhantes à evolução do Homo Sapiens, onde a arma mais adaptada para o combate sempre foi desenvolvida e modificada de maneira a responder às necessidades dos seus utilizadores. Durante o período medieval surgiram vários tipos de espadas, que foram constantemente desenvolvidos criando uma enorme variedade de modelos a necessitarem de ser catalogados. No século XX alguns historiadores tentaram catalogar as espadas através de uma única tipologia. Dois deles foram Jan Petersen<sup>61</sup> e Elis Behmer<sup>62</sup>, que criaram uma tipologia para espadas do período viquingue. Porém esta e outras listagens tipológicas apenas se focam na catalogação e qualificação dos pomos e dos quadrões, ignorando as lâminas das espadas.

A partir daquelas tipologias surge uma listagem «revolucionária», a de Ewart Oakeshott<sup>63</sup>, que tem como objetivo catalogar as espadas europeias desde o período médio medieval até ao Renascimento, utilizando para isso os pomos, punhos e quadrões, dando grande ênfase ao formato e às dimensões das lâminas das espadas. Para fazer isto, Ewart Oakeshott, segue os passos da tipologia de Petersen, mantendo a sua forma de catalogar as espadas usando numeração romana<sup>64</sup>, isto significa que Oakeshott começa a sua tipologia onde Petersen tinha terminado, iniciando, por sua vez, uma tipologia em X até XXII, como podemos seguir na seguinte citação:

«Petersen numbered his types and sub-types in Roman letters from A to X and Y, so, for the sake of sensible continuity. I made my first type X, tem, and numbered

---

<sup>61</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 2.

<sup>62</sup> *Idem*, p. 1.

<sup>63</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>64</sup> *Idem*, p. 2.

them off in Roman figures up to XX. My Type X was the same, basically, as Petersen's swords in his X and Y categories, so I went straight on, only moving from letters to numerals»<sup>65</sup>.

Enquanto catalogava as lâminas das espadas, Oakeshott acabou, também, por listar tipos de pomos e de quadrões utilizados, mas ao contrário da catalogação das lâminas através da numeração romana, Oakeshott catalogou os pomos com letras de A até Z<sup>66</sup>, enquanto que os quadrões são listados com números de 1 a 12.<sup>67</sup>

Durante a criação da sua própria tipologia, Oakeshott, verificou que em muitas situações existiam certos pomos e quadrões, que apareciam constantemente na mesma tipologia das espadas, o que lhe parecia poder implicar uma preferência, ou até mesmo, a existência de uma moda, para a junção de certos pomos e quadrões em determinados períodos da história. O que levou a que Oakeshott fizesse algo inovador, que foi agrupar os pomos e os quadrões em famílias, atribuindo-lhes números de A a M<sup>68</sup>. Contudo, é necessário ter em conta, tal como Oakeshott explica no seu livro, que apenas são catalogadas na sua tipologia as espadas medievais com dois gumes:

«All the types have blades with two edges; backswords (single-edged blades) and the various forms of curved sword are studies in their own right, and are not included»<sup>69</sup>.

Oakeshott ao criar a sua tipologia, não pretendia criar uma tipologia universal onde se pudessem encontrar todas as espadas europeias, mas sim dar alguma organização ao tradicional processo «caótico» da catalogação de espadas medievais<sup>70</sup>, particularmente, na seriação da tipologia de espadas com dois gumes e que apresentem uma lâmina que não seja curva. Catalogar cada espada, de acordo com a sua tipologia, revelou-se uma imensa e laboriosa tarefa, com o aparecimento de uma imensa variação de modelos dentro do mesmo tipo e que obrigou o autor a criar subgrupos, de forma a manter uma estrutura suficientemente organizada na sua construção tipológica:

---

<sup>65</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>66</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>67</sup> *Idem*, p. iX.

<sup>68</sup> *Idem*, p. 12.

<sup>69</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>70</sup> *Idem*, p. 2.

«In describing the type, I shall add to each its average dimensions, and weight, but it must be understood that such and average will of necessity be vague, for there was in some types (such as XVI, XVII and XVIII) a great deal of variation. Some types have one or more sub-types, which are designated by addition of a,b or c»<sup>71</sup>.

Apesar de Oakeshott tentar catalogar o maior número de espadas possíveis, acabou por encontrar modelos que não conseguiu introduzir no catálogo enquanto espécimes «puros» devido à enorme variedade de lâminas, pomos e quadrões, referindo-se a elas como «inclassificáveis»:

«It is inevitable that in formulating a typology it will be found that there are objects which cannot be put into any specific group category. This is particularly true in the case of swords. From the iron age to the Renaissance, as we have seen, swords can be firmly put into types and families, but after c.1500 (or even 1480) the variations in blade, and hilt-forms so proliferated that accurate – even approximate – classification becomes impossible. It has been tried (I have tried it) but always the exceptions outstrip the rules»<sup>72</sup>.

Para além de existirem espadas que o próprio Oakeshott não conseguiu classificar e organizar, o autor interroga as listas que vai produzindo à medida que o processo avança, na definição da datação de uma espada, o local onde esta foi encontrada, as suas inscrições, o seu estado de conservação, aparência física da arma, o local onde esta foi produzida, quem a produziu, a sua distribuição (e o caminho utilizado durante o seu transporte), bem como os seus destinatários finais<sup>73</sup>.

Na forma como se procura datar uma espada todo o processo se inicia com a avaliação da sua aparência física: o seu pomo, quadrão e lâmina, com o objetivo de encontrar outras espadas com características semelhantes. Em muitos casos, porém, devido ao estado de conservação da própria arma, não se consegue dar uma resposta concreta em relação à sua datação, como aquele autor destaca:

«When we come to consider the question of dating we are on much more difficult grounds, for with the exception of a very few surviving swords which can clearly

---

<sup>71</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>72</sup> *Idem*, p. 221.

<sup>73</sup> *Idem*, pp. 2-16.

be dated to within a span of a few years, most swords have nothing to offer but the internal evidence of their own form, condition, or in rare cases, of the inscriptions upon the blade»<sup>74</sup>.

Se considerarmos as armas que são encontradas dentro de túmulos de reis, é possível atribuir uma datação ligeiramente mais precisa à arma. Sabemos o local e a data em que a arma foi depositada para a eternidade, mas desconhecemos o momento em que foi fabricada. Levanta-se aqui uma questão, que é a de sabermos se a datação de uma espada deve começar a partir do momento em que a lâmina é forjada por um armeiro, ou a partir do momento em que a espada foi montada com o seu respetivo pomo, punho e quadrão. E esta é uma questão a que o próprio Oakeshott não consegue responder, por não existir uma conciliação para o momento em que uma espada começa a ser uma espada:

«In considering the possible date of a sword, we have to have some idea of what we mean by its 'date'. Is it the time at which the blade was made? Is it the time at which the blade was mounted in its hilt - a time which could well have been several year after the actual forging of the blade, just as that mounting could have taken place in a region far from the place of forging?»<sup>75</sup>

Isto pode significar que as espadas poderiam não ser montadas no seu local de origem e pela pessoa que produziu a lâmina. Podem existir dois locais, o de produção e o da montagem final, e dois armeiros diferentes que, em momentos diferentes produziram a arma. Outro assunto, para lá do momento e do local de produção de uma espada, é o do tempo de vida útil daquela arma. Segundo Oakeshott, uma boa espada poderia sobreviver durante várias gerações e sofrer várias transformações, sobretudo ao nível do pomo e quadrão:

«(...) Also, in its time a good blade may have been re-hilted more than once, just as a hilt may have been mounted upon several blades. We know from the clear evidence of Norse sagas that a good sword may have been in use over a long period, eve across several generations, and though such documentation does not

---

<sup>74</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>75</sup> *Idem*, p. 2.

exist except in anecdotal form for the High Middle Ages, we have reason to believe that cherished swords were carried often by grandsons of the original owner»<sup>76</sup>.

«So the date of a sword's usage might span a century or two, which is of no use in dating it. Therefore we have to make some attempt to strike a mean, and try to assess the time at which blade and hilt came together to make a living sword»<sup>77</sup>.

«(...) but it must always be remembered that it was (and still is) the easiest thing in the world to dismount a sword and alter its hilt, either in whole or in part, by replacing the pommel or cross with one either more fashionable, more to one's personal taste, or to give the sword a better balance. So we might have a blade of a sword forged in Germany in the 1360s with a cross made in Italy in 1420 and a German or Burgundian pommel of 1475»<sup>78</sup>.

Falando agora sobre o local onde as armas são encontradas, a não ser que as espadas sejam encontradas em locais muito específicos, como por exemplo em túmulos de reis, não é possível determinar, na maior parte das vezes, quem foi o dono dessa espada, nem os acontecimentos a que levaram a que essa espada se encontre nesse local<sup>79</sup>. Poderíamos pensar que sítios onde ocorreram grandes batalhas seriam lugares ideais para encontrar qualquer tipo de armamento utilizado, no entanto, tal como é explicado por Oakeshott<sup>80</sup>, isto não acontece, uma vez que no final de uma batalha, verificar-se ia a recolha de todo o tipo de armamento e bens que fossem úteis, ficando apenas para trás os corpos e o equipamento demasiado danificado para poder ser aproveitado. De acordo com o autor, as únicas espadas que são encontradas estão, na maior parte das vezes, em locais remotos onde não ocorreu nenhuma batalha, como em lagos e pântanos, o que significa que poderiam ter sido ritualmente depositadas (em semelhança ao mito arturiano<sup>81</sup>), ou em locais, onde apesar de ter ocorrido uma batalha, o armamento encontrado é descoberto a alguns quilómetros de distância, o que pode levantar alguns problemas:

---

<sup>76</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>77</sup> *Idem*, p. 2.

<sup>78</sup> *Idem*, p. 3.

<sup>79</sup> *Idem*, pp. 3-7.

<sup>80</sup> *Idem*, p. 4.

<sup>81</sup> *Idem*, pp. 3-5.

«(...) To be able to say that a certain sword was found on the site of a certain battle, thereby providing a firm *terminus post quem* date, is of no use at all. If half-a-dozen swords, an axe or two, dozens of arrow heads and many spears, were to be found on a battle-site, this would be evidence. But it never happens; it is only the isolated sword that is generally found in a stream or a pond near to a battle-site. After any battle, all the debris of value – and swords above all weapons were of great value, as well as being easily portable – was collected up; all the armour, clothes, jewelry or any other moveable property left upon the dead was stripped off before the bodies were put into pits. The only example so far discovered where there is some armour in grave-pits was found a century or so ago in Gotland, on the site of a battle which took place outside of the town of Visby on a hot August afternoon in 1361»<sup>82</sup>.

As inscrições presentes nas espadas podem servir como fator decorativo, ou como uma espécie de selo de qualidade para o trabalho de um armeiro. Se considerarmos estas inscrições enquanto elemento decorativo, podemos encontrar vários símbolos<sup>83</sup>, ou frases escritas em várias línguas, sendo a maioria dos casos em latim<sup>84</sup>. A utilização destas inscrições não serve, em muitas das situações, para identificar o local de origem ou a data de produção de uma espada, já que as inscrições podem ser feitas alguns anos depois de a arma já ter sido produzida<sup>85</sup>, e de ter passado por várias mãos, sendo disso um grande exemplo as espadas de Alexandria, um conjunto de espadas medievais europeias que foram encontradas num arsenal na cidade de Alexandria, possuindo todas elas inscrições em língua árabe<sup>86</sup>.

No caso em que as espadas possuem inscrições enquanto selo de qualidade, uma marca posta pelo armeiro, temos um caso muito conhecido: o das espadas medievais que possuem a inscrição *ULFBEHRT*<sup>87</sup>. A utilização desta inscrição permite, atualmente, apontar para um período de tempo específico em que a inscrição foi utilizada, e numa tipologia precisa. No entanto, o facto de existirem espadas com a palavra *ULFBERHRT* escrita incorretamente pode significar que certas pessoas tentaram copiar a marca daquele armeiro, tentando aproveitar-se para conseguirem vender mais espadas. Subsiste, ainda, a dúvida se esta inscrição pertenceria apenas a um

---

<sup>82</sup> *Idem*, p. 4.

<sup>83</sup> *Idem*, p. 83.

<sup>84</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>85</sup> *Idem*, pp. 5-7.

<sup>86</sup> *Idem*, pp. 197-206.

<sup>87</sup> *Idem*, p. 5.

armeiro singular ou a uma corporação de armeiros, o que, eventualmente, pode ajudar a explicar o elevado número de espadas com a palavra *ULFBEHRT*, tal como é referida na tipologia X, de Oakeshott<sup>88</sup>. Para além da inscrição *ULFBEHRT*, os armeiros deixavam uma pequena marca no armamento que produziam, fossem espadas ou armaduras<sup>89</sup>. No caso das espadas, os armeiros podiam deixar a sua marca ou na lâmina, ou no espigão, ou no pomo da arma<sup>90</sup>. Contudo, existe o problema de os vários componentes da espada serem, muitas vezes, produzidos por armeiros diferentes, surgindo, por isso, várias marcas diferentes em vários locais da espada, o que sugere a questão da possibilidade de os vários componentes da arma serem forjados em pontos diferentes da Europa e se o foram, quais as vias de deslocação que essas diferentes peças seguiram? Outro problema reside na dificuldade em saber os nomes dos muitos armeiros que a Europa medieval conheceu e a sua relação com as marcas feitas nas armas. Ao contrário da informação que se conhece sobre os armeiros que fabricaram armaduras, não existe grande informação sobre os nomes dos que produziram espadas e as marcas que deixaram.

A partir de toda esta informação podemos, então, dizer que apesar de a tipologia de Oakeshott servir para catalogar uma quantidade considerável de espadas, existem ainda armas que não conseguem ser catalogadas naquela tipologia por serem únicas e possuírem demasiadas variações. Temos, também, a situação de espadas que são descritas e representadas na tratadística e nas iluminuras medievais, e que caso fossem encontradas dificilmente poderiam ser catalogadas, sendo isto bem evidente no tratado escrito pelo Mestre Fiore Dei Liberi, chamado *Fior di Battaglia*, na versão Getty<sup>91</sup>.

---

<sup>88</sup> *Idem*, pp. 23-52.

<sup>89</sup> PFAFFENBICHLER, *Artesanos Medievales. Armeros*, pp. 29-30.

<sup>90</sup> OAKESHOTT, *The Archaeology of Weapons, Arms and Armour...*, p. 326.

<sup>91</sup> MS. Ludwig XV 13.



**3.**

## **A PRODUÇÃO**

### 3.1. MATÉRIAS-PRIMAS

Ao analisarmos qualquer espada medieval, seja esta uma espada singela ou uma espada longa, verificamos que é composta em grande parte por uma matéria-prima muito importante, o ferro. A lâmina da espada é feita de ferro, o pomo é feito de ferro e o próprio quadrão é, por sua vez, também, composto por ferro. No entanto, existe uma parte da espada que não necessita de uma liga metálica, e que é o punho da espada, já que pode ser feito com madeira. Mas para além do ferro é necessário ter em conta mais algumas matérias-primas, como a madeira, couro, têxteis e minérios preciosos, tais como o ouro e a prata<sup>92</sup>. Começando por falar sobre os metais necessários para o fabrico de uma espada, e os metais utilizados para a sua decoração no punho, quadrão e pomo, podemos dizer que a sua mineração já era feita muito antes do período grego, tendo depois sofrido grandes progressos durante o período romano ao serem exploradas diversas minas em vários locais da Europa:

«It is not possible to determine whether the Roman conquests and the founding of the Roman Empire Slowed down this progress. In any event, progress continued in the sense that the production of metals went on increasing at least for several generations. Many mines were opened in Spain, Britain, Gaul and in the Alpine regions south of the river Danube»<sup>93</sup>.

Mas com a queda do Império Romano do Ocidente, ocorre uma quebra nos níveis de mineração<sup>94</sup> que só voltará a ver grandes empreendimentos a partir dos séculos X e XI, ao serem reaproveitadas minas antigas, mas também ao serem abertas minas em locais que não tinham sido anteriormente explorados, como na atual Alemanha:

«Nos séculos XI e XII, a mineração cresceu nas montanhas (de tal forma que a mesma palavra era usada para designar o minerador e o montanhês); no Harz, Vogos, Jura e, especialmente, nos Alpes orientais, as explorações de ouro, prata, chumbo, cobre e ferro tornaram-se numerosas»<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 108.

<sup>93</sup> CLARKE, *The Cambridge Economic History of Europe...*, p. 694.

<sup>94</sup> HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, pp. 182-183.

<sup>95</sup> *Idem*, p. 182.

«Ores near the surface containing silver and gold were fewer and less fruitful west of the Rhine and the Alps. It was partly the accidents of nature that made Germans, rather than other western peoples, the leaders in mining and metallurgy from the twelfth to the sixteenth centuries»<sup>96</sup>.

«A população crescente, a partir de princípios do século XII, exigia mais relhas de arado, ferramentas, eixos, caldeiras, mais âncoras, quilhas e pregos para a construção naval, mais armaduras, lanças, espadas e punhais. Estíria, Caríntia e as províncias bascas de Biscaia e Guipuzcoa eram principais áreas exportadoras e, em menor grau, a Hungria, Suécia e Vestfália»<sup>97</sup>.

Devido à constante necessidade de minérios de ferro para a produção de vários objetos, como as ferramentas agrícolas, mas também de prata e ouro para a produção de moedas e peças de ourivesaria, ocorre um constante progresso no processo de mineração durante a Idade Média, como se percebe no incremento de diversa legislação e regulamentação sobre a exploração de metais<sup>98</sup>. Devido às evoluções constantes das técnicas de mineração e de metalurgia ocorre uma «explosão» na mineração e produção de ferro durante todo o século XV, devido à imensa procura do ferro para a produção de armamento militar novo, como as armas de fogo conhecidas como canhões.<sup>99</sup>

O uso de madeiras para produção de punhos é também muito importante no processo de observação do fabrico de espadas. A madeira está presente desde a Antiguidade no quotidiano dos europeus e não seria difícil arranjar madeira (podia era não ser barato) para fazer um punho que teria entre 15 a 25 cm de comprimento. Caso se procurasse uma madeira mais cara ou específica, esta poderia ser importada se fosse necessário, mas para a criação dos pomo, caso não se desejasse utilizar madeira, podia ser utilizado arame, produzido ao trefilar o ferro até ao tamanho desejado.

O couro e os têxteis podiam ser utilizados por cima da madeira como elemento decorativo, mas com o tipo de materiais e a sua qualidade a depender local onde o armeiro estivesse e da disponibilidade na região. Porém determinados tipos de couro tinham de ser importados de regiões por vezes muito distantes dos centros de produção. Muito era proveniente da Europa do Norte:

---

<sup>96</sup> CLARKE, *The Cambridge Economic History of Europe*..., p. 702.

<sup>97</sup> HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, p. 184.

<sup>98</sup> CLARKE, *The Cambridge Economic History of Europe*..., pp. 706-723; HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, pp. 184- 187.

<sup>99</sup> HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, p. 191.

«Of luxuries originating in the North and circulating in northern Europe furs were probably the only one worth nothing. Modest furs of local origin – the ‘conies’ of England, the Low Countries and France, the goatskins and the sheepskins of peasant wear, could perhaps be counted among the modest pre-requisites of humble existences. Not so they are and rich furs of Scandinavian and Russian origins – fox, bear, beaver, sable, ermine. They were ceremonial wares, an insignia of wealth and standing; they rivaled the senatorial purple in the early Middle Ages, the Italian brocades and oriental silks in the later centuries, as marks of rank and worth. And so important did they become in European trade that by the end of the thirteenth century they formed one of the mainstays of Hanseatic commerce and wealth»<sup>100</sup>.

Em relação aos têxteis sabemos que durante a Idade Média este era um dos sistemas de produção de riqueza devido à transformação da lã e do linho em roupas ou em outros materiais. Existiam, ao todo, três grandes centros de produção para a transformação da lã e do linho: a Inglaterra, a partir do século XII, a Flandres, a partir do século XI, e Florença, a partir do século XIV, que por sua vez distribuíam os seus produtos de alta qualidade pelas restantes regiões europeias<sup>101</sup>.

### 3.2. CENTROS DE PRODUÇÃO

No final da Idade Média existiam grandes centros de produção na Europa para determinadas matérias-primas como o ferro. Este facto, o de existirem centros de produção em pontos específicos da Europa, não significa que em outras regiões europeias não existissem sistemas de produção, embora em quantidades mais reduzidas, mas com algum impacto para o comércio local. A produção de espadas e armaduras era feita nos séculos XIV e XV por armeiros, geralmente ligados a corporações, e dependendo do local em que os armeiros estivessem, as corporações poderiam limitar o número de pessoas que podiam trabalhar nas oficinas, e também tinham a capacidade para limitar o tipo de armamento produzido por um indivíduo<sup>102</sup>. Nos dois séculos em que incide o nosso estudo conhecemos a existência de dois grandes centros de produção

---

<sup>100</sup> CLARKE, *The Cambridge Economic History of Europe...*, p. 169.

<sup>101</sup> HODGETT, *História Social e Económica da Idade Média*, pp. 162-172.

<sup>102</sup> PFAFFENBICHLER, *Artesanos Medievales. Armeros*, pp. 26-30.

de armamento. Um localizava-se na Itália e era controlado, maioritariamente, por armeiros milaneses<sup>103</sup>. Já o outro, situava-se na zona norte do que é atualmente o território alemão<sup>104</sup>. No entanto, a fama destas duas regiões deve-se em grande parte à produção de armamento defensivo passivo e não à de armamento ofensivo, apesar de existir alguma produção. É o caso do que os armeiros alemães produzem fundamentalmente e em grande quantidade: armaduras góticas<sup>105</sup>. A produção das oficinas de Milão desenvolve, pelo seu lado, uma armadura específica: a milanesa<sup>106</sup>, que, contudo, não era totalmente fabricada em Milão, pois muitos dos seus profissionais trabalhavam noutras oficinas espalhadas por várias cidades italianas<sup>107</sup>:

«En Italia, los armeros de Milán tenían talleres en Brescia, Ferrara, Módena, Mantua, Venecia, Urbino, Roma Y Nápoles. Pese a tan continua exportación de artesanos, Milán seguía siendo el gran centro italiano de producción de armaduras»<sup>108</sup>.

As corporações limitavam o tipo de equipamento que uma pessoa podia produzir<sup>109</sup>, ou seja, as diferentes partes de uma armadura poderiam ser feitas por armeiros milaneses que trabalhassem noutras cidades em Itália, e o conjunto dessas peças iria dar origem a uma armadura completa, de marca milanesa, o que garantia a manutenção de um alto nível de qualidade do armamento produzido.

Ao contrário dos armeiros que produziam armaduras, situação sobre a qual existe bastante informação, sobretudo a relativa à produção de equipamento defensivo desta categoria destinado aos nobres<sup>110</sup>, no caso dos armeiros que produziam espadas a informação é mais escassa. Uma armadura pode ser utilizada ao longo de um século por diferentes gerações sem sofrer grandes modificações. No caso das espadas, o quadrão e o pomo da arma estão constantemente a ser alterados, de forma a garantir a sua utilização durante vários séculos. E, sobre os armeiros que produziam espadas sabemos

---

<sup>103</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>104</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>105</sup> WAGNER, *Medieval Costume...*, parte II placa 66.

<sup>106</sup> *Idem*, parte II placa 65.

<sup>107</sup> PFAFFENBICHLER, *Artesanos Medievales. Armeros*, p. 13.

<sup>108</sup> *Idem*, p. 13.

<sup>109</sup> *Idem*, pp. 26-30.

<sup>110</sup> *Idem*, pp. 13-17.

que existia um centro importante de produção em Estrasburgo no final do século XII<sup>111</sup>, outro na Flandres<sup>112</sup> e vários na Alemanha<sup>113</sup>:

«(...) La importância de las espadas de Colonia queda de manifiesto en las Ordenanzas Municipales de Estrasburgo, del año 1180, donde se habla de “las espadas que se transportan en naves desde Colonia”: *Gladii qui in navibus de Colonia portantur*»<sup>114</sup>.

«En Flandes, el centro más importante de producción de armaduras era, sin duda alguna Tournai. Era la única ciudad flamenca en que el número de personas dedicadas a la fabricación de armas y de armaduras superaba al de las que se ocupaban en la industria têxtil»<sup>115</sup>.

«La Alemania meridional exportaba también grandes cantidades de armas y armaduras a Francia, parte de las cuales llegaban a través de Basilea( Suiza) Y de Aviñón, com destino a centros comerciales tales como Montpellier, Beaucaire, Marsella y Lión»<sup>116</sup>.

Apesar de estes locais serem grandes centros produtores de armamento tanto defensivo como ofensivo, a produção de armamento noutros locais da Europa embora em menor quantidade<sup>117</sup> também se verifica. Exemplo disso é o que acontece em Portugal onde durante o final da Idade Média existia um armeiro em Lisboa que produzia armas e armaduras:

«Ao mesmo tempo, tem de realçar-se a actividade desenvolvida por alguns armeiros, os quais, ao menos em Lisboa, garantiram – ao longo de toda a primeira metade do século XV – a conservação e renovação dos stocks do armazém do rei. Por exemplo, em 1407, D.João I «desencarregou» a consciência (e a herança) do seu armeiro João Anes, dando-o, a ele e à sua família, por quites e livres de todos os compromissos, «per razom dos bacinetes e peças e armas que fez pera o nosso armazem» (Ch. Jo I, L. 5,80). A actividade destes armeiros no arsenal régio de

---

<sup>111</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>112</sup> *Idem*, p. 22.

<sup>113</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>114</sup> *Idem*, pp. 6-7.

<sup>115</sup> *Idem*, p. 22.

<sup>116</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>117</sup> *Idem*, pp. 13-30.

Lisboa há-de ter-se revestido de uma importância considerável. Ao que sabemos, a eles competiria, não só o fabrico de novas armas, como também a conservação das já existentes»<sup>118</sup>.

Caso existisse a necessidade de obter mais armamento havia sempre a possibilidade de importar as armas pretendidas em centros de maior produção localizados França e na Península Ibérica<sup>119</sup>, ou contratar os serviços de um armeiro especializado<sup>120</sup>:

«(...) Al igual que Francia, la Península Ibérica fue gran importadora de armaduras italianas, y artesanos italianos que se instalaron allí en buen número»<sup>121</sup>.

---

<sup>118</sup> BARROCA, *Nova História Militar de Portugal*..., p. 190.

<sup>119</sup> PFAFFENBICHLER, *Artesanos Medievales. Armeros*, pp. 22-23.

<sup>120</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>121</sup> *Idem*, p. 23.

### 3.3. PROCESSOS DE DISTRIBUIÇÃO

Tal como foi observado anteriormente nos últimos séculos da Idade Média, existiam locais onde homens livres que não fossem nobres poderiam transportar dentro das cidades espada ou outro tipo de armas, e se não pudessem transportar armas na rua, teriam algum tipo de armamento defensivo e ofensivo em sua casa. Ora, para que estas pessoas pudessem ter o seu próprio armamento, era necessário que existissem processos de distribuição definidos. A forma de obter equipamento é comprando-o diretamente a um armeiro localizado não muito longe, ou efetuar encomendas a oficinas localizadas a distâncias bem maiores, o que envolve um processo mais complexo e dispendioso, sobretudo ao nível dos processos de transporte. Existiam três formas para transportar mercadorias e bens durante a Idade Média. A primeira forma estava no uso das vias terrestres usando mulas, carroças e variados tipos de carretas<sup>122</sup>, que transportavam os bens requisitados através de várias estradas. Mas existem limitações para a quantidade de mercadorias que aqueles animais e veículos podiam transportar, a condição das estradas, a distância e o clima, são fatores que influenciam a qualidade e o tempo de deslocamento. O grande sistema de transporte preferido pelas várias sociedades medievais europeias é, sem dúvida, o fluvial. Se existe um rio que faça a ligação direta entre o local de partida e o ponto de chegada, as mercadorias eram rapidamente despachadas através de barcas, que garantiam um transporte mais rápido, em maiores quantidades e bem mais barato<sup>123</sup>. Contudo, o transporte fluvial estava limitado à navegabilidade de cada rio e às tarifas de fretagem das embarcações e às sucessivas portagens. Fatores que também afetavam o transporte por meios terrestres. A quantidade de taxas aplicadas ao longo das distâncias percorridas podia ser significativa e ainda carece de estudos de maior pormenor:

«O tráfego rodoviário repartia com o tráfego flutuante a crescente praga de taxas e impostos sobre a passagem de mercadorias. Nos anos de anarquia, entre aproximadamente 850 e 950 a 1000, os senhores locais exigiam pedágios dos viajantes mesmo daqueles que não estavam envolvidos em comércio»<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, pp. 126-128.

<sup>123</sup> *Idem*, pp. 128-131.

<sup>124</sup> *Idem*, pp. 128-129.



«A rota rodoviária entre Flandres e a França, muito frequentada no século XIII, tinha numeroso postos de pedágio, muitos dos quais, no trecho do Norte da França, não podiam ser evitados. Os rios eram similarmente taxados. Os viajantes eram pesadamente taxados nos rios Loire, Somme, Oise, Ródano e Garona e no rio Sena as taxas sobre o cereal transportado numa distância de 320 quilômetros equivaliam a mais da metade de seu preço de venda»<sup>125</sup>.

Caso não fosse vantajoso fazer o transporte de mercadorias por via terrestre, ou por via fluvial, podia ser feito o transporte por via marítima, o que permitia um transporte a uma maior distância e com um maior número de carga, desde que as condições climáticas assim o permitissem. Um processo de transporte vital para o progresso dos reinos português e castelhano nos finais do século XIV e do século XV:

« Up to the last fourteenth century most of the scant long-distance trade of Portugal had been directed northwards, especially to Flanders, England and Normandy (...)»<sup>126</sup>.

«Iron, the pother (and older) trump card of Castile, was the special asset of the Basques, who in 1293 had exported about 4,500 tons of it, chiefly to northern Europe, and maintained a lively economic pace in the harder times that followed. By the fifteenth century a number of Basque merchant ships frequented the Mediterranean»<sup>127</sup>.

«Nuremberg at that time (1304-7) produced linen and iron ware, but was not a great exporting center. In 1332, however, we hear that its citizens enjoyed cost reductions in 69 cities, and a little later arms made in Nuremberg are mentioned in Spain, Italy and Flanders»<sup>128</sup>.

«(...) None of these things was at all surprising, for a clump of swords all mixed together like that could not have been casually lost, or ritually deposited. That part of the Dordogne was the principal supply-route from the great English base at Bordeaux to the up-river castles which in the 1420s and 1440s were still precariously held by the English during the closing years of the Hundred Years’

---

<sup>125</sup> HODGETT, *História Social e Econômica da Idade Média*, p. 129.

<sup>126</sup> CLARKE, *The Cambridge Economic History of Europe...*, pp. 395-396.

<sup>127</sup> *Idem*, p. 396.

<sup>128</sup> *Idem*, p. 397.

War. They were evidently (or at least, presumably) in a barge which in some way was sunk, going up to Bergerac or Castillon with supplies»<sup>129</sup>.

Tendo em conta que vários tipos de mercadorias eram transportadas por via marítima entre Portugal e a Europa do Norte e também com a Itália podemos considerar que para além de matérias-primas era transportado armamento, como as espadas:

«(...) Not always, we know, for blades were exported packed in crates and barrels just as they were later, (...)»<sup>130</sup>.

«(...) It was later established that the swords (no sign of scabbards or metal scabbard – mounts was found) were in a chest, and that chest was in a barge»<sup>131</sup>.

Uma outra forma onde se deve considerar o sistema de distribuição de espadas é através dos arsenais<sup>132</sup>. Estes armazéns militares de armamento podiam pertencer a um rei, ou a um nobre, ou até mesmo às cidades burguesas europeias atlânticas e mediterrânicas. Na eventualidade de um conflito, o rei ou um nobre, tinham o dever de ter os seus arsenais em boas condições, bem recheados, e de armar devidamente os seus súbditos. No fim do conflito todo o armamento cedido tinha de ser devolvido ao arsenal de onde tinha saído. Também as cidades possuem arsenais – uma evidência dos finais da Idade Média – como as cidades germânicas, onde cabia às corporações de armeiros e demais homens livres, providenciar um efetivo suprimento de armas, de tipos e formas muito variadas. Estes arsenais davam a essas cidades uma efetiva e muito eficaz capacidade bélica:

«The fifteenth century also saw the rise of civic armories with their stockpiles of weapons, with both citizenship and guild membership sometimes linked to providing weapons and armor for the armory. The armory both provided a means of arming the poorer members of the citizenry in case of emergencies, and also – perhaps more important – ensured that the government was at least as well-armed as its people»<sup>133</sup>.

---

<sup>129</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 11.

<sup>130</sup> OAKESHOTT, *The Archaeology of Weapons...*, p. 326.

<sup>131</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 11.

<sup>132</sup> BARROCA, *Nova História Militar de Portugal...*, p. 190.

<sup>133</sup> TLUSTY, *The Martial Ethic in Early Modern Germany...*, p. 16.

«While ordinary citizens were charged only with maintaining ‘protective armor or a good man’s arms’ for themselves and other members of their household, privileged members of society had to provide horses and both weapons and support for several armed men. Even among those of similar social status who faced the same requirements, the quality and type of weapons maintained by each citizen naturally varied widely. Some men had less disposable income than others to invest in weapons, and others chose to spend more on them out of personal interest. On the lower end of the social scale, citizens and town residents who because of youth or poverty were without appropriate arms (poorer journeymen, apprentices, day laborers and servants, for example) might be outfitted by the civic armory in case of an emergency»<sup>134</sup>.

---

<sup>134</sup> *Idem*, p. 18.

### **3.4. Vestir a espada**

#### **3.4.1. Bainhas**

A utilização de uma bainha torna o transporte de uma espada mais seguro para o seu utilizador, mas também para a própria arma. Se transportarmos uma espada sem uma bainha reparamos que a arma se movimenta para a esquerda e para a direita enquanto nos deslocamos, o que significa que poderá bater em pessoas, em objetos ou em nós próprios, se não a estivermos a segurar no punho ou no pomo. É perigoso transportar este tipo de arma sem bainha pois poderá causar ferimentos nas pessoas que passam ao nosso lado ou até em nós. Também o abanar da espada pode causar algum desgaste na lâmina, sobretudo ao nível dos gumes e na sua ponta, sobretudo quando se descem degraus em pedra. A não utilização da bainha deixa, também, a lâmina à mercê dos elementos, oxidando a lâmina e diminuindo a vida útil da arma. Por estas três razões podemos afirmar que a utilização de uma bainha permite que a espada se mantenha limpa, evita o seu desgaste e danos nós próprios ou em terceiros.

Tendo em conta o que foi referido nos capítulos anteriores, quando se encomendavam várias espadas, estas não vinham com bainha. A razão principal pode ter a ver com o facto de todas as lâminas, embora tendo a mesma aparência física, o seu peso e o seu formato acabavam por ser únicos. Isto significa que se as espadas necessitassem de ter uma bainha era necessário mandar fazer uma para cada espada, o que aumentava o custo e tempo da produção do armamento.

No caso de um nobre que tivesse encomendado a sua própria espada, esta podia vir com a bainha. Esta essencial proteção da lâmina era um acessório muitas vezes oferecido por outras pessoas e individualizada através de uma impressionante decoração. A bainha aumentava o estatuto social do guerreiro nobre e identificava-o enquanto indivíduo distinto de uma elite.

Por norma na produção das bainhas existe um processo composto onde se juntam três elementos principais: o couro, a madeira e uma ou mais ligas metálicas.

Ao contrário do processo de fabrico atual, as bainhas medievais não podiam ser feitas apenas com couro, pois este é um material flexível e que não impede que a lâmina continue a vibrar e a flexionar estando embainhada. Mas o maior problema surge

quando colocamos uma espada branca<sup>135</sup> dentro da bainha e, constantemente a embainhamos e desembainhamos, um processo contínuo que tente a desgastar o gume da arma e o interior macio da própria bainha, levando a que esta rompa de dentro para fora. Por estas razões, a bainha tinha de ser produzida com madeira, para impedir o movimento de vibração da lâmina, a sua lubrificação e a manutenção da qualidade do gume. O facto de a bainha ser produzida com madeira dá uma outra vantagem ao utilizador que é o da utilização da bainha como «arma» de autodefesa<sup>136</sup>, tal como se refere no tratado de esgrima escrito pelo mestre de esgrima Fiore Dei Liberi<sup>137</sup>. Depois de ser feito o formato da bainha com madeira era então adicionado couro, que vem cobrir a parte exterior da bainha e efetuar a conexão entre a bainha e o cinto.

Sobre metais e ligas metálicas utilizadas nas bainhas é possível perceber que o uso do ferro e o bronze serão, maioritariamente, utilizados para criar anéis e placas que fazem a ligação entre a bainha e o cinto. Para quem tivesse mais posses (o caso da nobreza ou burgueses bem abastados), poderia optar por metais mais preciosos como a prata e o ouro, sobretudo para serem usados para criar motivos decorativos:

«The scabbard is of wood, covered with rose-colored leather with a cape of silver. The belt is of green galloon with borders of red silk decorated with a cable pattern. This is secured to the scabbard by being sewn on to bands of black leather, with a single diagonal strip to prevent them from sliding apart»<sup>138</sup>

«The scabbard is of wood covered with red velvet, and its mounts are of silver gilt, bearing the enameled shields of arms only on the outsider»<sup>139</sup>.

---

<sup>135</sup> **Espadas Brancas** - Espadas com gume afiado. Glossário, p. 105.

<sup>136</sup> *MS. Ludwig XV 13*, fôlio 21v.

<sup>137</sup> *Idem*. fôlio 21v.

<sup>138</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, p. 72.

<sup>139</sup> *Idem*, p. 109.

### 3.4.2. Decoração

Quando se tem uma espada na mão, temos que aceitar o facto de que qualquer espada possui diversos elementos. E se olharmos para ela diretamente observamos que muitos dos seus componentes são elementos decorativos. Começando por falar sobre a lâmina de uma espada os elementos decorativos associam-se a aspetos funcionais e precisos, como o sangrador, com vários tamanhos e feitios. Também a maneira como o aço é trabalhado e utilizado, pois é possível forjar uma lâmina que possui um tipo de aço muito especial, chamado aço de Damasco<sup>140</sup> um tipo de aço que torna as lâminas mais resistentes e que, ao mesmo tempo, permite criar padrões únicos na lâmina, adicionando-lhe decorações específicas em motivos diversos e, também, inscrições, como as referidas em vários casos documentados na tipologia de Oakeshott, onde são evidentes várias espadas com inscrições em latim, no tipo XI<sup>141</sup>, e com desenhos e símbolos que surgem por sua vez noutras tipologias, como é o exemplo dos tipos Xa. 11-12<sup>142</sup> e X.10<sup>143</sup>, com o nome (marca) ULFBEHRT, que surge na tipo X.5-6<sup>144</sup>. E existem, também, as espadas de Alexandria, que já foram anteriormente referidas<sup>145</sup>.

O punho da espada é feito de com vários materiais. Os mais simples (mais económicos e funcionais) podiam ser compostos por corda, madeira ou couro, mas existem outros mais elaborados (mais caros e de prestígio) onde encontramos como componentes osso, marfim ou arame de prata<sup>146</sup>. No entanto a utilização destes últimos três materiais adequa-se mais a espadas decorativas, de cerimónia, e não a armas para usar em combate.

Também o quadrão de uma espada pode representar um elemento decorativo na arma, pela imensa variedade do seu formato, sempre adaptável ao desejo do comprador, e de acordo com a moda e as técnicas predominantes de fabrico. Os quadrões das espadas podem também ter inscrições, como é o caso do tipo XII.7<sup>147</sup>.

Sobre os pomos, e tal como foi referido antes, tinham como objetivo principal servir como contra-peso para a espada, dando-lhe um ponto de equilíbrio. Mas tal como

---

<sup>140</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, pp. 23-25 e pp. 135-148.

<sup>141</sup> *Idem*, pp. 53-63.

<sup>142</sup> *Idem*, p. 46.

<sup>143</sup> *Idem*, pp. 28-29.

<sup>144</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>145</sup> *Idem*, pp. 197-206.

<sup>146</sup> *Idem*, p. 109.

<sup>147</sup> *Idem*, pp. 72-73.

os quadrões, os pomos também são um elemento decorativo, com a sua multiplicidade de formas, e com uma imensa panóplia de símbolos desenhados, como os exemplos de vários tipos de espada referidos na tipologia de Oakeshott: os tipos XII.7<sup>148</sup>, XIIIa.5-6<sup>149</sup>, XIV.1<sup>150</sup> e o XVIIIa.5<sup>151</sup>.

O último elemento decorativo que podemos encontrar numa espada é a própria bainha que a protege. Se olharmos para o período romano, conseguimos ver que o *Gladius Hispaniensis* possuía belas bainhas quase sempre adornadas com belas imagens<sup>152</sup>. Em contexto medieval podemos referir o caso da espada do tipo XIIIb.1<sup>153</sup>, que possui uma bainha muito bem decorada:

«The scabbard is of wood covered with red velvet, and its mounts are of silver gilt, bearing the enameled shields of arms only on the outsider. The opening of the scabbard has emerging from it a semi-circular flap which hangs down the back,(...)»<sup>154</sup>.

« (...)The silver-gilt belts-ends are here wrongly mounted on a single ring, whereas they should be one in each ring on either side of the locket. There are no marks on the sword, but most interestingly there is a mark made with a punch in the silver on the back of the upper locket of the scabbard. This consists of crossed keys with a star impaled with another charge which is unidentified, within a escutcheon. The crossed keys seem to have a strong papal identity, suggesting that the sword was perhaps a papal gift»<sup>155</sup>.

---

<sup>148</sup> *Idem*, pp. 72-73.

<sup>149</sup> *Idem*, pp. 101-102.

<sup>150</sup> *Idem*, p. 116.

<sup>151</sup> *Idem*, p. 191.

<sup>152</sup> JAMES, *Rome & The Sword...*, p. 150.

<sup>153</sup> OAKESHOTT, *Records of the Medieval Sword*, pp. 109-110.

<sup>154</sup> *Idem*, p. 109.

<sup>155</sup> *Idem*, p. 109.

### 3.5. Manutenção

Relativamente à manutenção das espadas é necessário ter em conta que esta não depende apenas da prevenção que a arma tem de ter ou como é guardada, mas também pela maneira de como é manejada. Caso não fosse feita uma manutenção correta e constante a espada podia enferrujar ou até mesmo apodrecer<sup>156</sup> devido à maneira como as armas eram armazenadas, por causa do contacto com a água, à ação do suor e da gordura humana, através do contacto das mãos com a espada. Se a espada ficasse enferrujada por falta de manutenção era, então, necessário, primeiro desenferrujá-la utilizando um tambor com areia para retirar toda a ferrugem da lâmina. Mas se este processo não fosse possível, a ferrugem tinha de ser tirada à mão com um pano com areia o que demorava horas dependendo do estado da arma. Depois de se retirar a ferrugem da espada era necessário aplicar um óleo fino na lâmina com o auxílio de um pano de maneira a que a espada fique limpa e lubrificada:

«(...) Segundo Claude Gaier (1973, 297), os dois grandes perigos que então ameaçavam as armas eram, por um lado, a corrosão, e, por outro, o apodrecimento. Esses riscos obrigavam a um trabalho cuidadoso de prevenção, que consistia em olear e lubrificar as partes móveis das peças maiores, usando para esse efeito gordura, sebo, ou até sabão mole; apreciava-se também a capacidade do azeite para preservar da humidade as diversas componentes das armaduras; e não era raro proceder-se à pintura ou ao envernizamento das peças metálicas, como forma de impedir a respectiva oxidação. Sempre que a prevenção não se tivesse revelado suficiente, havia então que actuar de outra forma, sendo correntes os trabalhos de desenferrujamento de armaduras, de espadas, de ferros de setas ou de peças de artilharia (Monteiro, 200Ia)»<sup>157</sup>.

Relativamente às bainhas se estas tivessem algumas peças de ferro podiam também ser tratadas com o mesmo processo de desenferrujamento, mas caso isto não fosse necessário podia ser, simplesmente, passado um pano com óleo de peixe (ou com outro tipo de gordura animal ou vegetal) pela bainha de maneira para a manter limpa, tudo condições essenciais para um bom armazenamento destas armas:

---

<sup>156</sup> BARROCA, *Nova História Militar de Portugal...*, p. 190.

<sup>157</sup> *Idem*, p. 190.



«Infelizmente, não dispomos de nenhuma informação completa acerca da forma como estavam internamente organizados os arsenais de armas portugueses da primeira metade do século XV. Porventura, e à maneira do que acontecia então por essa Europa, não haveria ali nenhuma ordem pré-estabelecida, no que concerne à arrumação: provavelmente, as defesas de malha seriam separadas do restante equipamento e penduradas em ganchos; a artilharia e as respectivas munições estariam espalhadas pelo chão, em barricas, caixas, cofres ou cestos, que seriam também utilizados para o respectivo transporte; e as espadas guardar-se-iam – em posição vertical – no interior de armários. Tudo dependeria, contudo, do zelo dos respectivos funcionários, bem como, obviamente, das épocas de maior ou menor intensidade na utilização do recheio destes arsenais (Monteiro, 2001a)»<sup>158</sup>.

A utilização da espada no campo de batalha está associada à forma como cada combatente a irá manusear e isso terá muita influência no processo de manutenção da arma. Devido à massa da espada, mas também ao efeito de alavanca, o impacto direto entre espadas, ou contra outras armas metálicas, tem repercussões sobre gumes e pontas com propensão para a formação de «bocas» e diversas microfraturas, além do desgaste intenso do gume. E para que as espadas voltem a ter um gume limpo, é necessário afiá-las, novamente, numa pedra molar, o que diminuirá, ligeiramente, a quantidade de aço da lâmina e, a prazo, acabará por fragilizar a integridade da lâmina. Para evitar esse desgaste, os manuscritos alemães, ensinam as pessoas a combater, utilizando sempre a face da lâmina em vez do gume, sobretudo para deflectir os golpes da espada adversária. Apesar de aqueles autores admitirem a ocorrência de situações em que será necessário utilizar o gume da espada para defender um golpe, a diferença entre um bom e um mau esgrimista será o número de «bocas» que a sua espada venha a apresentar. Um bom esgrimista tentará sempre poupar o seu gume.

---

<sup>158</sup> *Idem*, p. 190.



## **4.**

# **Tratadística**

## 4.1. O *Codex Walpurgis*

O MS I.33<sup>159</sup>, conhecido por *Codex Walpurgis*, devido ao nome de uma mulher que aparece no final do manuscrito chamada Walpurgis, ou se preferirmos o *Fechtbuch*, é reconhecido como o tratado de esgrima mais antigo da Europa, e apesar deste manuscrito já ser objeto de estudo por volta de 1500<sup>160</sup>, pensa-se que poderá ter sido escrito por volta dos séculos XIII-XIV<sup>161</sup>. No entanto, dentro da comunidade académica ainda não existe um consenso sobre a datação correta para este manuscrito.

Se tentarmos, também, determinar um local para o aparecimento do manuscrito a tarefa revela-se complicada. Também ainda não existe um consenso entre a comunidade académica, mas parece ser aceitável que tenha sido escrito na região da Francónia ou nos seus arredores<sup>162</sup>. Encontra-se, nos nossos dias, preservado na Royal Armouries. Ao contrário de todos os outros tratados de esgrima que ensinam a utilizar várias armas, este manuscrito apenas ensina o uso, em combinação, da espada singela com o broquel<sup>163</sup>. Mas é um manuscrito que não está completo, algumas suas páginas foram removidas, tendo apenas chegado aos dias de hoje sessenta e quatro<sup>164</sup> páginas com algum desgaste. Isto significa que se perderam elementos de conexão entre algumas técnicas de combate, e também é evidente que existem algumas imagens e texto que já não estão completas no MS I.33. Apesar disso este manuscrito continua a ser uma fonte muito importante, que nos mostra essa forma de combater com a espada e o broquel, nos séculos XIII-XIV.

O *Codex Walpurgis* foi escrito em latim com os nomes das técnicas de combate em alemão, e enquanto estava a ser produzido passou pelas mãos de três escritores:

«(...) Three identifiable hands date to the original production of the manuscript. The A-hand is a Gothic textual that takes on more cursive features after about p.3. The C-hand shares the bulk of the writing with the A-hand, which it somewhat resembles; its distinguishing features include a small lower loop on the ‘g’ and adherence to a simple form of the long ‘s’. The B-hand is a spidery cursive, only

---

<sup>159</sup> FORGENG, *The Medieval Art of Swordsmanship...*, p. 28.

<sup>160</sup> *Idem*, p. 7

<sup>161</sup> *Idem*, p. 8 .

<sup>162</sup> *Idem*, p. 8.

<sup>163</sup> Anexo D, pp. 137-138.

<sup>164</sup> FORGENG, *The Medieval Art of Swordsmanship...*, p. 12.

appearing as a principal hand on a few pages, though occasionally it offers corrections; it may be the hand of the putative ‘Luitger’ behind the work.»<sup>165</sup>.

O facto de ser atribuído a Luitger, o tipo de mão B que corrigia os outros escritores, e de ser referenciado no início do manuscrito<sup>166</sup> poderá significar que tenha sido o autor original (ou o principal) do MS I.33. As técnicas de combate apresentadas no *Codex Walpurgis* mostram a utilização da espada e do broquel em conjunto<sup>167</sup>, onde o objetivo do broquel é o de proteger sempre a mão que empunha a espada, mas também a partir de um *Schiltslach*<sup>168</sup>, manobra que impede que as mãos do adversário se consigam mexer<sup>169</sup>. Em contrapartida, ao olharmos para manuscritos que foram escritos mais tarde sobre a utilização da espada e broquel, nota-se que a maior parte das técnicas separam a espada e o broquel, sendo um destes exemplos o *Fechtbuch* escrito em 1467 por Hans Talhoffer<sup>170</sup>.

O pormenor de a espada e o broquel serem utilizados em conjunto, onde não ocorre a separação das mãos, demonstra que estas duas armas eram utilizadas sem qualquer outro tipo de armamento defensivo, mas com a capacidade de evitar o risco de a mão direita ser decepada<sup>171</sup>. Mas se estivermos a usar guantes, ou qualquer outro tipo de proteção, podemos dar-nos ao luxo de correr certos riscos e minimizar danos. Espada e broquel podem ser, por estas características de associação, mais utilizadas pelos combatentes comuns (de estratos sociais mais baixos) que apenas precisavam de ter essas duas armas, mas também podem ser usadas pelos nobres, se outro equipamento defensivo não tivessem:

«I.33 is unusual among early martial arts treatises in focusing exclusively on the sword and buckler, a weapons combination included only occasionally in other treatises. In the Middle Ages as in the popular imagination today, the sword was preeminently associated with the aristocratic warrior class, but when appearing in conjunction with the buckler, its connotations were more complex. The two chief users of the combination were unarmoured combatants in civilian settings and ordinary footsoldiers. The sword and buckler were often carried as a form of

---

<sup>165</sup> *Idem*, pp. 24-25.

<sup>166</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>167</sup> Anexo D, pp. 148-154.

<sup>168</sup> *Schiltslach* - Golpe de escudo. Glossário, p. 107; Anexo D, p. 149.

<sup>169</sup> Anexo D, p. 149.

<sup>170</sup> *Cod.icon.394a*.

<sup>171</sup> *Idem*, fólio 116r.

personal defense, and the practice of sword-and-buckler combat is well attested as a martial art, combat sport, and public entertainment in the period; in Germany the art of sword-and-buckler fencing was known as *schirmen*, the generic term for unarmoured swordplay, cognate with French *escrime* and other Romance terms used today to describe the sport of fencing»<sup>172</sup>.

Se olharmos com cuidado para todas técnicas de combate presentes no MS I.33, verificamos que todas são referidas por três personagens. Quase todas as técnicas são apresentadas por um padre que no manuscrito é apelidado de *sacerdotis*<sup>173</sup>, e por um estudante que no manuscrito é chamado de *scolaris*<sup>174</sup>. Já as últimas técnicas referidas no manuscrito são apresentadas por uma mulher à qual é atribuído o nome de Walpurgis. Ao longo do texto a localização e posição do padre e do estudante são modificadas consoante a necessidade da demonstração das técnicas, no entanto estas duas personagens são fáceis de identificar, pelo facto de o padre ter a cabeça destapada e o estudante ter a cabeça ligeiramente coberta pelo seu chapeirão<sup>175</sup>.

O MS I.33 é composto por sete custódias<sup>176</sup>, e segundo o que está escrito neste manuscrito qualquer pessoa que desfira um golpe com uma espada singela e um broquel irá executar uma destas sete custódias, mesmo que não tenha conhecimento do MS I.33, por razões da anatomia humana:

«Note that in general all combatants, or all men holding a sword in hand, even if they are ignorant of the art of combat, use these even guards, concerning which we have seven verses: (...)»<sup>177</sup>.

Se olharmos cuidadosamente para cada uma das sete custódias talvez achemos que algumas poderão não ser confortáveis ou pouco práticas, mas sobre isto podemos afirmar que as imagens no MS I.33 representam a melhor forma geométrica possível para cada uma delas, o que significa que ao tentarmos interpretar cada uma das custódias podemos aplicar ligeiras modificações na localização das nossas mãos<sup>178</sup>,

---

<sup>172</sup> FORGENG, *The Medieval Art of Swordsmanship...*, pp. 10-11.

<sup>173</sup> *Sacerdotis* - Padre/ Sacerdote. Glossário, p. 107.

<sup>174</sup> *Scolaris* - Estudante. Glossário, p. 107.

<sup>175</sup> MS I.33, fólio 2r.

<sup>176</sup> *Custódia*- Guarda. Glossário p. 106; Anexo D, pp. 138-141.

<sup>177</sup> FORGENG, *The Medieval Art of Swordsmanship...*, p. 34.

<sup>178</sup> Anexo D, p. 138.

sendo um dos melhores exemplos a primeira custódia<sup>179</sup>, pelo facto de não se conseguir ver se a mão que tem a espada está em supinação ou pronação. O não conseguir ver a localização da mão acabou, por consequência, por provocar uma discussão no mundo académico na interpretação deste manuscrito, pelo facto de que dependendo da posição da mão, os golpes podem ser feitos com o gume falso ou com o gume verdadeiro.<sup>180</sup>

Para além destas sete custódias existem ainda mais três guardas especiais, existindo ainda três guardas adicionais que na realidade são chamadas de oposições ou *obsessione*<sup>181</sup>, e que têm como objetivo contrariar as sete custódias principais.

A partir destas custódias, o MS I.33, demonstra-nos a maneira correta de lutar com espada e broquel, através de estoques à cara e cortes às mãos, caso o nosso adversário não execute nenhum movimento ou seja um principiante, mas também através da utilização de *binds*<sup>182</sup>, de maneira a controlar a espada do seu oponente e através de um *schilslach* executado no broquel do adversário, ou na mão da espada do oponente<sup>183</sup>. Pretende-se ganhar o controlo sobre o adversário e executar um golpe à sua cara. Caso não seja possível executar um *bind*, ou executar um corte com sucesso em qualquer parte do corpo do nosso oponente, o *Codex Walpurgis* também ensina a desarmar o adversário<sup>184</sup> e, caso seja necessário, aplicar uma técnica de combate corpo a corpo<sup>185</sup>.

## 4.2. A tese de Johannes Liechtenauer

Johannes Liechtenauer foi um *fechtmeister* do século XIV que deu origem à Escola de Liechtenauer, que dominou toda a forma de combater alemã desde o fim do século XIV até ao século XVI. Não se sabe muito sobre a vida deste mestre, pelo facto de não existir nenhum *fechtbuch* escrito por ele, diretamente, no entanto, sabe-se que

---

<sup>179</sup> Anexo D, p. 138.

<sup>180</sup> Anexo D, p. 148.

<sup>181</sup> **Obsessione** - Contrária, oposição. Guarda que deve ser utilizada como oposição a uma das sete custódias. Glossário, p. 106; Anexo D, p. 142.

<sup>182</sup> **Binds** - Prisões que podem ser executadas no corpo ou nas armas do nosso oponente. Glossário, p. 106; Anexo D, p. 147.

<sup>183</sup> Anexo D, pp. 148-152.

<sup>184</sup> Anexo D, pp. 153-154.

<sup>185</sup> MS I.33, fólio 18v.

este mestre existiu pelo facto de as suas técnicas de esgrima serem apresentadas e comentadas por outros *fechtmeister*.

O primeiro manuscrito onde as técnicas de combate de Johannes Liechtenauer, são apresentadas chama-se MS 3227a, ou se preferirmos, *Nuremberg Hausbuch*. Contudo, este manuscrito não fala apenas sobre as técnicas de combate de Liechtenauer, em vez disso, este texto é um *hausbuch*<sup>186</sup>, onde estão compilados vários tipos de conhecimento da vida medieval, abordando temas desde a culinária até à alquimia<sup>187</sup>.

Sobre as técnicas de combate, o MS 3227<sup>a</sup>, apresenta a *kuns des fechtens*<sup>188</sup>, do mestre Liechtenauer, onde são apresentadas técnicas com a espada longa, sem a utilização de arnês. Para além do mestre Liechtenauer, este manuscrito indica outras técnicas de outros mestres, onde é explicado o combate com várias outras armas e formas, como por exemplo, o combate a cavalo, messer e adaga<sup>189</sup>. Contudo, alguns desses mestres são anónimos<sup>190</sup>.

De acordo com vários mestres que comentaram as técnicas de combate de Johannes Liechtenauer, como Sigmund Ringeck, Peter Von Danzing e Jud Lew<sup>191</sup>, percebemos que Liechtenauer apresenta três conceitos base para qualquer combate e que são o *Vor*<sup>192</sup>, o *Nach*<sup>193</sup> e *In des*<sup>194</sup>, no qual existe sempre a preferência pelo *Vor*. Para além destes três conceitos importantes, existem também os cinco *Maisterhaw*<sup>195</sup>, que são cinco golpes conhecidos apenas por poucos mestres e que podem ser utilizados para quebrar a guarda do nosso oponente. É a partir destes conhecimentos de Johannes Liechtenauer, que se pode atribuir o início da escola de Liechtenauer, que dominou durante os seguintes séculos a forma de combater com espada longa na Alemanha:

«Studies of the German sword-fighting tradition normally begin with the techniques of the fourteenth-century sword master Johann Liechtenauer, whose

---

<sup>186</sup> **Hausbuch** - Livro de casa medieval, que contém informação diversa. Glossário, p. 106; CABREIRA, Há Uma ÚNICA ARTE da Espada..., p. 23.

<sup>187</sup> CABREIRA, Há Uma ÚNICA ARTE da Espada..., p. 23.

<sup>188</sup> **Kuns des Fechtens** - Arte de esgrima. Glossário, p. 106; CABREIRA, D. F., Há Uma ÚNICA ARTE da Espada..., p. 18.

<sup>189</sup> CABREIRA, Há Uma ÚNICA ARTE da Espada..., p. 23.

<sup>190</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>191</sup> *Idem*, pp. 61-63.

<sup>192</sup> **Vor** - O que vem primeiro. Espadachim dominante que toma a iniciativa e ataca primeiro. Glossário, p. 107.

<sup>193</sup> **Nach** - O que vem depois. Espadachim que recebe o ataque do seu oponente e é obrigado a defender. Glossário, p. 106.

<sup>194</sup> **In Des** - Momento de reação em combate. Situação onde um espadachim que está no *nach* pode ganhar o *vor*. Glossário, p. 106.

<sup>195</sup> **Maisterhaw** - Golpes de mestre. Glossário, p. 106.



style was preserved in 1389 in an illustrated text attributed to Hango Döbringer. Liechtenauer's school formed the basis for most of the fencing manuals of the next two centuries, in Italy as well as Germany. Influenced by the strong guild culture of the German cities, sword fighters in Germany began by the fifteenth century to organize as guild-like "brotherhoods" in which men studied the sport under the hand of an established master sword-fighter. Like the journey craftsmen, sword-fighting masters typically spent two to three years travelling both to learn and to teach their art in so-called fencing schools (Fechtschulen)<sup>196</sup>.

«Medieval German swordsmanship pedagogy can be traced back directly to Johannes Liechtenauer, who lived during the fourteenth century. Liechtenauer travelled Europe to learn the mysteries of armed combat and devised a simple system of precepts for the long sword, which could be applied to every weapon. He put his teaching into verse and began the tradition of safeguarding the secrets of his art by obscuring his true meaning. After his death, his pupils began writing down his methods to prevent them from being corrupted, laying the groundwork for a strong and simple tradition of armed combat that would endure for almost three hundred years (...)»<sup>197</sup>.

De acordo com o que nos é apresentado Liechtenauer, tal como outros mestres da sua altura, não desejava que a sua arte fosse conhecida por qualquer pessoa, e por isso escreveu em código, de maneira a que apenas aqueles que fossem seus alunos entendessem o que queria dizer. No caso do MS 3227a, verificamos que a secção sobre as técnicas de combate do mestre Liechtenauer foi escrita em poema, chamado *Zedel*<sup>198</sup>. No entanto, tendo em conta que, tal como foi referido anteriormente, não chegou até aos dias de hoje nada escrito diretamente por Liechtenauer, a única informação que temos sobre as suas técnicas de combate tem origem no MS 3227a através da *Zedel* e, mais tarde, através de mestres como Sigmund Ringeck obtemos comentários e explicações sobre a própria *Zedel*, com o objetivo de explicarem a sua interpretação da *Zedel*, o que explica a *Kuns des Fechtens* de Johannes Liechtenauer.

---

<sup>196</sup> TLUSTY, *The Martial Ethic in Early Modern Germany...*, p. 211.

<sup>197</sup> RECTOR, *Medieval Combat...*, pp. 11-12.

<sup>198</sup> CABREIRA, *Há Uma ÚNICA ARTE da Espada...*, p. 18.

### 4.3. Fiore dei Liberi

Fiore Furlan dei Liberi da Premariaco<sup>199</sup>, mais conhecido por Fiore dei Liberi, foi um mestre de esgrima italiano que viveu no final do século XIV e no início do século XV. Fiore nasceu na região de Friuli, que atualmente se localiza no noroeste da Itália<sup>200</sup>. Desconhece-se o ano em que nasceu, apenas se sabe a data da sua morte, em 1410<sup>201</sup>.

No final da sua vida dedicou-se a escrever (1409-1410) a *Flos Duellatorum in armis, sine armis, equester et pedester*, ou se preferirmos, *Fior di Battaglia*<sup>202</sup>, que na realidade significa *Flor de Batalha*.

Atualmente sabe-se que existem quatro versões deste manuscrito: *Getty*<sup>203</sup>, *Morgan*<sup>204</sup>, *Pisani-Dossi*<sup>205</sup> e *Florius*<sup>206</sup>. Apesar de existirem estas versões não se sabe qual delas é a original pelo simples facto de cada um destes manuscritos ter ligeiras modificações no seu conteúdo. No entanto, é possível afirmar que de todas estas versões, a de Florius é a mais completa.

Neste manuscrito, escrito em italiano, Fiore começa por se apresentar e explicar onde apreendeu a lutar com as diferentes armas. Sobre isto é necessário explicar que cada versão acaba também por possuir algumas modificações na sua apresentação. No caso da versão *Getty*, Fiore explica que aprendeu a lutar com vários mestres italianos e alemães, mas também nas cortes de vários reis, príncipes e duques<sup>207</sup>. Mas no caso da versão *Pisani-Dosi*, é feita uma menção ao mestre Giovanni, conhecido por Suevo<sup>208</sup>, que tinha sido estudante do mestre Nicholai de Toblem, da diocese de Metz<sup>209</sup>. O mestre Suevo é referenciado no livro *The Knightly Art of Battle*, que se chama Johannes e que Fiore estudou as suas técnicas na Suábia<sup>210</sup>. O facto de existir a possibilidade de Fiore ter estudado com aquele mestre na Suábia pode significar que terá aprendido com um mestre da escola de Liechtenauer, o que poderá explicar a semelhança entre algumas técnicas de combate alemãs e as técnicas desenvolvidas por Fiore.

---

<sup>199</sup> MONDSCHNEIN, *The Knightly Art of Combat*, p. 10.

<sup>200</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>201</sup> *Idem*, p. 11.

<sup>202</sup> *Idem*, p. 9.

<sup>203</sup> Conhecido por Ms. Ludwig xv I3; MONDSCHNEIN, *The Knightly Art of Combat*, p. 9.

<sup>204</sup> Conhecido por Ms. M.383; MONDSCHNEIN, *The Knightly Art of Combat*, p. 9.

<sup>205</sup> Conhecido por Pisani Dossi Ms.; WIKTENAUER, "A HEMA Alliance Project, Treatises".

<sup>206</sup> Conhecido por Ms.lat.11269; MONDSCHNEIN, *The Knightly Art of Combat*, p. 9.

<sup>207</sup> CHIDESTER, "Fior di Battaglia...", pp. 5-7.

<sup>208</sup> LOVETT, "Fiore dei Liberi Project...", p. 4.

<sup>209</sup> *Idem*, pp. 4-5.

<sup>210</sup> MONDSCHNEIN, *The Knightly Art of Combat...*, p. 11.

Depois de fazer a sua apresentação, e de explicar onde e com quem aprendeu a sua arte, Fiore explica que após mostrar aos seus alunos a «sua arte», nenhum deles quis ter outro mestre para além dele<sup>211</sup>, referindo, também, que de todos os seus alunos apenas Galeazo de Mântua<sup>212</sup>, tinha um livro de esgrima. Este pormenor parece indicar a existência de poucos livros sobre a arte de esgrima, ou que os existentes não eram muito acessíveis para toda a nobreza:

«Also I say that no tone of my scholars in particular those mentioned above, have had a book about the art of combat other than Sir Galeazo da Mantoa./ Well that he said that without books no one shall be a good Master nor Scholar in this art»<sup>213</sup>.

Fiore explica, também, as razões que o levaram a escrever este livro:

«And I, Fiore, confirm it true that this art is long that there is no man of the world of great memory that he can hold in mind without books a quarter part of this art./ Given that not knowing more than a quarter part of this art I shall not be a Master»<sup>214</sup>.

Ou seja, mesmo com todo o conhecimento adquirido, ninguém poderá ser Mestre de uma arte, se não a estudar a fundo, e mesmo para Fiore, que possuía um enorme conhecimento, este apenas se lembrava de um número reduzido de técnicas. Por isso achou necessário escrever um livro onde todas estas técnicas estivessem descritas e que pudessem ser passadas para os seus alunos. É, também, explicado:

«(...) So that I, Fiore, knowing how to read and to write and to draw and having books in this art and I have studied for 40 years or more. I am not a very perfect Master in this art. Although it is held by great gentlemen, who have at times been my scholars, I am a good and perfect Master in the mentioned art»<sup>215</sup>.

Apesar de este mestre de esgrima ter estudado a sua arte, durante mais de quatro décadas, não acha que domina na perfeição a sua arte, mas que é visto como um mestre

---

<sup>211</sup> CHIDESTER, “*Fior di Battaglia...*”, pp. 5-7.

<sup>212</sup> *Idem*, p. 5.

<sup>213</sup> *Idem*, p. 5.

<sup>214</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>215</sup> *Idem*, p. 6.

perfeito pelos seus alunos, porque conhece muito sobre as técnicas da arte que estudou ao longo da sua vida. Ainda antes de começar a explicar as suas técnicas de combate, Fiore, dedica este manuscrito ao seu senhor: «*Lord Prince Sir Nicolo Maruis of Este, Lord of the noble city of Ferrara of Modena*»<sup>216</sup>, começando depois por falar sobre alguns cuidados a ter com as técnicas de *abrazzare*<sup>217</sup>.

Sobre o tratado em si podemos, desde o início, observar que Fiore sistematiza a arte da esgrima, apresentando um conjunto de técnicas de combate, onde para cada uma existe mais do que uma opção a usar em combate, e em muitos dos casos uma das técnicas é uma continuação de técnicas anteriores, sendo que o que se aprende anteriormente é constantemente aplicado ao longo do manuscrito. Mas, o mais interessante, é o facto de explicar sempre quais são as técnicas que funcionam melhor contra um adversário com armadura, ou sem armadura.

Para começar Fiore apresenta no seu manuscrito o que serão as bases para todo o seu sistema de combate, que é o *abrazzare*. Com o *abrazzare* o aluno consegue aprender a biomecânica do corpo humano, ao aplicar uma força nas articulações do corpo do seu adversário, ou seja, aprende a projetar o seu oponente e a lutar numa determinada distância.

Depois das técnicas do *abrazzare*, Fiore explica como lutar com a adaga de rodelas, explicando primeiro como o espadachim se deve defender do golpe de uma adaga através da aplicação de um *bastoncello*<sup>218</sup>. De acordo com Fiore a adaga de rodelas possui nove mestres<sup>219</sup>, o aluno continua a aplicar as mesmas *poste*<sup>220</sup> e aprende a medir a distância entre ele e o seu adversário, tal como aprende a desarmar, fazer chaves, quebrar articulações e, finalmente, desarmar o seu adversário.

De seguida, Fiore apresenta as técnicas para o combate com a espada singela, para depois poder apresentar as técnicas para a espada de mão e meia. No caso da espada singela, Fiore não refere muitas técnicas, mantém os princípios do *abrazzare* e da adaga, no entanto, começam a surgir conceitos como *paradas*<sup>221</sup>, *batidas*<sup>222</sup> e *rebatidas*<sup>223</sup>. Mas na espada de mão e meia, Fiore explica primeiro as guardas e os sete

---

<sup>216</sup> Idem, p. 6.

<sup>217</sup> **Abrazzare** - Combate corpo a corpo, em que o objetivo é neutralizar o nosso oponente através da quebra de ossos e articulações. Glossário, p. 105.

<sup>218</sup> **Bastoncello** - Pequeno bastão de madeira. Glossário, p. 105.

<sup>219</sup> *MS. Ludwig XV 13*, fólhos 9-18v e 38-38v.

<sup>220</sup> **Poste** - Guardas. Glossário, p. 106.

<sup>221</sup> **Parada** - Interrupção do movimento da espada do nosso oponente. Glossário, p. 106.

<sup>222</sup> **Batida** - Golpe descendente na espada do nosso oponente. Glossário, p. 105.

<sup>223</sup> **Rebatida** - Golpe ascendente na espada do nosso oponente. Glossário, p. 107.

golpes, para depois dividir as suas técnicas entre *gioco largo* e *gioco stretto*. O manuscrito continua com a explicação sobre como um espadachim se deve posicionar e agir num combate contra mais de um opositor, tendo apenas consigo um pau que possa ter apanhado do chão<sup>224</sup>.

Fiore apresenta, a seguir, o *senho*<sup>225</sup>, onde demonstra os sete golpes possíveis e as quatro virtudes: prudência, coragem, velocidade e força<sup>226</sup>. Para cada uma das virtudes é apresentado um objeto e um animal. A prudência, localizada na cabeça possui um lince e um compasso; a coragem, que se encontra no lado esquerdo do corpo, tem um leão e um coração; a velocidade encontra-se no lado direito do corpo e possui um tigre com uma flecha; e a força, que se encontra nos pés, possui um elefante que carrega um castelo às costas.

Após esta breve paragem, Fiore continua apresentar as suas técnicas de combate, falando agora sobre o *armizzare*<sup>227</sup>, e começa, inicialmente, por apresentar as técnicas de combate com espada longa, depois progredindo até ao martelo de guerra e terminando na demonstração da lança a pé. No final do seu livro, Fiore, ensina como lutar a cavalo, sem armas, com espada e com lança, mas explica, também, como um infante pode derrubar um cavaleiro<sup>228</sup>. Termina a obra explicando primeiro que colocou neste texto todo o seu conhecimento sobre a arte da esgrima, e de seguida atribui-lhe o nome *Fior di Battaglia*, dedicando o manuscrito ao seu patrono.

#### 4.4. Os textos de D. Duarte

D. Duarte, rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta, foi o segundo rei da dinastia de Avis, nasceu a 31 de Outubro de 1391 e faleceu a 9 de Setembro em 1438, não foi um mestre de esgrima, mas durante a sua vida escreveu duas obras, uma completa, *O Leal Conselheiro*, outra, que infelizmente não conseguiu terminar, foi o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*.<sup>229</sup>

---

<sup>224</sup> MS. Ludwig XV 13, fólhos 31- 31v.

<sup>225</sup> *Idem*, fólho 32.

<sup>226</sup> *Idem*, fólho 32.

<sup>227</sup> *Armizzare* - Combate de Arnês. Glossário, p. 105.

<sup>228</sup> MS. Ludwig XV 13, fólhos 41-47.

<sup>229</sup> PIEL, *Livro da Ensinança*....

Sobre o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* podemos dizer que foi o primeiro livro a ser escrito apenas sobre equitação. D. Duarte, um excelente cavaleiro quer demonstrar como um cavaleiro deve ser treinado. Tem de começar por utilizar cavalos mais calmos e depois passar, lentamente, para cavalos ligeiramente mais difíceis, tendo como objetivo habituar-se a montar diferentes tipos de cavalos<sup>230</sup>. Também explica a maneira de como aquele se deve comportar em cima de um cavalo, ao reagir sempre com calma, e demonstrar que está tudo sob controlo<sup>231</sup>. Para além de ensinar a montar a cavalo este livro também explica como devem ser manejados os vários tipos de lança e de como usar a espada, enquanto estão a montados a cavalo. Começando por falar sobre a utilização da lança a cavalo indica a necessidade de ter em conta que existem dois tipos de lança diferentes, uma lança de caça, mais pequena e leve, e uma lança de torneio, que por sua vez será maior e mais pesada, o que por sua vez torna o seu transporte e a utilização a cavalo ligeiramente diferentes, no entanto o objectivo do treino com os vários tipos de lança é o de preparar o cavaleiro para a guerra. No que diz respeito à utilização da espada, D. Duarte apenas descreve quatro golpes que podem ser feitos a cavalo:

«Sobre os avysamentos pera bem ferir de spada, a mum parece que razoadamente a cavallo se pode ferir per quatro maneiras: Primeira, de talho travesso. Segunda, de revés. Terceira, fendente de cima pera fundo. Quarta, de ponta. E a primeira e a ssegunda me parecem melhores pera feryr qual quer homem a cavallo que ande de besta»<sup>232</sup>.

Após a descrição dos quatro golpes passa a explicar qual a melhor maneira de os executar, mas ao contrário dos outros manuscritos de esgrima, D. Duarte apenas fala deles e não apresenta outras técnicas de combate, ou contra técnicas com espada. Apesar disto, o rei português acaba, também, por admitir que tudo o que nos apresenta é devido à sua própria experiência e à utilização da espada que bem descreve:

«(...) E por que a husança das terras e dos tempos mudam as manhas e os costumes, poderá seer que a algúu parecerá o contrairo desto que screvo; e porem saibham que o screvy segundo mynha speriencia, a qual concorda com a mais

---

<sup>230</sup> PRETO, *The Art of Riding on every Saddle*..., pp. 53-63.

<sup>231</sup> *Idem*, pp. 83-121.

<sup>232</sup> PIEL, *Livro da Ensinança*..., p. 113.

geeral boa pratica que ao presente se husa em estes Reynos delrrey, meu senhor e padre, cuja alma deos aja»<sup>233</sup>.

Para além da utilização da lança e da espada, D. Duarte, também fala sobre técnicas de combate corpo-a-corpo, que seguem o mesmo conceito que os combates de *ringen*<sup>234</sup>, pelo facto de serem técnicas para um combate desportivo, tendo como objetivo fortalecerem o corpo e prepararem os futuros combatentes para o que poderá acontecer no campo de batalha. Atualmente ainda é possível verificar resquícios desta forma de combater referida por D. Duarte, numa luta tradicional portuguesa, chamada a *luta galhofa*<sup>235</sup>. Existe, também, a descrição de técnicas de combate semelhantes no manuscrito chamado MS.a.IV.23 que foi escrito por Pietro Monte<sup>236</sup>, no século XVI.

## 4.5 Hans Talhoffer

Hans Talhoffer foi um *fechtmeister* alemão do século XV, que nasceu em 1420 e morreu em 1490<sup>237</sup>. Durante a sua vida esteve ao serviço de um cavaleiro da Suábia chamado Leutold Von Königsegg<sup>238</sup>, e tal como outros mestres alemães do seu período, também segue a linha de pensamento da escola de Liechtenauer.

Durante a sua vida Talhoffer escreveu seis manuscritos onde apresenta formas de combate que vão desde duelos judiciais, até combates a cavalo. No entanto, tal como outros no séc. XV, como Leonardo Da Vinci, Talhoffer descreveu em alguns dos seus manuscritos armas bizarras e máquinas de cerco, sendo uma das imagens mais curiosas a de um desenho onde aparece uma espécie de escafandro<sup>239</sup>.

O manuscrito que está a ser seguido nesta dissertação é o tratado escrito em 1467 intitulado *Fetchbuch*. Nele Hans Talhoffer apresenta o seu sistema de combate, mas ao contrário de Fiore dei Liberi, que descreve de forma sequencial o seu sistema de combate, começando pelo combate corpo a corpo, Talhoffer apresenta as armas e as

---

<sup>233</sup> *Idem*, p. 116.

<sup>234</sup> **Ring**en - Combate corpo a corpo desportivo em que o objectivo é derrubar o nosso oponente e exercitar o nosso corpo. Contudo, este tipo de combate pode também ser utilizado para neutralizar o nosso oponente, caso seja necessário. Glossário, p. 107.

<sup>235</sup> RECTOR, *Medieval Combat...*, p. 9.

<sup>236</sup> Mestre de Armas espanhol/italiano dos séculos XV e XVI.

<sup>237</sup> *Idem*, p. 9.

<sup>238</sup> *Idem*, p. 9.

<sup>239</sup> MS Thott.290.2<sup>o</sup>, fólios 43v-44r e fólio 45r.

técnicas de uma maneira bastante diferente e também não explica em concreto qual é o seu sistema de combate, apesar de percebermos que tal sistema existe. Ao olharmos para o manuscrito verificamos que é composto por duzentas e setenta placas<sup>240</sup> onde, em cada uma delas, demonstra uma ou duas técnicas desenhadas e no lado direito dessas imagens insere um pequeno texto explicativo daquela técnica. O problema dessas técnicas de combate assim demonstradas surge logo na sua leitura, porque se não compreendermos a linguagem utilizada no manuscrito, e não tivermos alguns conhecimentos básicos de esgrima, a tarefa de descodificar o que foi apresentado, torna-se muito difícil, pelo facto ser necessário pensar e reconstituir todos os passos anteriores de maneira a executarmos a técnica e a terminamos na mesma posição que é descrita neste manuscrito.

A primeira arma a ser apresentada por Talhoffer é a espada bastarda, no entanto Talhoffer, ao contrário de Fiore, nunca explica numa única secção todas as suas guardas e ataques. Em vez disso indica uma sequência de ataques e defesas, explicando que para um determinado ataque tem de ser feita uma determinada defesa<sup>241</sup>, ou seja, todas estas técnicas são situacionais. Apesar disto, é possível verificar que Talhoffer segue a linha da escola de Liechtenauer devido à posição das mãos<sup>242</sup>, mas também pelo facto de a maior parte das técnicas serem executadas com uma postura mais direita, e ao contrário de Fiore, apresenta bastantes técnicas onde são utilizadas projeções, ou onde o quadrão e o pomo da espada são utilizados para atacar o adversário, como por exemplo num *murder-stroke*<sup>243</sup>.

Hans Talhoffer faz uma pequena apresentação de técnicas de combate com armadura, em formato de duelo judicial, onde são utilizadas duas lanças e uma espada longa. Após esta pequena apresentação volta a escrever sobre técnicas de combate sem armadura, utilizando a espada longa e a meia espada<sup>244</sup>. Continua com a apresentação do combate com *pole-axe*<sup>245</sup>, e de seguida introduz um outro conjunto de técnicas de combate para duelo judicial com dois escudos gigantes que podem ser utilizados sem

---

<sup>240</sup> RECTOR, *Medieval Combat...*

<sup>241</sup> *Idem.*

<sup>242</sup> Anexo F, p. 184.

<sup>243</sup> **Murder-stroke** - Golpe descendente onde o seu utilizador agarra a lâmina da espada com as duas mãos e atinge a cabeça ou ombro do seu oponente, com o pomo ou quadrão da sua espada. Glossário, p. 107; Anexo F, pp. 186-187.

<sup>244</sup> **Meia Espada ou Mezza Spada** - Forma de segurar a espada, onde uma das mãos agarra o punho da espada e a outra mão agarra a lâmina da espada. Glossário p. 106; Anexo E, pp. 177-179; Anexo F, p. 186.

<sup>245</sup> **Poleaxe**- Acha de armas. Glossário p. 106.



qualquer outra arma, como uma moca de madeira ou com uma espada singela<sup>246</sup>. Também o combate com a adaga de rodela é descrito, mas ao contrário de Fiore, assume, sempre, que ambos os combatentes terão uma adaga de rodela e que nenhum deles estará desarmado antes do combate, apresentando também muitas técnicas onde o nosso adversário é desarmado, neutralizado ou projetado.

Finalmente, são apresentadas no tratado as técnicas de combate de *ringen* que lhe foram ensinadas pelo mestre Ott. O *ringen* tem como objetivo manter a condição física dos combatentes e de os preparar para a guerra, através de chaves e projeções, no entanto, podemos dizer que ao longo de todo o tratado é possível evidenciar algumas técnicas de *ringen* que já eram utilizadas nas técnicas de combate anteriores, devido à maneira de agarrar no adversário e de o projetar. Talhoffer passa a descrever o sistema de combate de *messer*<sup>247</sup>, um conjunto de movimentos quase idêntico aos do combate de espada singela apresentados por Fiore Dei Liberi. A razão pelo qual estas técnicas são tão semelhantes, devem-se, por sua vez, à própria anatomia e biomecânica humana que restringe o número de ataques que um espadachim pode executar com uma arma.

O tratado também demonstra técnicas de combate para a utilização de espada singela e broquel. No entanto, ao contrário do MS I.33, as técnicas de combate aqui seguidas apresentam o broquel e a espada a serem usados separadamente<sup>248</sup>. Para além disso, existe uma grande diferença nas técnicas de combate apresentadas por Talhoffer, como a do uso do broquel, aqui esta arma defensiva não é *remondo*, em vez disso, este broquel apresenta várias protuberâncias que permitem prender a lâmina do adversário<sup>249</sup>. Seguem-se mais descrições relativas ao duelo judicial (entre um homem e uma mulher), onde o homem deve empunhar um bastão e estar dentro de um buraco que lhe chegue até à cintura, já a mulher deve estar fora do buraco e armada com um saco cheio de pedras<sup>250</sup>. O manuscrito termina explicando algumas das técnicas de combate a cavalo, como a forma de combater com lança, e também outras formas de combate: com besta, espada singela, e até mesmo o combate desarmado.

---

<sup>246</sup> RECTOR, *Medieval Combat...*, placas 104-169.

<sup>247</sup> *Idem*, placas 223-230.

<sup>248</sup> *Idem*, placas 231-241.

<sup>249</sup> *Idem*, placa 231.

<sup>250</sup> *Idem*, placas 242-250.

## 4.6. Qual a importância destes Tratados?

Tendo em conta os tratados referidos atrás podemos questionar-nos sobre a sua importância para o período em que foram escritos, mas também para os dias de hoje. Se começarmos por falar sobre a importância que estes tratados têm para os dias de hoje, podemos dizer que nos permitem ter uma visão dos sistemas de combate em uso num período da história muito específico. Também podemos analisar o vestuário, como é o caso do *Codex Walpurgis*, e as armas e as armaduras que eram utilizadas<sup>251</sup>.

Ao refletirmos agora sobre a importância destes tratados para o período em que foram escritos é necessário ter em conta vários fatores. Em primeiro lugar, temos que ter em conta que na Idade Média um manuscrito não era fácil nem barato de ser produzido, como é o caso do *Codex Walpurgis*, pela quantidade de pessoas que nele intervinham e pelo custo dos materiais utilizados para o produzir. Não era qualquer pessoa que teria dinheiro para encomendar um manuscrito deste tipo. Quem o poderia encomendar tinha de pertencer a setores bem altos da sociedade medieval, como a alta nobreza e uma burguesia bem abastada. O preço alto destes manuscritos é uma das maneiras de tornar a informação neles contida também restrita, sobretudo nos manuscritos de esgrima, muito provavelmente de acesso muito reservado. Em segundo lugar, quase todos os tratados de esgrima desse período continham muitas imagens e a explicar essas imagens estavam pequenos textos explicativos, em jeito de instruções, em verso, como como nos aparece em Fiore dei Liberi. Numa população maioritariamente analfabeta, em todos os setores da sociedade, estes «manuais» específicos não eram propriamente acessíveis, mas a existência das imagens facilitava a aprendizagem das técnicas de combate.

Em terceiro lugar, é importante ter em conta o número de pessoas que durante a Idade Média sabiam a arte da esgrima, ou que teriam aprendido esta arte através de um Mestre de Armas. Numa palestra, e mais tarde numa aula prática, com o instrutor Colin Richards<sup>252</sup>, em Dijon, foi nos dado um exemplo de como um Mestre como Fiore dei Liberi ou Johannes Liechtenauer ensinariam as suas artes, e de como os seus ensinamentos e técnicas teriam chegado a muito poucas pessoas. Dizia este instrutor de esgrima dos nossos dias que não mais de cento e sessenta pessoas, naquele tempo, estariam bem a par de todas aquelas técnicas. Torna-se óbvio que não podemos

---

<sup>251</sup> FORGENG, *The Medieval Art of Swordsmanship*.

<sup>252</sup> Instrutor de Esgrima convidado no XVIII Encontro *Historical European Martial Arts*, na Universidade de Borgonha em Dijon.

confirmar este número sem termos dados firmes que o comprovem. No entanto, este valor serve muito mais para afirmar que quem teria realmente conhecimento sobre a arte da espada seria um número muito reduzido da população e a probabilidade de encontrar alguém que também tivesse os mesmos conhecimentos seria, eventualmente, bastante reduzida. Isto não significa que não existissem pessoas que não soubessem lutar, especialmente se estivermos a falar de homens de armas.

Tomando o exemplo de Fiore dei Liberi sabemos que este Mestre de Armas, ensinava a sua arte da espada a nobres ricos, mas também a homens de armas abastados e que já saberiam lutar, e que podiam usar essa experiência como base para aprender o sistema de combate daquele mestre. Segundo Colin Richards, num mundo em que a maior parte das pessoas não sabia utilizar uma espada corretamente, os alunos destes mestres eram pessoas que estavam em vantagem no campo de batalha, duelo judicial ou em qualquer outra disputa, a não ser que encontrassem outra pessoa que também tivesse treinado com um Mestre de Armas. Richards apresenta o exemplo do *Nuremberg Hausuch*<sup>253</sup> onde explica que a primeira parte das técnicas de combate ensinadas eram para ser aplicadas em pessoas que não conheciam a arte da esgrima, ou seja, golpes em que se saía fora de linha<sup>254</sup>, ou golpes que acabavam imediatamente o combate<sup>255</sup>. Já o resto do *Nuremberg Hausuch* referia-se a técnicas de combate que seriam aplicadas a quem conhecia a arte da esgrima e que era impossível derrotar apenas com um único golpe. Para que se consiga vencer o especialista neste género de esgrima (o do tratado) aponta várias formas e várias técnicas de obter o *vor* durante o combate, seja através do que podemos chamar de *bind*, ou através da acumulação de pequenas vitórias, no entanto este código está repleto de avisos depois da explicação de algumas técnicas, dizendo para não as aplicar caso o combatente não esteja na distância correta e não esteja seguro do que vai fazer, porque o adversário pode prever isso e aplicar um contra-ataque.

Em quarto lugar, não podemos esquecer que aqueles tratados servem o objetivo de documentar e guardar os conhecimentos dos Mestres de Armas daquele período, e em muitas situações, os manuscritos estavam escritos em código para que apenas os alunos de um Mestre de Armas soubessem o que estava lá escrito.

---

<sup>253</sup> MS 3227a.

<sup>254</sup> Anexo A, pp. 118-125.

<sup>255</sup> Anexo E, p. 157 e 166.

**5.**  
***PRAXIS***

## 5.1. Biomecânica

Antes de podermos falar sobre a utilização das espadas e as suas várias técnicas, é necessário falar de um animal bastante interessante que é o Homem e da sua biomecânica. O Homem, ao contrário dos outros animais é um mamífero que se descola de uma maneira muito peculiar, ao movimentar-se se forma bípede. Esta forma de caminhar, que obriga o ser humano a estar em constante desequilíbrio para se deslocar, torna-se possível devido à sua anatomia e biomecânica. O corpo humano pode ser dividido em três partes: cabeça, tronco e membros, sendo que os membros podem ainda ser divididos entre membros inferiores e membros superiores, e qualquer uma destas partes do corpo é composto por ossos, articulações, tendões e músculos.

Estes ossos que compõem o corpo humano estão conectados entre si através de articulações, que por sua vez estão ligadas por músculos e tendões. Ao trabalharem em conjunto estes componentes permitem que qualquer parte do corpo humano se desloque de forma específica. No entanto, qualquer movimento que seja feito está, por sua vez, limitado às articulações que estão a ser utilizadas<sup>256</sup>. Isto significa que não é possível executar um movimento que tenha uma amplitude maior que o que as nossas articulações permitem, sob o risco de se sofrer uma luxação, fratura ou deslocação. A partir desta informação podemos perceber que é graças a este conjunto de ligações que o corpo efetua várias ações. No entanto, qual será a razão que permite ao nosso corpo manter-se ereto? Para responder a esta questão consideremos:

«A cabeça e o tronco estão ligados pela cervical e respectiva musculatura. Devido a esta ligação, é possível condicionar-se a movimentação do corpo através do controlo da cabeça (por exemplo, se puxarem a nossa cabeça para os lados, o nosso corpo, tendencialmente, seguirá a cabeça). A região pélvica funciona como pivot entre o tronco e os membros inferiores e em conjunto com a coluna e os músculos abdominais e dorsais, assegura a rotação do tronco»<sup>257</sup>.

Através da citação anterior podemos concluir que a nossa região pélvica funciona como meio de ligação entre os nossos membros inferiores e o resto do corpo através da nossa coluna e cabeça. Mas não nos podemos esquecer que o facto de a nossa zona

---

<sup>256</sup> MARTINS, *Fiore dei Liberi e Hans Talhoffer...*, p. 7.

<sup>257</sup> *Idem*, p. 7.

pélvica servir de *pivot* entre os membros inferiores e o tronco, possibilita que o peso seja distribuído entre os membros inferiores, e também permite que o ponto de equilíbrio se mantenha na zona do umbigo. Comparando agora o nosso centro de gravidade com o dos outros animais constatamos que o centro de gravidade humano é mais elevado do que o dos restantes seres vivos. Isto significa que qualquer desalinhamento da nossa linha sagital<sup>258</sup>, ou força aplicada acima do nível da cintura, provocará uma queda. E sobre este aspeto podemos dar o exemplo apresentado na citação anterior, e que é o da nossa cabeça, que para onde se desloca, é seguida sempre pelo corpo. Significa isto que no caso em que a cabeça execute movimentos ligeiros, o corpo consegue manter o seu ponto de equilíbrio, mas caso a cabeça execute um movimento fora do vulgar, o peso do corpo desloca-se na mesma direção, provocando uma alteração extrema do ponto de equilíbrio, o que por sua vez obriga o resto do corpo a movimentar-se na mesma direção, de maneira a corrigir o ponto de equilíbrio e impedir que ocorra uma queda<sup>259</sup>.

Uma forma de corrigir o elevado ponto de equilíbrio do corpo humano passa por afastar ligeiramente as pernas e fletir os joelhos de maneira a que o mesmo fique no compasso natural<sup>260</sup>. Ao executarmos este movimento, o nosso centro de gravidade diminui e o peso fica melhor distribuído, o que aumenta a facilidade de recuperação da maior parte dos movimentos executados, mas também da maior parte das forças aplicadas sobre o nosso corpo por um adversário, uma vez que existem sempre movimentos extremos em relação aos quais o nosso corpo não consegue manter a estabilidade<sup>261</sup>.

Em algumas conversas com a professora doutora Karin Verelst<sup>262</sup>, tanto em Bruxelas, como em Dijon, foi-nos apresentada a teoria dos quatro triângulos. Esta teoria afirma que o corpo humano é regido por quatro triângulos que mantêm a estabilidade do corpo, mas se alguém imprimir uma força num desses triângulos, o corpo entrará em desequilíbrio, caso a estabilidade desses triângulos não seja reposta. O primeiro triângulo encontra-se entre os pés e a cintura, o segundo entre as mãos e os ombros, o

---

<sup>258</sup> **Linha Sagital** - Linha imaginária que atravessa o nosso corpo e o divide entre o lado esquerdo e o lado direito. Glossário, p. 106.

<sup>259</sup> Anexo A, p. 116.

<sup>260</sup> **Compasso Natural** - Posição de equilíbrio natural para o corpo humano quando dobramos ligeiramente os joelhos. Glossário, p. 105; Anexo A, p. 117.

<sup>261</sup> Anexo A, p. 117 e 124.

<sup>262</sup> Professora Doutora Karin Verelst da Universidade de Vrije de Bruxelas, instrutora de esgrima convidada no XVIII Encontro *Historical European Martial Arts*, na Universidade de Borgonha, em Dijon.

terceiro triângulo é o do queixo, ou se preferirmos, o nosso maxilar inferior, o quarto triângulo é, por sua vez, um triângulo de sustentação que surge com a utilização do nosso compasso natural.

Seguindo esta tese, se o nosso corpo se mantiver alinhado com estes três triângulos<sup>263</sup> é possível mantermo-nos em equilíbrio. Já em situação de combate é a partir da manipulação dos quatro triângulos que conseguimos obter uma vantagem sobre o nosso adversário, e desequilibrá-lo, ao «destruirmos» um dos seus quatro triângulos<sup>264</sup>. Ao sabermos que a melhor forma de neutralizar o adversário é destruir um dos seus triângulos, podemos fazer isso de várias maneiras, ou sair de linha<sup>265</sup>, ou afastar, ou empurrar uma parte do seu corpo. Para sairmos de linha basta, apenas, dar um passo para o lado direito, ou para o lado esquerdo, no entanto, enquanto damos esse passo é necessário mudar o nosso ângulo 45° na direção do adversário, porque se mantivermos o ângulo anterior, o oponente poderá tocar-nos, mas se mudarmos o nosso ângulo 45°, o adversário ficará à nossa distância devido à nossa angulação e à biomecânica humana<sup>266</sup>. Se decidirmos afastar a cabeça do nosso adversário, o corpo terá sempre a tendência em seguir o movimento dela, o que irá desequilibrar o adversário e provocar uma queda<sup>267</sup>. Mas se optarmos por empurrar algum dos membros superiores do adversário poderemos executar chaves, deslocamentos, luxações, fraturas e projeções, através da manipulação das articulações do nosso oponente.

Tal como foi referido anteriormente cada articulação faz movimentos específicos, mas ao mesmo tempo limitados, uma vez que nenhuma das nossas articulações executa movimentos de 360°:

«No caso dos membros superiores, o ombro permite fazer a elevação do braço e movimentos ântero-posteriores de sensivelmente 180°, e ainda uma rotação sensível de 270°»<sup>268</sup>.

«O cotovelo faz a ligação do úmero à ulna e ao rádio. A ligação do úmero à ulna funciona como uma dobradiça, permitindo a flexão e extensão do antebraço; a ligação ao rádio funciona como um eixo, permitindo a pronação e supinação do

---

<sup>263</sup> Anexo A, p. 116.

<sup>264</sup> Anexo A, p. 117 e pp. 122-125.

<sup>265</sup> Anexo A, pp. 122-123.

<sup>266</sup> Anexo A, pp. 118-121.

<sup>267</sup> Anexo A, p. 124.

<sup>268</sup> MARTINS, *Fiore dei Liberi e Hans Talhoffer...*, p. 7.

antebraço. Ambas as ligações permitem movimentos rotacionais de, sensivelmente, 180°. A hiperextensão do cotovelo provoca luxação ou fractura; a pronação ou supinação excessivas do cotovelo provocam lesões ao nível do ombro»<sup>269</sup>.

«Os ossos e articulações da mão, para além de serem bastante frágeis, não beneficiam da protecção de uma forte massa muscular. Pressões crescentes ou súbitas de hiperextensão dos dedos provocam facilmente a deslocação das articulações ou a fractura, para além da ruptura de ligamentos. Isoladamente, o pulso permite movimentos de flexão e extensão e em conjunto com o cotovelo, movimentos de pronação e supinação, todos eles com a extensão máxima variável entre os 90 e os 180°. Para além destes ângulos, por norma, ocorrem luxações ou fracturas»<sup>270</sup>.

Isto significa que a partir do domínio de uma grande articulação, como por exemplo, a do ombro, é possível dominar o adversário utilizando esta articulação como se fosse uma alavanca, através da aplicação de uma chave. E, caso o nosso oponente resista, poderá ser necessário provocar uma hiperextensão na articulação do adversário, o que provocará fraturas, deslocações ou luxações. Em relação à articulação do cotovelo e à articulação do pulso, é possível utilizar estas articulações como se fossem alavancas, mas também como dobradiças. Significa que podemos executar hiperextensões e hiperflexões nestas articulações através de uma chave, e uma vez que estas articulações estão ligadas ao tronco, através da articulação do ombro, qualquer chave que seja feita irá provocar uma reacção em cadeia em todas as outras articulações do ombro o que terá implicações no equilíbrio do recetor dessa chave, podendo também dar origem a ruturas, luxações, deslocações, fraturas e torções.

Se considerarmos os membros inferiores, verificamos que a melhor forma de neutralizar o triângulo criado por estes membros acaba por ser ou uma projecção feita ao nível da cintura, joelho ou tornozelo, ou através de uma fratura na articulação do joelho<sup>271</sup>. Através da projecção o número de lesões sofridas irá depender da força aplicada, mais a superfície onde ocorre a queda, podendo em algumas circunstâncias não ocorrer lesões. No caso da fratura na articulação do joelho este fica imediatamente incapacitado. Podemos afirmar que é a partir destes conceitos de anatomia e

---

<sup>269</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>270</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>271</sup> Anexo A, p. 117 e 125.



biomecânica humana que todos os combates se baseiam, independentemente da arma utilizada, uma vez que o objetivo principal de qualquer guerreiro é o de neutralizar o seu adversário. Para fazer isso é necessário executar chaves, fraturas, torções, luxações e projeções num dos três triângulos do nosso adversário, de maneira a comprometer o seu equilíbrio e estabilidade no combate. Devido a razões biomecânicas torna-se, também, possível controlar a distância entre nós e o nosso oponente através dos nossos joelhos, ao balançarmos o peso do nosso corpo para a frente e para trás. Ao fazermos isso o adversário irá pensar que está mais perto do que está na realidade<sup>272</sup>. Esta noção de falsa distância irá levar a que o adversário falhe o seu ataque e a entrar na nossa distância de reação onde, por consequência, irá ser alvo de dano.

## 5.2. Uma arma de infantaria

Apesar de a espada possuir um grande simbolismo para a cavalaria, e uma grande importância na demonstração de poder do rei e da nobreza, esta arma deve ser considerada, principalmente, uma arma para a infantaria, e por várias razões.

Ao recuarmos uns séculos, até ao período da Grécia Antiga, observamos que os hoplitas apenas utilizavam uma lança, um escudo (o *hóplon*) e uma espada chamada de *xiphos*. No início do combate, a falange grega usava a sua lança e o seu escudo, mas a partir do momento em que um hoplita, perdesse a sua lança, ou que entrasse numa distância em que a lança deixasse de ser eficaz, devia empunhar rapidamente a sua espada. No mundo romano, o armamento ofensivo do legionário era o *pilum*, o *scutum* e um gládio, sendo o *pilum* utilizado no início da batalha como arma de arremesso, o que significava que depois cada legionário empregava, principalmente, o *scutum* e o gládio no resto do combate. Ao termos em conta esta informação, torna-se evidente que estas duas civilizações já possuíam uma grande tradição na utilização da espada como arma de infantaria. Mas se olharmos agora para a Idade Média, verificamos que a utilização da espada no campo de batalha sofre algumas alterações. Não é a primeira arma a ser utilizada ou escolhida durante a Idade Média, quer pela infantaria como pela cavalaria.

A infantaria usava desde o início uma lança e um escudo, podendo trocar na *mêlée* a sua lança por uma arma que tivesse um alcance mais curto, como um machado, um

---

<sup>272</sup> Anexo A, p. 121.

martelo de guerra ou uma espada. Já a cavalaria iniciaria o seu combate com uma lança, podendo depois passar a utilizar após o primeiro embate uma maça de armas, martelo de guerra ou uma espada. E nesta situação ficamos com a ideia de que não existe grande diferença no início do combate, uma vez que em ambas as épocas os militares preferem iniciar o combate com uma arma de médio alcance. No entanto, o facto de a espada perder alguma importância no campo de batalha parece dever-se ao espaço necessário para manobrar esta arma, e também pelo armamento defensivo encontrado no campo de batalha.

Em relação ao armamento defensivo podemos afirmar que apesar de uma espada poder ser utilizada contra alguém que esteja a utilizar uma boa armadura, esta não é das armas mais eficazes para este tipo de tarefa, porque não consegue, em muitas das situações, atravessar o armamento defensivo passivo do adversário. Sobre o espaço necessário para manobrar esta arma, podemos afirmar que as espadas funcionam em elipses de maneira a conseguir uma maior amplitude de movimentos possível, e também é necessário ter espaço suficiente para nos podermos deslocar. No caso da infantaria, se estivermos a considerar um contexto de duelo, ou um combate até quatro oponentes, o facto de não termos ninguém diretamente ao nosso lado, permite-nos deslocar pelo espaço e fazer os movimentos que acharmos adequados. Mas quando falamos num contexto de batalha onde os combatentes estão formados em linha, torna-se quase impossível fazer movimentações para a esquerda ou para a direita, o que significa que também não podemos fazer certos golpes, sob o risco de atingir um dos companheiros, e por sua vez este tipo de luta limita a utilização da espada para fazer cortes verticais, ou fazer apenas estocadas à semelhança de um legionário romano. Por outro lado, se for uma situação de *mêlée*, o mesmo pode acontecer, dependendo do tamanho da espada que o combatente usa, o que significa que devido à proximidade entre as pessoas, torna-se mais fácil fazer golpes curtos e rápidos, ou então o guerreiro é obrigado a encurtar ainda mais a distância e entrar em combate corpo-a-corpo. Como consequência tal processo significa que armas de simples utilização, que conseguem desferir um impacto maior, como as maças de armas, os machados, os martelos de guerra, as achas de armas, acabam por ser mais vantajosas do que a espada, porque apenas necessitam de ser elevadas e deixadas cair sobre o adversário, deixando que a gravidade faça a maior parte do trabalho.

Se o assunto for a cavalaria, o facto de estarmos sob o dorso de um cavalo dificulta seriamente o número de golpes que se podem executar, pelo facto de que se for

feito um golpe num ângulo incorreto existe o perigo de atingirmos a nossa montada. Para impedir que tal aconteça, é preferível utilizar a lança, a maça de armas ou o martelo de guerra, uma vez que estas armas não ferem a nossa montada, sendo a espada unicamente utilizada quando se perderam as outras armas, ou quando se persegue um adversário.

Por último, podemos afirmar que a espada é uma arma de infantaria porque todos os tratados de esgrima falam sobre o combate de espada com o pé em terra, apresentando para isso uma multiplicidade de técnicas que podem ser aplicadas contra um ou vários oponentes, estando estes a usar ou não qualquer tipo de armamento defensivo. Em contrapartida existem poucos autores que explicam como deve ser feito o combate a cavalo com espada.

## 5.3. Combater

### 5.3.1. Técnicas e aplicações

A aplicação de qualquer técnica de combate possui dois objetivos importantes, em primeiro lugar proteger o seu utilizador e em segundo lugar neutralizar o recetor. No caso das técnicas de combate aplicadas com espada, o mesmo se aplica, no entanto, a probabilidade de qualquer técnica neutralizar o adversário através de um golpe incapacitante, ou de um golpe letal, é muito maior, o que significa que qualquer técnica aplicada acarreta sérios riscos para ambas as partes. Para evitar estes riscos é necessário fazer uma avaliação prévia antes de ser aplicada qualquer técnica de combate. É importante tomar a altura do adversário, a sua constituição física e calcular o seu peso, mas também é necessário fazer uma estimativa da sua idade, porque se encontrarmos um adversário mais velho do que nós isso pode significar que ele possui uma maior experiência, pode conhecer muitas mais técnicas, e os contra golpes para as técnicas que iremos aplicar. Apesar de podermos fazer esta avaliação prévia antes de tomar qualquer Ação, é fundamental ter em conta que ninguém combate de forma igual. Algumas pessoas serão mais agressivas, enquanto outras serão mais defensivas, o que significa que uma técnica que funciona com uma pessoa pode não funcionar com outra.

Para contornar isto podemos dar o exemplo do *senho*<sup>273</sup>, apresentado por Fiore dei Liberi, que à semelhança da teoria dos quatro humores, apresenta quatro animais que poderão ser atribuídos a uma pessoa em combate, como o tigre se a pessoa for rápida, o leão se a pessoa for corajosa, o elefante se a pessoa for forte e o lince se a pessoa for inteligente. E tal como foi apresentado pelo instrutor Colin Richards, cada um destes animais representa um dos quatro humores, explicando que existia uma ordem para o tipo de adversários com quem se deve lutar. Em primeiro lugar, temos o tigre, que será, de acordo com a teoria dos quatro humores, colérico, uma vez que aquele animal ataca sem pensar muito em se defender, e será o que as pessoas com poucos conhecimentos de esgrima irão fazer. Em segundo lugar, surge o leão, que será sanguíneo, porque irá tentar explorar as várias aberturas do seu adversário, no entanto falha, por estar confiante de que consegue fazer tudo. Em terceiro lugar, aparece o elefante, e será melancólico, mas sabe as técnicas que deve aplicar. No entanto, estará sempre inseguro.

---

<sup>273</sup> MS. Ludwig XV 13, fólio 32.

Por último lugar, o adversário com quem devemos sempre evitar combater é o linco, que será fleumático, o que significa que essa pessoa sabe o que está a fazer e manter-se-á sempre calma durante o combate. Ao termos em conta o *senho*, podemos avaliar o adversário em combate e utilizar as nossas capacidades físicas para neutralizar qualquer técnica que seja aplicada. No entanto, antes de podermos avançar para as técnicas de combate é necessário ter em conta duas coisas: as armas que estão a ser utilizadas e a distância de combate. As armas que utilizamos acabam por ter impacto na nossa postura, mas também na nossa distância de combate.

Se utilizarmos uma espada e um broquel seguindo o esquema do MS I.33, iremos lutar com o tronco ligeiramente inclinado para a frente e mais avançado do que as nossas pernas<sup>274</sup>, o que implica uma tendência avançar e encurtar a distância entre nós e o nosso oponente<sup>275</sup>, devido à nossa postura. Contudo, se estivermos a manejar uma espada longa, teremos desde o início um maior alcance e impacto. Ora, nesta situação, a nossa postura irá depender bastante do tipo de técnicas que queremos aplicar. Se utilizarmos técnicas de combate alemãs somos obrigados a utilizar uma postura mais alta<sup>276</sup>, mas se empregarmos técnicas de combate italianas, a nossa postura será ligeiramente mais baixa<sup>277</sup>. Porém, independentemente de utilizarmos técnicas de combate alemãs ou italianas, qualquer uma delas permite que lutemos com o adversário a curta ou a longa distância<sup>278</sup>.

Falando agora sobre a distância de combate, é necessário ter em conta que existem quatro distâncias: fora de distância, longa distância, média distância e curta distância. Fora de distância, significa que com os braços completamente esticamos a espada que estamos a utilizar. As duas espadas não se tocam, ou apenas se tocam nas pontas, o que significa que ninguém é atingido<sup>279</sup>. Longa distância significa que com os braços esticados é possível atingir os braços e mãos do adversário com a espada<sup>280</sup>. Se estivermos na média distância, com os braços esticados, conseguimos atingir qualquer parte do corpo do nosso adversário<sup>281</sup>. E se estivermos na distância curta<sup>282</sup>, isto significa que se esticarmos os braços, conseguimos agarrar qualquer parte do corpo do

---

<sup>274</sup> Anexo D, p. 138.

<sup>275</sup> Anexo D, pp. 148-151.

<sup>276</sup> Anexo F, p. 184.

<sup>277</sup> Anexo E, pp. 169-171.

<sup>278</sup> Anexo E, pp. 164-176; Anexo F, pp. 183-189.

<sup>279</sup> Anexo A, p. 118 e 120.

<sup>280</sup> Anexo A, p. 118.

<sup>281</sup> Anexo A, p. 119.

<sup>282</sup> Anexo A, p. 119.

opositor, o que por sua vez significa que podemos largar a nossa arma e avançar para o *abrazzare*. Apesar disto, é necessário ter em conta que com armas de tamanhos diferentes, como uma lança, que poderá estar a média distância contra alguém que esteja a utilizar uma espada singela e um escudo, o espadachim que tem a espada singela e o escudo poderá estar fora de distância em relação ao seu oponente<sup>283</sup>.

Tendo então em conta estes fatores, podemos introduzir algumas técnicas de combate e as suas aplicações. Se começarmos por falar sobre as técnicas de combate apresentadas no MS I.33, verifica-se a utilização do broquel como arma ofensiva, ao ser aplicado um *schilslach* nas mãos do nosso adversário, mas também na utilização do broquel como arma defensiva, para proteger, principalmente, a nossa mão direita. Em muitas das situações naquele tratado, o nosso braço esquerdo está totalmente esticado com o objetivo de cobrir a maior área possível com o broquel, e ao fazermos isto acabamos por aumentar o cone defensivo<sup>284</sup> que é dado pelo broquel, e se encolhemos a nosso braço esquerdo, diminuimos esse cone defensivo<sup>285</sup>. O broquel deve ser sempre utilizado para proteger a nossa mão direita, ajudando no *bind* sobre a espada do nosso adversário, através da aplicação de um *schilslach*, tanto na mão do broquel, como na mão que possui a espada, sendo sempre mais vantajoso executar um *schilslach* na mão que possui a espada, pois esta ficará impossibilitada de se mexer.

Em qualquer combate ocorrerá a situação em que estaremos a meia distância, o que permite atingir a face do oponente. Se olharmos atentamente para o MS I.33, verificamos que apenas a espada é utilizada para desferir golpes no rosto do adversário, no entanto, a uma média distância pode haver a tentação de aplicar um *schilslach* no rosto do oponente. Tal golpe seria, certamente, incapacitante, independentemente da zona atingida, no entanto não existe nenhuma técnica no MS I.33 que demonstre esta utilização do broquel. Sobre isto podemos pensar que a utilização de um *schilslach* na cara do oponente não seria utilizado naqueles tempos, simplesmente, porque não está suficientemente documentado, no entanto técnica seria, muito provavelmente executada se durante o combate surgisse a possibilidade de a executar. É necessário ter em conta que o MS I.33 demonstra técnicas de combate que eram apenas conhecidas por um mestre, e que não seriam do conhecimento general, contudo, apesar de o *schilslach* não aparecer documentado no MS I.33, já o é nos séculos seguintes por outros mestres,

---

<sup>283</sup> Anexo A, p. 120.

<sup>284</sup> Anexo D, p. 145.

<sup>285</sup> Anexo D, pp. 145-146.

sendo um exemplo disso o mestre Giacomo di Grassi, ao explicar a execução de um *mustachio*<sup>286</sup>.

Ao falarmos sobre Fiore dei Liberi sabemos que qualquer técnica referida no seu tratado pode ser aplicada com qualquer outra arma, sendo isto evidente pelo facto de qualquer técnica do *abbrazzare* poder ser utilizada tanto com o pé em terra como a cavalo. Mas, também, pelo facto de as técnicas de combate com adaga poderem ser utilizadas no combate de *gioco stretto*<sup>287</sup>, sendo isto evidente se olharmos para a posição das mãos no desarme feito na primeira jogada do primeiro mestre de adaga<sup>288</sup>, e encontrarmos a mesma posição das mãos na primeira jogada do *gioco stretto*<sup>289</sup>. O facto de isto acontecer simplifica bastante a forma de combater, pelo facto de qualquer técnica de Fiore poder ser utilizada em qualquer situação. Quase todas as técnicas de Fiore são o seguimento da técnica anterior, mas possuem um contra, algumas delas estão mais direccionadas para o combate com armadura, por exemplo, e outras que ensinam a combater sem armadura.

Hans Talhoffer apresenta um elevado número de técnicas com o objetivo de preparar o combatente para qualquer tipo de situação que possa acontecer. Este mestre não apresenta técnicas que possam ser a sequência de outras, em vez disso apresenta técnicas para cada situação individual. Tendo em conta que maior parte dos combates, começam com ambos os oponentes fora de distância e através de várias movimentações, estes acabam por entrar na longa distância ou média distância, até que um decida atacar, caso isto aconteça, existem quatro movimentos que podem ser executados, ou se recua de maneira a sair da distância do adversário sem executar qualquer contra-ataque, ou nos deslocamos lateralmente, saindo desta maneira da linha de ataque do adversário e aplicando um contra-ataque. Ficar parado, no mesmo sítio, e executar um contra-ataque, é outro movimento, no entanto, se o nosso tempo de reação não for suficientemente rápido irá ser atingido, ou avançamos também sobre o nosso adversário e entramos em curta distância. Seguindo esta hipótese, a de entrarmos na curta distância, ela irá acontecer por *encrossada*<sup>290</sup>, ou pelo desvio da espada do nosso adversário, sendo que no caso da *encrossada*, a pessoa que tomar a iniciativa irá vencer através de um desarme

---

<sup>286</sup> **Mustachio** - Golpe feito abaixo do nariz do nosso oponente com o rebordo do broquel. Glossário, p. 106; KENNER, *I33 Fencing in the Style...*, p. 22.

<sup>287</sup> **Gioco Stretto** - Combate com espada a curta distância, facilmente os espadachins podem largar as suas espadas e passar para *abbrazzare*, combate corpo-a-corpo. Glossário, p. 106; Anexo E, pp. 169-176.

<sup>288</sup> *MS. Ludwig XV 13*, fólho 10v.

<sup>289</sup> *Idem*, fólho 28.

<sup>290</sup> **Encrossada** - Quando um espadachim defende o golpe do seu oponente e essa defesa forma uma cruz entre as armas. Glossário, p. 105; Anexo E, p. 164.

e chave aplicados ao adversário, mas também poderá executar um golpe na face do opositor através da utilização do pomo. Apesar disto, a maior parte dos tratados alemães explicam que ao entrarmos na curta distância, e caso não existia a possibilidade de utilizarmos a nossa arma, devemos abandonar a arma que estamos a utilizar e entrar em combate corpo a corpo, terminando com uma projecção feita ao adversário.

Para Hans Talhoffer, este *fechtmeister* apresenta bastantes técnicas que obrigam a entrar na curta distância para executar a projecção sobre o adversário. Ao serem executadas qualquer uma das projecções apresentadas por Talhoffer, o nosso adversário poderá cair desamparado no chão, ou poderemos cair em cima dele<sup>291</sup>, contudo, independentemente, da projecção que decidirmos executar, o nosso oponente acabará neutralizado.

Para além das projecções, Talhoffer, apresenta, também, técnicas de combate onde segura a lâmina da espada para executar um *murder-stroke*, que tem como objectivo atingir a cabeça ou ombro no oponente com o pomo ou quadrão da espada, sendo que este golpe pode também ser utilizado para neutralizar com bastante eficácia uma pessoa que esteja a utilizar uma armadura, pelo facto de o impacto causado pela espada quando utilizada desta maneira ser muito superior, do que se estivesse a ser utilizada de maneira normal. Contudo, a má execução ou falha deste golpe, irá deixar-nos expostos a um contra-ataque do nosso oponente que poderá ser feito ou às nossas mãos, caso não estejamos a utilizar guantes ou manoplas, ou então à nossa cara, o que por sua vez irá terminar o combate.

---

<sup>291</sup> Anexo F, pp. 185-188.



### 5.3.2. Um problema de reconstituição

Atualmente existem várias dificuldades, tanto técnicas como práticas, na reconstituição de uma técnica de combate encontrada em qualquer um dos tratados referidos anteriormente. Podemos pensar que estes problemas estão apenas ligados à interpretação dos tratados, quando na realidade o tipo de armamento que é utilizado, tanto defensivo como ofensivo, para a reconstrução destas técnicas, tem influência no sucesso da técnica que se procura replicar, sendo que em algumas situações, o sucesso dela deve-se às constantes tentativas e erros vão surgindo.

Na interpretação dos tratados existem vários problemas relacionados com a reconstituição de técnicas e movimentos pela Esgrima histórica, em alguns casos os próprios mestres de armas medievais representam e descrevem as suas técnicas de maneira críptica, para que apenas os seus alunos percebam o que estava descrito, usando um vocabulário muito específico para impedir que aquelas técnicas se tornassem em conhecimento geral. Um aluno de um mestre de armas conseguia perceber que técnica estava representada no manuscrito através das imagens e do texto descritivo e por observar o seu mestre e colegas a aplicá-la. Mas esta é uma informação que se perdeu no tempo, não chegou ao século XXI, os mestres e alunos atuais defrontam-se com problemas vários na reconstituição integral. Os antigos tratados apenas indicam o início, ou o meio, ou o fim da técnica que desejamos replicar. O trabalho atual é o de descobrir o número de movimentos complementares que permitam perceber toda a técnica medieval<sup>292</sup>. Surgem dúvidas sobre a veracidade das técnicas, pois ao longo dos anos muita informação se perdeu e a cópia constante destes tratados introduziu «ruído», ou seja, foram acrescentados movimentos e posições do tempo do copista. Fica a incerteza se algumas das imagens serão de facto correspondentes às dos tratados originais. Até a posição da imagem pode ser um problema. Pode estar invertida<sup>293</sup> pelo copista posterior induzido o esgrimista atual em erro. Outro problema é o de muitos dos movimentos, técnicas e posições aplicadas, ou a própria utilização de arma, eram de tal maneira simples e do senso comum para a época, que nenhum mestre documentasse esses processos mais genéricos e simples. Como exemplo desta possibilidade pode estar o facto de não existir nenhum tratado de esgrima que explique como se combate com uma espada e com um escudo maior do que um broquel, exceto no tratado de Hans

---

<sup>292</sup> Anexo E, pp. 171-173.

<sup>293</sup> *MS. Ludwig XV 13*, fólio 32v.

Talhoffer, no entanto os escudos apresentados são utilizados apenas para duelos judiciais e não apresentam qualquer outra utilidade para além disso<sup>294</sup>.

O tratado MS I.33 encontra-se, atualmente, incompleto e algumas das suas páginas sofreram bastante desgaste, o que dificulta a interpretação das técnicas apresentadas. Se olharmos atentamente para as várias técnicas e custódias existem algumas dificuldades sobre como as executar corretamente, uma delas é a da posição das mãos na primeira custódia<sup>295</sup>, que não estão visíveis o que origina resultados diferentes, pois tudo depende da forma como as mãos estão colocadas<sup>296</sup>. Também surge a situação onde algumas das técnicas não são explicadas, problema que aparece no chamado manuscrito de mutação<sup>297</sup>, onde nunca nos é explicado como deve ser realizada a execução.

Para observar a Escola de Liechtenauer é necessário ter em conta que não chegou aos dias de hoje nenhum manuscrito escrito pelo mestre Liechtenauer. Significa que toda a informação sobre as suas técnicas que são, inicialmente, transmitidas no MS 3227<sup>a</sup> e mais tarde decodificadas e explicadas por vários mestres alemães, mas podem estar incompletas e até mesmo incorretas, já que esse tratado não foi escrito por aquele mestre.

Sobre o mestre Fiore dei Liberi é preciso relembrar que existem quatro versões do seu manuscrito. Por esta razão é possível verificar que em cada manuscrito existem diferenças tanto ao nível das guardas e técnicas, e das suas demonstrações. Por vezes parece que vemos as imagens ali desenhadas como se estivéssemos a olhar para um espelho pelas alterações subtis na posição das mãos e das pernas e que podem levar o executante dos nossos dias a reproduzi-las mal.

Em Hans Talhoffer existe um problema de sistematização. Este autor apresenta imagens com uma técnica individualizada, sem relação com movimentos anteriores e posteriores, não lhes dá uma sequência, não as torna dependentes umas das outras, como Fiore faz. Demonstra apenas inícios, ou o meio, ou o final das suas várias técnicas e tem apenas como auxílio pequenos textos que explicam o que está a acontecer.

Sobre os materiais utilizados é necessário esclarecer que quando se começa a tentar interpretar uma técnica de esgrima é importante que primeiro exista o equipamento certo e um parceiro adequado para a execução de qualquer técnica. No

---

<sup>294</sup> *Cod.icon.394a*, fólhos 53v-86r.

<sup>295</sup> *MS I.33*, fólho 1r.

<sup>296</sup> Anexo D, p. 138.

<sup>297</sup> **Mutação** - Passagem da espada de um underbind para um overbind. Glossário, p. 106.

início é necessário aceitar que grande parte das técnicas nunca vão sair bem nas primeiras vinte tentativas, o que leva à sistemática e cansativa repetição da mesma técnica até que esta entre na nossa «memória muscular» e seja executada instintivamente. É preciso desconstruir cada técnica por partes e tempos diferentes, até que finalmente seja executada sem qualquer paragem. Num segundo momento é importante ter um parceiro dedicado, que tenha tempo e paciência para analisar a técnica, praticar e aceitar que a interpretação que foi seguida pode ser correta (ou incorreta). Também é vital que os dois praticantes tomem noção das proporções do corpo um do outro<sup>298</sup>. Uma terceira perspetiva é a de que uma técnica tem como objetivo neutralizar o adversário e por isso acarreta alguns riscos. O armamento adequado é vital. Em muitas situações podemos utilizar um equipamento defensivo mais moderno, mas existem certas técnicas que só podem ser verdadeiramente entendidas e aplicadas com armadura, ou seja, torna-se necessário arranjar armaduras semelhantes ao período que está a ser estudado, como por exemplo, o *armizzare* em Fiore<sup>299</sup>.

Acerca do armamento ofensivo empregue nas reconstituições atuais constatamos que esta é uma das principais questões a ter em consideração, sobretudo quando se tenta fazer qualquer interpretação de uma técnica de esgrima, onde existem muitas variáveis em ação. Por questões de segurança podem ser utilizadas espadas de madeira ou simulacros sintéticos<sup>300</sup>, no entanto, apesar destes simulacros serem mais seguros, não servem para uma interpretação de uma técnica porque não possuem o peso correto, não possuem o ponto de equilíbrio certo, e também pelo facto de as espadas de madeira terem a tendência para ressaltarem com o impacto. Já as espadas sintéticas para além de também terem tendência para ressaltar, são bastante flexíveis, o que impede o *bind* da arma do nosso adversário, mas também produz um efeito de chicote quando é executado um golpe com alguma força. Se em vez de utilizarmos simulacros de madeira ou sintéticos, se empregar espadas de aço existem dois aspetos a ter em conta: ou se utilizam espadas negras<sup>301</sup>, que são mais seguras, mas não são réplicas fiáveis, ou se utilizam espadas brancas. Mas a sua utilização fica restringida a espadachins com muita experiência, por causa dos riscos que estas armas poderão causar. Quando utilizamos espadas negras podemos aplicar as técnicas com algum cuidado e obter com isso bons

---

<sup>298</sup> Anexo A, p. 117.

<sup>299</sup> Anexo E, pp. 177-191.

<sup>300</sup> STRIDE, *An Introduction to the Art & Science...*, pp. 33-38; Anexo B, pp. 127-131.

<sup>301</sup> **Espadas Negras** - Espadas sem gume. Glossário, p. 105.

resultados, no entanto perde-se o contacto da lâmina, já que estas espadas não têm gume, e a existência do gume e da lâmina em combate são fatores importantes e essenciais. Caso se utilizem espadas brancas conseguimos perceber que quando entram em contacto com o gume uma da outra, executando uma *encrossada*, tendem a prender-se no ponto em que se tocam, o que significa, que o combatente que tomar a iniciativa, ou for mais forte, irá ter vantagem. No entanto, o impacto constante dos gumes irá provocar o seu desgaste e, eventualmente, a sua destruição, e por isso é necessário evitar quanto possível esse contato direto e utilizar a face da nossa lâmina para afastar a espada do adversário, mas, também, usar o gume da nossa espada para atingir a face da lâmina do opositor, o que nos irá colocar em vantagem e não provocará tanto desgaste na nossa espada.

## 5.4. Uma arma para atacar, defender e contra-atacar

### 5.4.1 Combater com armadura

Desde que o Homem apareceu no mundo sempre tentou a todo o custo sobreviver e reproduzir-se com o objetivo de passar os seus conhecimentos e técnicas, para as próximas gerações. No entanto, ao contrário de todas espécies do mundo animal, verificamos que o Homo Sapiens é uma criatura frágil, porque não possui garras, não tem dentes afiados e não integra qualquer tipo de proteção corporal, como escamas, camadas de gordura ou uma pele grossa. Desde a sua origem o Homo Sapiens esteve sempre em desvantagem física em relação a todos os outros animais, sobretudo os predadores, que o rodeavam. Mas os primeiros homens têm grandes vantagens: uma grande capacidade de resistência, uma maior adaptabilidade e um cérebro muito mais desenvolvido, que permitia construir ferramentas. A partir da utilização do seu cérebro começou a construir ferramentas para caçar e a utilizar as peles dos animais para fazer roupas.

Com o passar dos séculos o ser humano começou a criar escudos feitos de peles e madeira. Antes da Idade do Bronze<sup>302</sup> já existiam armas que serviam como uma extensão do braço, como a lança, a moca de madeira e o machado de pedra, no entanto nunca tinha existido antes deste período uma espada. Tal como surgiu uma evolução a nível metalúrgico para criar espadas, surgiu também uma evolução na produção de armamento defensivo passivo que podia ser utilizado. A evolução de proteções corporais vai passar de peças de couro e osso, para peças de couro com bronze, o que dá origem à *Loriga Musculata*<sup>303</sup> na Grécia Antiga. A partir deste período começam a existir peças de armadura que protegem as pernas, o peito e a cabeça, no entanto toda esta proteção dada ao corpo era auxiliada por um grande escudo de bronze chamado *hoplon*<sup>304</sup> que protegia grande parte do corpo. No entanto, existiam várias desvantagens: estas armaduras eram mais pesadas e cansavam os homens que as usavam mais depressa, mas também existia o problema de que o bronze provinha da mistura de dois metais, o cobre e o estanho, sendo que estes dois materiais podiam estar muito longe um do outro, o que tornava a produção desta liga cara e difícil. Com o passar dos séculos e

---

<sup>302</sup> OAKESHOTT, *The Archaeology of Weapons...*, pp. 21-50.

<sup>303</sup> *Idem*, pp. 48-49.

<sup>304</sup> *Idem*, pp. 63-64.

com a constante evolução das técnicas de metalurgia surge a Idade do Ferro, e com este período as armaduras tornam-se mais leves e mais baratas, e o ferro é um material muito mais abundante do que o cobre e o estanho, e tem a particularidade de ser explorado no mesmo local. As armaduras e armas de bronze começaram a cair em desuso. O ferro assumiu uma importância crucial e definitiva até aos dias de hoje, embora o ferro que é utilizado atualmente é muito diferente do que era utilizado no início da Idade do Ferro. O ferro revelou-se vital para o esforço bélico dos antigos Romanos e o seu armamento defensivo espalha bem essa importância com a produção da *Loriga Amata*<sup>305</sup> e *Loriga Segmentata*<sup>306</sup>.

Na Alta Idade Média, as armaduras eram compostas, maioritariamente, por cota de malha, podendo existir grevas de ferro, coifa de malha e um elmo. Este tipo de armadura era perfeito para proteger contra cortes, no entanto, não impedia que os ossos do seu utilizador se partissem devido ao impacto causado. Neste período o combate com armadura era feito com a utilização de um escudo almendrado<sup>307</sup> na mão esquerda, o que por sua vez garantia alguma proteção adicional. Já na mão esquerda podia ser utilizado um machado, uma lança ou uma espada. Qualquer golpe tentado com estas armas podia ser facilmente neutralizado com o escudo ou pela armadura, mas as estocadas podiam, com relativa facilidade, perfurar a armadura.

O início do século XIV traz um período de transição onde cota de malha começa a ser, lentamente, substituída por longas placas de aço. Surgem bacinetes<sup>308</sup>, peitorais<sup>309</sup>, coxotes<sup>310</sup>, ombreiras<sup>311</sup> e sapatões<sup>312</sup>, que garantem uma maior proteção, e ao contrário da cota de malha, estas peças de armamento distribuíam melhor o seu peso pelo corpo do utilizador. A partir deste século, as armaduras começam a defender cada vez mais o corpo do corte e do estoque, o que por sua vez obriga os armeiros a produzirem armas que sejam capazes de neutralizar estas armaduras, como são os exemplos da maça de armas, chicote de armas e martelos de guerra, que cada vez mais começam a ser utilizados no campo de batalha. Aparecem os primeiros manuscritos de esgrima com o propósito de ensinar a nobres e homens de armas, com algumas poses, como neutralizar o seu adversário com um vasto leque de armas e técnicas.

---

<sup>305</sup> *Idem*, p. 66.

<sup>306</sup> *Idem*, p. 49.

<sup>307</sup> *Idem*, pp. 176-177.

<sup>308</sup> WAGNER, *Medieval Costume...*, parte III placas 1-17.

<sup>309</sup> *Idem*, parte II placas 54-74.

<sup>310</sup> *Idem*, parte II placas 78-81.

<sup>311</sup> *Idem*, parte II placas 75-77

<sup>312</sup> *Idem*, parte II placas 79-80.

No século XV desenvolvem-se armaduras em que a cota de malha está apenas localizada em pequenas zonas que têm que se manter flexíveis, sendo o resto da armadura composta por placas de aço, como as armaduras góticas e milanesas, que apesar de serem mais pesadas do que as dos séculos anteriores têm o seu peso melhor distribuído. Este novo nível de proteção assiste à chegada de novas armas ofensivas, como as armas de haste, maças de armas ou espadas longas. Todas elas com o objetivo de derrubar o adversário, neutralizá-lo através do impacto causado nos braços, pernas e peito, ou então, através da destruição do crânio. Também se desenvolvem as espadas singelas, que são cada vez mais pontiagudas, destinadas a penetrar as brechas da armadura.

É neste período da Idade Média que começam a surgir cada vez mais manuscritos de esgrima, que ensinavam como utilizar diversas técnicas, como a de *mezza spada* contra adversários com armaduras, seguidas por outras como o *gioco stretto*, e se for necessário o *abrazzare* ou o *ringen*. Mas a armadura quer proteger o corpo do seu utilizador e, ao mesmo tempo, permitir a maior amplitude de movimentos possível. Com a sua evolução verificamos que apesar de estas diminuírem ligeiramente a velocidade dos movimentos e de certa maneira, a amplitude de alguns movimentos feitos acima da cabeça e os que obrigam à rotação do pulso, mas continuam a permitir que o seu utilizador se levante do chão, salte e corra<sup>313</sup>.

---

<sup>313</sup> Anexo G, pp. 191-197.

### 5.4.2. Espada contra armadura

A espada é a arma mais icónica da Idade Média, sendo a sua utilização e transporte no dia-a-dia, uma forma de demonstrar o estatuto social de uma pessoa, mas será que esta arma era assim tão importante no campo de batalha, quando o seu adversário vestia uma armadura? Podemos dizer que no campo de batalha apesar de a espada ser uma arma bastante versátil, a maior parte das técnicas de esgrima que são apresentadas pelos mestres são para ser utilizadas em duelos judiciais e em situações do dia-a-dia em que uma pessoa se tenha que defender, porque a maior parte destas técnicas requerem espaço para serem executadas. Tal como foi apresentado anteriormente, a maior parte das técnicas com espada singela ou bastarda necessitam de espaço para uma pessoa poder sair da frente da espada, através de um desvio feito com o corpo ou através de uma batida ou rebatida da espada. Mas no campo de batalha onde o espaço é reduzido e qualquer movimento excessivo, pode deixar-nos desprotegidos ou a acertar no nosso companheiro, a utilização de uma espada longa passa a ser uma desvantagem e uma espada singela acaba por ser utilizada de uma maneira muito simplista.

Sobre a utilização das armaduras podemos dizer que no século XIV a maior parte das espadas não conseguiam atravessar as armaduras utilizadas, sendo muitas das vezes utilizadas para partir os ossos dos adversários com o impacto, em vez do corte, mas com os inícios de século XV maior parte das armaduras possuíam pequenas aberturas e apenas funcionariam golpes de estocada nestas pequenas aberturas ou grandes impactos na zona do crânio com o pomo<sup>314</sup>. Apareceram técnicas de combate que fossem capazes de ultrapassar as capacidades defensivas de estas armaduras. Para que isto acontecesse as espadas longas começaram a ser agarradas com uma mão no punho e a outra na lâmina, de maneira que consigam a utilizar técnicas de *mezza spada*. Ao segurar-se a espada desta maneira, esta passa a ser utilizada como se fosse uma lança,<sup>315</sup> o que permite que a arma seja utilizada em espaços apertados e direccionar mais facilmente a ponta da espada e acertar nas brechas da armadura do nosso adversário<sup>316</sup>. Também surgiram técnicas onde o pomo e o quadrão da espada, começaram a ser utilizadas como martelos com o objetivo de partir os ossos por debaixo da armadura, ou para derrubar o

---

<sup>314</sup> Anexo F, pp. 186-187.

<sup>315</sup> Anexo E, pp. 180-181.

<sup>316</sup> LINDHOLM, *Sigmund Ringneck's...*, pp.198-199.



adversário para o podermos neutralizar enquanto este está no chão. No entanto, ao verificarmos que existem técnicas próprias de espada para combater de armadura e maior parte destas implicarem o derrube do adversário, o estoque a uma das aberturas da armadura ou a um golpe com o pomo no crânio, verificamos que na realidade a espada não é uma boa arma para ser utilizada contra uma armadura. Em vez disso, verificamos que existem outras armas muito mais especializadas para o combate contra uma armadura, no entanto, a espada continuou a ser uma arma importante em duelos judiciais<sup>317</sup> e bastante simbólica para qualquer cavaleiro.

### 5.4.3. Problemas e limitações

Tal como foi explicado anteriormente o objetivo de uma armadura é proteger de proteger o seu utilizador e permitir a maior amplitude de movimentos possível, no entanto por cada peça de armadura que utilizamos o peso que temos que transportar aumenta, o que por sua vez aumenta o nível de cansaço. Por norma quem utiliza uma armadura possui várias camadas de proteção corporal, a primeira são as suas roupas normais, a segunda camada é o acolchoamento e a terceira camada acaba por ser a sua armadura por si, que no caso do século XIV existe uma quarta camada que é a adição de um peitoral de aço por cima da cota de malha, existindo também um tabardo que podia ser utilizado por cima desta armadura.

Sobre o acolchoamento por norma era utilizada uma coifa para proteger a cabeça do elmo, mas também era utilizado um perponto<sup>318</sup>, que protege o tronco e os braços dos impactos das maças de armas e de outras armas, porque apesar de uma armadura impedir os cortes, na realidade é este tipo de acolchoamento que protege o corpo humano dos impactos. Se pensarmos agora nas armaduras do século XIV que são maioritariamente compostas por cota de malha, podemos afirmar que a utilização da cota de malha, é perfeita para impedir cortes no corpo, é bastante fácil de reparar caso um dos seus anéis se quebre<sup>319</sup> e a sua manutenção é também bastante simples, porque se for utilizada constantemente a fricção entre os anéis acaba por limpá-los de qualquer ferrugem sendo apenas necessário passar um óleo fino por estes anéis para fazer a sua

---

<sup>317</sup> RECTOR, *Medieval Combat...*, placas 70-73 e 128-150.

<sup>318</sup> WAGNER, *Medieval Costume...*, parte II placa 10 e placa 15.

<sup>319</sup> *Idem*, parte II placa 82.

manutenção. No entanto, quando vestimos uma cota de malha descobrimos que o peso é principalmente suportado pelos ombros e com a utilização de um cinto, o peso passa também por ser suportado pela cintura, mas mesmo com a utilização de um cinto, os ombros continuam a suportar maior parte do seu peso. Sem a utilização do cinto iríamos verificar um grande desequilíbrio provocado pela armadura, porque uma vez que esta não está fixa ao corpo irá abanar de um lado para o outro consoante o movimento do seu utilizador. E se o seu utilizador estiver em cima de um cavalo, é possível ver a cota de malha de deslocar-se constantemente de um lado para o outro e se esta pessoa não estiver a utilizar um cinto, este poderá cair ao chão devido ao peso e desequilíbrio exercidos pela armadura quando o cavalo fizer uma curva. Como foi referido anteriormente, o século XIV foi um século de transição, em que a cota de malha começou a ser lentamente trocada por placas de aço e em muitos dos casos, as placas de aço estavam a ser utilizadas diretamente por cima da cota de malha, como é o exemplo dos peitorais de aço. No entanto o peso da armadura não era distribuído por todo o corpo o que por sua vez limitava ligeiramente a amplitude de movimentos e aumentava o cansaço.

No princípio do século XV as armaduras começam a ser compostas maioritariamente por placas de aço, sendo a cota de malha utilizada apenas para proteger pequenas zonas da armadura que têm que ser flexíveis, mas que não podem ser protegidas pelas placas de aço, como é o exemplo da zona genital ou a zona por debaixo das axilas.<sup>320</sup> Por estas razões o peso das armaduras passou a ser menor, mas também começou a ser muito mais destruído pelo corpo, o que por sua vez significa que quem utilizava estas armaduras podia fazer quase tudo o que uma pessoa sem armadura podia fazer, o seu utilizador não se cansava tanto, todavia existiam certas desvantagens para a utilização desta armadura. Verificamos que uma pessoa necessita sempre de ajuda para se equipar e desequipar, por sua vez aumentou também o tempo que uma pessoa demorava para vestir e despir estas armaduras, mas o maior problema de todos, é o aumento do risco de desidratação, porque com o corpo todo coberto por placas de aço, ocorre um aumento da temperatura corporal que em casos poderá levar à morte.

Apesar de a utilização de uma armadura ter como objetivo permitir o maior número de movimentos possível e ao mesmo tempo proteger o corpo de qualquer ataque, em alguns casos verificamos que dependendo da armadura que está a ser

---

<sup>320</sup> LINDHOLM, *Sigmund Ringneck's...*, pp. 198-199.

utilizada o corpo humano deixa de conseguir movimentar-se de maneiras específicas, como por exemplo elevar os braços acima do nível dos ombros. Contudo, não nos podemos esquecer do maior problema e limitação que existia numa armadura, que era a utilização de um elmo, pelo simples facto de que apesar de um elmo proteger o crânio do seu utilizador, em muitas das situações o elmo reduzia de forma drástica a visibilidade do seu utilizador, o que por sua vez deu origem a elmos com viseiras que podiam ser levantas retiradas. Mas um dos grandes problemas da utilização de um elmo, é o peso extra que este coloca na cabeça do seu utilizador, aumentando por sua vez o nível de desequilíbrio. E devido à evolução das técnicas de combate, em algumas situações era possível segurar no elmo do adversário e derrubá-lo<sup>321</sup>, mas também surgem técnicas de combate onde o pomo da espada é utilizado para no elmo do seu utilizador, o que por sua vez podia provocar a desorientação do adversário e por sequência a morte.

#### **5.4.4. Outras armas**

Em relação a este ponto não nos podemos esquecer que para além da espada, existem muitas outras armas que eram utilizadas no campo de batalha. Cada uma destas armas tinha as suas próprias vantagens e desvantagens, no entanto todas essas são uma reação ao processo evolutivo do armamento defensivo. Todas estas armas evoluíram com o objetivo de poderem atravessar e neutralizar o armamento defensivo que o nosso oponente estaria a envergar. Estas armas em alguns casos são mais pequenas do que uma espada e mais leves, mas tal como a espada, todas estas armas acabam na realidade por ser uma extensão do braço.

Sobre o machado, constatamos que esta arma é originalmente uma ferramenta utilizada para cortar madeira, mas no campo de batalha pode possuir vários tamanhos e formatos<sup>322</sup>. Apesar disto é necessário ter em conta, que ao contrário dos machados que são utilizados para cortar madeira, os machados utilizados no campo de batalha possuem uma cabeça mais pequena e mais leve, porque o seu objetivo passa a ser em atravessar o adversário de forma suave, já com um machado de cabeça maior, esta tarefa seria mais difícil e demorada. A utilização do machado no campo de batalha torna-se

---

<sup>321</sup> *Idem*, pp. 174-184 e pp. 204-217.

<sup>322</sup> WAGNER, *Medieval Costume...*, parte V placa 19.

bastante simples, pelo facto de todo o peso da arma se encontrar no seu gume no momento do impacto, o que significa que não é necessário utilizar muita força para neutralizar o nosso adversário. Se juntarmos ao machado um cabo comprido entre 60 a 150 cm, esta tarefa torna-se ainda mais fácil, por que devido a efeitos de alavanca o impacto causado será ainda maior. No entanto a utilização de um cabo maior, permite-nos ter uma maior zona de segurança zona de segurança, onde podemos recuperar de um ataque e manter-nos fora da distância do adversário.

No caso da maça de armas<sup>323</sup>, que é uma arma derivada da moca de madeira<sup>324</sup>, é uma arma excelente para ser utilizada no campo de batalha, é feita com um cabo de madeira ou então de ferro forjado e devido às suas pequenas dimensões pode ser facilmente utilizada com só uma mão. Em muitos dos casos o impacto desta arma, podia dobrar a armadura dos seus adversários, o que por sua vez daria origem a internos, neutralizando por sua vez o nosso adversário, mas caso o nosso adversário não esteja a utilizar armadura, este impacto levará à morte do nosso oponente.

Durante a Idade Média, especialmente durante o século XIV e XV, existem vários martelos de guerra, têm as suas origens no formato de um normal, mas com o passar dos séculos, estes martelos começaram a ter um bico de corvo<sup>325</sup> e em alguns casos, estes martelos possuíam um conto. Por sua vez o martelo de guerra tornou-se numa arma bastante versátil, por que podia ser utilizado com uma mão ou com as duas mãos, sendo que a sua utilização, permitia a uma pessoa dobrar a armadura do seu adversário, tal como a maça de armas. Já o seu bico de corvo podia ser utilizado para perfurar a armadura do seu adversário, desmontar cavaleiros ou até mesmo prender a armadura do nosso adversário e desequilibrá-lo.

Semelhante à maça de armas temos o chicote de armas<sup>326</sup>, são armas que possuem o mesmo objetivo, que é o de neutralizar o nosso adversário e a sua armadura, no entanto o impacto do chicote de armas é muito maior devido ao princípio da alavanca. É formado por um cabo, uma corrente e um objeto metálico e pode ter vários formatos e dimensões. Devido ao facto de o cabo e o objeto metálico estarem ligados por uma corrente, isto significa que o Chicote de Armas, não pode ser utilizado com uma arma defensiva mas sim ofensiva, porque transforma energia potencial em energia cinética. Por esta razão esta arma tem que estar em constante movimento, sendo que quanto mais

---

<sup>323</sup> *Idem*, parte V placa 18.

<sup>324</sup> *Idem*, parte V placa 36.

<sup>325</sup> *Idem*, parte V placa 16-17.

<sup>326</sup> *Idem*, parte V placa 26 e placas 37-38.

rápido for manejada mais fácil é de controlar, no entanto se por qualquer razão a movimentação desta arma parrar, perde-se o controlo do Chicote de Armas, o que por sua vez torna a arma inútil.

Devido a este problema podemos então questionar-nos se o chicote de armas foi alguma vez utilizado no campo de batalha, por que tal como foi referido anterior mente, esta era uma arma que obrigada o seu utilizador a ter espaço de manobra, o que significa que se o chicote de armas não poder ser manejado corretamente, ficamos na posse de uma arma sem utilidade, porque não pode ser utilizada para nos defendermos. Ora, tendo em conta que no campo de batalha não existe muito espaço para manejar esta arma de maneira correta sem atingir alguns dos seus colegas, mas também pelo facto de esta arma não ser utilizada pela cavalaria sobre o perigo de atingir o próprio cavalo, poderíamos questionar-nos se esta arma não seria apenas utilizada em torneios por nobres ou em duelos judiciais, uma vez que não teria qualquer outra aplicação militar.

Como arma de último recurso no campo de batalha, temos as adagas medievais, que podem ser divididas em três tipos, a adaga medieval que possui um formato semelhante a uma espada, pelo facto de esta ter um quadrão<sup>327</sup>, a adaga fálca<sup>328</sup> que seria maioritariamente utilizada no dia-à-dia como meio de autodefesa, mas também temos a adaga de rodela<sup>329</sup>, que é um tipo de adaga que ao contrário das outras duas, não possui um gume, sendo esta arma utilizada exclusivamente para o estoque, tornando-a por sua vez na arma ideal para o combate contra armadura, pelo facto de poder ser utilizada para perfurar cota de malha e penetrar nas brechas das armaduras.

Falando agora das armas de haste, temos a lança, esta arma de origem primitiva e de um formato bastante simples, pode ser utilizada tanto pela infantaria como pela cavalaria. Relativamente à utilização da lança por parte da infantaria, podemos afirmar que esta é uma arma de simples utilização e de fácil aprendizagem, podendo as lanças serem maiores para poderem ser utilizadas em formações no campo de batalha, de maneira a manter os nossos adversários à distância, ou uma lança mais curta o que permite mais controlo e velocidade.

Para além da lança, temos também a acha de armas<sup>330</sup>, que em inglês se chama de *Poleaxe*. A acha de armas, é uma arma que possui muitas variações, pelo facto esta arma possuir por norma três armas diferentes numa das suas extremidades e na outra

---

<sup>327</sup> *Idem*, parte V placa 10.

<sup>328</sup> *Idem*, parte V placa 11.

<sup>329</sup> *Idem*, parte V placa 11.

<sup>330</sup> *Idem*, parte V, placa 28.

extremidade um conto, podendo possuir em combinação um machado, um martelo, um espigão no topo, ou ainda um bico de corvo que poderá substituir o machado ou martelo. Tal como a lança, esta arma pode ser utilizada atacar à distância, através da utilização do seu espigão, já o machado, o martelo e bico de corvo, podem ser utilizados para derrubar um oponente a cavalo e para danificar o seu arnês, no caso do bico de corvo este pode ainda ser utilizado, para prender e puxar peças do arnês do nosso adversário de maneira a obter uma vantagem sobre este. E tal como a lança, esta arma pode ser utilizada em campo de batalha em linha de duas maneiras, ou é utilizada como uma lança com o objetivo de criar uma barreira entre nós e os nossos oponentes, ou pode ser utilizada na vertical, onde através da utilização do machado, do martelo e do bico de corvo, é deixa-se cair a acha de armas sobre os nossos oponentes, que por acção da gravidade irá aumentar o impacto desta arma e neutralizar o nosso oponente.

#### **5.4.5. Condições Psicológicas**

Por norma, qualquer ser humano tem medo de qualquer confronto direto que o possa magoar, pelo simples facto de que não consegue prever as lesões que este irá sofrer, como também não sabe se as lesões que irá sofrer serão permanentes ou levarão à sua morte. Desta maneira, o ser humano tende a evitar o confronto direto, a não ser que este seja impossível de evitar. Existem várias formas de controlar este medo, ou a partir de uma habituação que poderá surgir através da prática da arte marcial que é a esgrima, ou através de uma crença religiosa, sendo que neste caso o medo pode ser controlado através do fanatismo, ou através da utilização de proteções corporais, que por sua vez restringem os movimentos e diminuem a probabilidade de lesão.

No século XXI o mundo é controlado por várias leis, que por sua vez são regras que ditam o que pode ser ou não ser feito em todas as situações. E se formos falar do desporto, especialmente nos desportos de combate, existe um conjunto de regras que são utilizadas para proteger os atletas de lesões permanentes, ou até mesmo da sua morte, ao estipularem técnicas que não podem ser aplicadas. Falando ainda sobre a guerra, existem vários acordos internacionais, que tentam impedir que certas armas sejam utilizadas no campo de batalha por serem consideradas desumanas, que explicando também como os soldados e populações que foram capturadas, devem ser

tratadas. Mas se voltarmos agora ao século XIV, verificamos que as pessoas utilizavam as técnicas e armas necessárias para poderem sobreviver, tanto no campo de batalha como fora deste, como por exemplo uma pedra, o que significa, que durante o século XIV, qualquer arma ou ferramenta criada podiam ser utilizada em campo, excepto o arco longo e a besta que foram proibidos pelo papa Urbano VIII, contudo esta proibição não impediu que estas armas fossem caíssem em desuso. Se tivermos em conta que num combate o ser humano vai fazer todos os possíveis para sobreviver, deparamo-nos com técnicas cujo objetivo são partir os joelhos e os braços do adversário<sup>331</sup>, como também técnicas que utilização o pomo e quadrão da arma para perfurar ou esmagar o crânio do nosso oponente. O que por sua vez significa que, a melhor maneira de uma pessoa se manter protegida é comprar armamento defensivo passivo e armamento defensivo ativo, ou seja, peças de armadura e escudos.

Por norma, quando uma pessoa veste uma peça de um arnês, ela sente várias coisas, sente o seu peso, sente alguma restrição de movimentos, sente um desgaste ligeiramente mais rápido, como também começa a sentir alguma confiança e uma ligeira sensação de invulnerabilidade, contudo, esta sensação de invulnerabilidade, está proporcionalmente relacionada, com o tipo de armamento ofensivo que o nosso adversário está a utilizar, e com ao tipo de arnês que estamos a utilizar.

Em relação ao armamento defensivo utilizado durante os séculos XIV e XV, sabemos que ocorreu uma evolução nas técnicas de metalurgia, que por sua vez permitiram que um homem de armas do século XIV deixa-se de utilizar apenas a cota de malha e começasse a utilizar um peitoral de aço, o que por sua vez deu no século XV origem a armaduras feitas com várias placas de aço, como são os exemplos das armaduras góticas e milanesas, contudo, durante o século XV, ocorreram algumas situações, onde um homem de armas ou cavaleiro, utilizaria uma armadura do século XIV, por não ter dinheiro suficiente para comprar uma armadura mais moderna para a época.

Através desta situação, podemos também afirmar que a confiança que obtemos através da utilização de um arnês, pode ser aumentada ou reduzida, dependendo do tipo de arnês que estamos utilizar, ou seja, se estivermos a utilizar um arnês mais moderno para a época, estaremos cheios de confiança, mas se estivermos a utilizar um arnês que está desatualizado para a época, então nesta situação, podemos dizer que a nossa

---

<sup>331</sup> Anexo A, p. 125.

confiança será afetada, se tivermos que combater contra alguém que possua um arnês melhor. Por sua vez, o facto de uma pessoa possuir um arnês melhor e mais bem decorado, serve também como uma demonstração do seu estatuto social e capacidade económica.

Se olharmos para os *fechtbuch* medievais, verificamos que em alguns destes tratados, existem técnicas de combate que são mais adequadas para a neutralização de um adversário que esteja a utilizar uma armadura, sendo um exemplo disso os tratados escritos por Fiore dei Liberi e Hans Talhoffer. O maior problema que uma pessoa enfrenta, quando vai defrontar um adversário que está a utilizar um arnês, é tentar perceber o que deve fazer para neutralizar o seu oponente, por que se uma pessoa não souber como deve reagir e como deve atacar, esta será facilmente derrotada pelo seu adversário, contudo, se uma pessoa souber como deve lutar contra um oponente com um arnês, esta pessoa irá sentir-se menos intimidada e irá tentar neutralizar o seu adversário atacando-o nas zonas mais desprotegidas do arnês, ou através de uma chave e por sua vez projeção, aplicando as técnicas apresentadas por Fiore dei Liberi e Hans Talhoffer, onde são utilizadas espadas, achas de armas e adagas de rodela para neutralizar adversários com arnês.

Se pensarmos agora na panóplia de armas que pode ser utilizada no campo de batalha, podemos também afirmar que existem armas com as quais um oponente que esteja a utilizar um arnês terá medo de enfrentar, pelo facto de estas armas serem bastante eficientes em neutralizar o arnês do nosso adversário, armas como por exemplo martelos de guerra, chicotes de armas e achas de armas, podem danificar seriamente a armadura do nosso adversário, contudo podemos também pensar que uma pessoa que tivesse um bom arnês, estaria também a utilizar uma destas armas e saberia como neutralizar um adversário, o que significa que num combate de um para um, esta pessoa não seria fácil de neutralizar e iria estar constantemente a tentar manter a sua distância de maneira a utilizar as suas armas da maneira mais eficiente, mas no campo de batalha a situação é ligeiramente diferente, por que apesar de esta pessoa poder estar bem defendida, em muitas das situações o golpe que acaba por neutralizar o nosso adversário, não é executado pela pessoa que está à frente deste, mas sim pela pessoa que estará ao nosso lado e que se encontra fora do ângulo de visão do nosso oponente.



## CONCLUSÃO

No final desta dissertação, podemos então verificar que quase todos os objetivos estabelecidos foram cumpridos, mas também pudemos perceber que o tema da espada medieval, é por sua vez um tema bastante abrangente e diversificado, tal como a própria arma em estudo. Ao olharmos novamente para o primeiro capítulo, desta dissertação, podemos dizer que conseguimos descrever o que é uma espada medieval, ao termos explicado qual é sua aparência, ao termos descrito os seus componentes e explicado, as quatro pegas que podem ser utilizadas nesta arma. Conseguimos também explicar, a razão pelo qual esta é uma arma necessária, pelo facto de a espada, ter sido a primeira a ser criada, com o objectivo de neutralizar seres humanos, o que por sua vez nos leva à conclusão, de que caso não existisse a necessidade de neutralizar seres humanos, esta arma provavelmente não teria existido, sendo que podemos verificar a evolução da espada ao longo dos séculos, desde o seu aparecimento na Idade do Bronze até aos dias de hoje.

Se olharmos agora para o tópico do simbolismo, podemos afirmar que durante a Idade Média, a espada medieval é claramente uma arma simbólica, devido ao seu formato físico que é semelhante ao de uma cruz, o que por sua vez levou a que o clero e ao autor medieval chamado Ramon Llull, tentassem comparar o formato da espada com o formato da cruz, levando a que estes tentassem incutir valores cristãos não só na espada mas também no armamento dos cavaleiros, com o objetivo de justificar a razão pelo qual o rei e a nobreza, tinham o dever de governar e de proteger o povo, tentando ao mesmo tempo introduzir um código de ética, com o objetivo controlar os impulsos militares da Nobreza sobre o seu povo e os outros reinos cristãos. Apesar disto, podemos também encontrar um valor simbólico para a espada, através das histórias e mitos, como por exemplo o mito Arturiano e a história de Beowulf, onde a espada manejada por estes heróis, possui características sobrenaturais e por sua vez simbólicas.

Falando agora sobre o tópico, de a espada ser uma arma de nobres e de reis, chegámos à conclusão de que nos séculos XIV e XV, esta arma começou cada vez mais a ser utilizada por homens que não pertenciam à nobreza, especialmente na zona a que chamamos hoje a Alemanha, o que por sua vez levou a que esta arma deixa-se de ser

uma arma exclusiva de nobres e de reis, apesar de continuar a manter o seu valor simbólico.

No segundo capítulo, tentamos obter uma resposta sobre a tipologia das espadas e a sua distribuição pela Europa. No caso das tipologias de espadas, verificamos que apesar de algumas tipologias terem sido criadas, até ao momento a tipologia de Ewart Oakeshott é a mais completa, no entanto existem perguntas, como por exemplo a origem das espadas e sua distribuição, que até mesmo o próprio Oakeshott admite não conseguir responder, pelo que somos obrigados a concluir, que apesar de Oakeshott ter criado uma boa tipologia, existem no entanto espadas que não conseguem ser catalogadas devido ao seu elevado número de variações e como tal, ficaram por classificar.

Relativamente à distribuição das espadas pela Europa, verificámos que tal como foi explicado por Oakeshott, não existe um tipo de espada específico numa região específica da Europa, em vez disso se um tipo de espada fosse bom e funcionasse, este seria utilizado por várias pessoas e eventualmente iria distribuir-se por toda a Europa, o que por sua vez significa que não é possível atribuir a durante a Idade Média, o aparecimento de uma espada, num local específico.

Em relação ao terceiro capítulo desta dissertação, tentou-se descobrir quais seriam os processos de produção e distribuição desta arma. Sobre o tópico de matérias-primas, foi possível descobrir quais eram os locais mais importantes da Europa para a produção das matérias-primas necessárias para a produção de uma espada, contudo em relação à questão dos locais de produção, temos muita pouca informação sobre este tópico, pelo facto de estarem mais documentados os armeiros que produziam armaduras, do que os armeiros que produziam espadas, no entanto sabemos que na Europa existiam locais onde eram produzidas espadas, como por exemplo Flandres, Alemanha e ainda em Lisboa, contudo atualmente não existe muita informação sobre a localização dos armeiros que produziam espadas, durante a Idade Média.

Relativamente à questão dos processos de distribuição, foi possível explicar e entender, os vários processos que podiam ser utilizados para obter espadas durante a Idade Média nos séculos XIV e XV, contudo, durante este processo, não foi possível responder a uma das grandes questões da história militar, que é o custo de uma espada, após alguma pesquisa encontrei a informação de que no ano de 1034 uma espada com

faces douradas, teria o custo de 100 soldos<sup>332</sup>, no entanto o custo desta arma foge por sua vez ao período em estudo e não deve ser utilizada como um preço universal para todas as espadas do século XI.

Ainda dentro do tópico de produção, falámos sobre os vários materiais que compõem uma bainha para uma espada, falámos também sobre os elementos decorativos apresentados tanto nas bainhas como nas espadas, acabando por sua vez por falar sobre a manutenção, das espadas e das suas respetivas bainhas.

No caso do quarto capítulo, foi possível ver quatro dos *fechtbuch*, que tiveram uma grande importância, para o desenvolvimento das artes marciais europeias durante os séculos XIV e XV, e apesar de maior parte das técnicas descritas serem dedicada apenas para o combate judicial, ou para o combate entre duas pessoas na via pública, algumas destas técnicas poderiam ainda ser utilizadas no campo de batalha, numa situação de *mêlée*, tal como pudemos descobrir com que armas estes mestres ensinavam a combater.

Dentro deste estudo, apresentados também a obra de Dom Duarte chamado Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela, onde nos é explicado como uma pessoa se deve comportar em cima de um cavalo e o manejo da lança, tanto para caça como para torneio, luta corpo a corpo e a espada montado a cavalo, contudo, apesar de esta dissertação se focar no manejo da espada com o pé em terra, era necessário referenciar este livro, pelo facto de este ser o único livro português que fala sobre o manejo da espada a cavalo durante os séculos XIV e XV.

Chegando agora ao quinto capítulo desta dissertação, pudemos ver a importância que a biomecânica humana tem para o combate, através do controlo de um dos nossos três triângulos, através de chaves, ruturas de ligamentos e articulações e de projeções. Falámos também, sobre o facto de a espada ser uma arma de infantaria, onde entendemos que a espada é uma arma mais direccionada para a infantaria, devido à sua longa utilização, por parte dos hoplitas nas cidades estado da Grécia antiga e dos legionários romanos, mas também pelo facto de nos séculos XIV e XV, a espada ser utilizada como arma secundária no campo de batalha e ser muito mais vantajosa, quando utilizada com o pé em terra do que a cavalo.

Relativamente à utilização da espada em si, foi possível apresentar alguns dos problemas das na aplicação de técnicas de combate e da importância da nossa postura

---

<sup>332</sup> SÁNCHEZ-ALBORNOZ, *Viejos y nuevos estudios...*, p. 845.

dependendo da técnica que desejamos aplicar, para além disto, conseguimos entender os problemas que surgem na interpretação das técnicas de combate presentes nos manuscritos, sendo a solução para isso a utilização de equipamento adequado e da análise pormenorizada de cada técnica.

Para além das técnicas de combate, falámos também sobre a utilização de armaduras e da utilização da espada para neutralizar um oponente com armadura, relativamente a estes dois tópicos, podemos dizer que apesar de a espada não ser uma arma adequada para o combate contra uma armadura, esta pode ser utilizada para penetrar alguns dos pontos fracos da armadura, no entanto existem outras armas neste período da história que são mais eficazes para neutralizar um adversário que esteja utilizar um arnês, contudo, esta é uma tarefa difícil pelo facto de a utilização de armaduras, permitir que o seu utilizador execute quase todos os movimentos que faria caso não estivesse com armadura, sendo este capaz de correr, saltar, levantar-se do chão e subir para a sela do seu cavalo.

Como um dos últimos pontos desta dissertação, foram apresentadas algumas das armas que poderiam ser utilizadas por homens de armas no campo de batalha, no entanto para o feito desta dissertação, não foram apresentadas armas neurobalísticas e pirobalísticas, contudo, foram explicadas as vantagens da utilização de cada arma e alguns dos seus problemas, como é o exemplo do chicote de armas.

Para finalizar esta dissertação, falou-se sobre o efeito psicológico da utilização de uma armadura, onde pudemos concluir que a utilização de uma armadura, transmite a ideia de invulnerabilidade para o seu utilizador e ao mesmo tempo, pode intimidar o nosso oponente, especialmente se este não estiver familiarizado com o combate com arnês, o que significa que este não saberá como reagir e como neutralizar o seu oponente.

## GLOSSÁRIO

**Armizzare** - Combate de Arnês.

**Abrazzare** - Combate corpo a corpo, em que o objetivo é neutralizar o nosso oponente através da quebra de ossos e articulações.

**Bastoncello** - Pequeno bastão de madeira.

**Batida** - Golpe descendente na espada do nosso oponente.

**Binds** - Prisões que podem ser executadas no corpo ou nas armas do nosso oponente.

**Compasso Natural** - Posição de equilíbrio natural para o corpo humano quando dobramos ligeiramente os joelhos.

**Conto** - Parte inferior da lança que possui um pequeno espigão de metal.

**Custódia** - Guarda.

**Encrossada** - Quando um espadachim defende o golpe do seu oponente e essa defesa forma uma cruz entre as armas.

**Espadas Brancas** - Espadas com gume afiado.

**Espadas Negras** - Espadas sem gume.

**Espigão** - Zona da lâmina que entra dentro do quadrão e punho da espada, encontra-se presa pelo pomo.

**Estocada** - Golpe em linha reta paralelo ao chão.

**Estoque** - Utilização da ponta da espada para fazer estocadas.

**Face** - Zona da lâmina que não possui gume.

**Fechtbuch** - Livro de combate.

**Fechtmeister** - Mestre de combate/ Mestre de armas.

**Federschwert** - Espada pena. Espada de treino do século XVI.

**Folha** - Nome atribuído à cabeça da lança.

**Forte** - Primeiro terço da lâmina que está mais perto do quadrão.

**Fraco** - Terceiro terço da lâmina que se localiza no final da mesma.

**Gioco Largo** - Combate com espada a longa distância, onde cada espadachim tenta estar fora de distância do seu oponente.

**Gioco Stretto** - Combate com espada a curta distância, facilmente os espadachins podem largar as suas espadas e passar para *abrizzare*, combate corpo-a-corpo.

**Gume Verdadeiro** - Gume da espada que fica virado para o nosso oponente.

**Gume Falso** - Gume da espada que fica virado para nós.

**Haste** - Peça de madeira que compõem a lança.

**Hausbuch** - Livro de casa medieval, que contém informação diversa.

**Housecarls** - Soldados escandinavos.

**Kuns des Fechtens** - Arte de esgrima.

**In Des** - Momento de reação em combate. Situação onde um espadachim que está no *nach* pode ganhar o *vor*.

**Linha Sagital** - Linha imaginária que atravessa o nosso corpo e o divide entre o lado esquerdo e o lado direito.

**Luta Galhofa** - Combate corpo-a-corpo tradicional português, da região de Trás-os-Montes.

**Maisterhaw** - Golpes de mestre.

**Médio** - Zona que se localiza no segundo terço da lâmina.

**Meia Espada ou Mezza Spada** - Forma de segurar a espada, onde uma das mãos agarra o punho da espada e a outra mão agarra a lâmina da espada.

**Montante** - Espada de duas mãos do século XVI que pode ter um comprimento total de 160 cm a 200 cm.

**Murder-stroke** - Golpe descendente onde o seu utilizador agarra a lâmina da espada com as duas mãos e atinge a cabeça ou ombro do seu oponente, com o pomo ou quadrão da sua espada.

**Mustachio** - Golpe feito abaixo do nariz do nosso oponente com o rebordo do broquel.

**Mutação** - Passagem da espada de um *underbind* para um *overbind*.

**Nach** - O que vem depois. Espadachim que recebe o ataque do seu oponente e é obrigado a defender.

**Obsessione** - Contrária, oposição. Guarda que deve ser utilizada como oposição a uma das sete custódias.

**Overbind** - Colocação da nossa espada por cima da espada do nosso oponente.

**Parada** - Interrupção do movimento da espada do nosso oponente.

**Poleaxe** - Acha de armas.

**Pomo** - Zona do punho da espada que prende o espigão e mantém a espada apertada.

**Ponta** – Extremo oposto ao espigão, da lâmina, que pode ser utilizado para desferir cortes e estoques.

**Poste** - Guardas.

**Pronação** - Movimento de rotação do antebraço em que a palma da mão fica virada para baixo.

**Punho** - Zona da espada que é agarrada pelo seu utilizador.

**Quadrão** - Zona do punho da espada que protege a mão. Atribui às espadas medievais europeias a sua semelhança a uma cruz.

**Rebatida** - Golpe ascendente na espada do nosso oponente.

**Ricasso** - Zona nos primeiros dois centímetros do forte da espada que não tem gume.

**Ringen** - Combate corpo a corpo desportivo em que o objectivo é derrubar o nosso oponente e exercitar o nosso corpo. Contudo, este tipo de combate pode também ser utilizado para neutralizar o nosso oponente, caso seja necessário.

**Sacerdotis** – Padre / Sacerdote.

**Sangrador** - Zona na face da lâmina onde foi retirado um pedaço desta, com o objectivo de reduzir o peso da espada.

**Schilslach** - Golpe de escudo.

**Solaris** - Estudante.

**Stich** - Estocada.

**Supinação** - Movimento de rotação do antebraço, em que a palma da mão fica virada para cima.

**Underbind** - Colocação da nossa espada por debaixo da espada do nosso oponente.

**Vor** - O que vem primeiro. Espadachim dominante que toma a iniciativa e ataca primeiro.

**Zedel** - Texto escrito em verso que explica a arte da esgrima de Liechtenauer.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes:

DUARTE, D., *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela que fez El-Rey Dom Eduarte De Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*, edição crítica de J. M. Piel, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

*Fiore Furlan dei Liberi da Premariaccio, Il Fior di Battaglia, ca. 1400*, Jean-Paul Getty Museum MS. Ludwig XV 13, Los Angeles. Disponível em: <http://www.getty.edu/art/collection/artists/973/fiore-furlan-dei-liberi-da-premariacco-italian-about-13401350-before-1450/> (Consultado a 21 de Outubro de 2019).

LIBERI, Fiore dei, *Fior di Battaglia / The Flower of Battle* CHIDESTER, Michael *et alii*, trad., por Fiore dei Liberi MS Ludwig XV13, Paul J Getty Museum, 2003. Disponível em: [http://wiktenauer.com/images/e/eb/Getty\\_MS\\_Ludwig\\_XV\\_13\\_Scans\\_with\\_English\\_Translation.pdf](http://wiktenauer.com/images/e/eb/Getty_MS_Ludwig_XV_13_Scans_with_English_Translation.pdf) (Consultado a 24 de Outubro de 2019).

### Bibliografia:

AGOSTINHO, Paulo Jorge; MARTINS, Miguel Gomes; MONTEIRO, João Gouveia; *Guerra e Poder Na Europa Medieval, Das Cruzadas À Guerra Dos 100 Anos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Agosto 2015.

ALLMAND, Christopher, *Henry V*, London, The University of California Press, 1992.

AND ALMIRENA, Alex; FARRELL, Keith; HAGEDORN, Dierk; trad., Wiktenauer, *A HEMA Alliance Project, Johan Liechnawers Fechtbuch geschriebenn, MS Dresd. C.487, 1504-1519*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Johan\\_Liechnawers\\_Fechtbuch\\_geschriebenn\\_\(MS\\_Dresd\\_C.487\)](https://wiktenauer.com/wiki/Johan_Liechnawers_Fechtbuch_geschriebenn_(MS_Dresd_C.487)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).



BACHMANN, Dieter, trad., Royal Armouries, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Walpurgis Fechtbuch, MS I.33, 1320s*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Walpurgis\\_Fechtbuch\\_\(MS\\_I.33\)](https://wiktenauer.com/wiki/Walpurgis_Fechtbuch_(MS_I.33)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

BACHMANN, Dieter; HULL, Jeffrey; ZOELLER, Tracey, *et alii.*, trad., *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Talhoffer Fechtbuch, MS Thott.290. 2º, 1459*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Talhoffer\\_Fechtbuch\\_\(MS\\_Thott.290.2%C2%BA\)](https://wiktenauer.com/wiki/Talhoffer_Fechtbuch_(MS_Thott.290.2%C2%BA)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

BARROCA, Mário Jorge; DUARTE, Luís Miguel; MONTEIRO, João Gouveia, *Nova História Militar de Portugal, Volume 1*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, Agosto de 2003.

Bibliothèque Nationale de France, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Livro da ensinância de bem cavalgar toda sela, MS Portugais 5, 1438*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Bem\\_cavalgar\\_\(MS\\_Portugais\\_5\)](https://wiktenauer.com/wiki/Bem_cavalgar_(MS_Portugais_5)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

CABREIRA, Diniz F., *Há Uma única arte da Espada, Uma tradução «livre e útil» da Arte do Combate descrita no tratado de artes marciais históricas europeias GNM HS 3227a*, Compostela, Edizer, AGEA Editora & Arte do Combate, 2018.

CASTLE, Egerton, *Schools and Masters of Fencing from the Middle Ages to the Eighteenth Century*, New York, Dover Publications, 2016.

CHIDESTER, Michael, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project*, 2009. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Main\\_Page](https://wiktenauer.com/wiki/Main_Page) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

CHIDESTER, Michael, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Libro del exercicio de las armas, MS a.IV.23, 1509*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Libro\\_del\\_exercicio\\_de\\_las\\_armas\\_\(MS\\_a.IV.23\)](https://wiktenauer.com/wiki/Libro_del_exercicio_de_las_armas_(MS_a.IV.23)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

CHIDESTER, Michael, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Treatises*, 2009. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Main\\_Page](https://wiktenauer.com/wiki/Main_Page) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

CHIDESTER, Michael; HAGERDORN, Dierk; HULL, Jeffrey: *et alii*, trad., *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Nuremberg Hausbuch, Ms 3227a, 1400s*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Nuremberg\\_Hausbuch\\_\(MS\\_3227a\)](https://wiktenauer.com/wiki/Nuremberg_Hausbuch_(MS_3227a)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

COGNOT, Fabrice, *L'armement médiéval: les armes blanches dans les collections bourguignonnes. X<sup>e</sup>- XV<sup>e</sup> siècles. Archéologie et Préhistoire*. Paris, Université Panthéon-Sorbonne - Paris I, 2013. Disponível em: [https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01001643/file/2013-03\\_-\\_COGNOT\\_-\\_Arm.pdf](https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01001643/file/2013-03_-_COGNOT_-_Arm.pdf) (Consultado a 24 de Outubro de 2019).

COSTA, Ricardo, trad., «*O livro da Ordem de Cavalaria (c. 1274-1276)*, Ramon Lull», 2011. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/o-livro-da-ordem-de-cavalaria-c1274-1276> (Consultado a 29 de Outubro de 2019).

CURRY, Anne; MERCER, Malcolm, *The Battle of Agincourt. The Illustrated Companion*, New Haven and London, Yale University Press, 2015.

DAVIDSON, Mark; LANCASTER, Mark; LOVETT, Rob, trad., *Fiore dei Liberi Project, Getty Representation*, [s.l.], The Exiles Company of Medieval Martial Arts, 2005. Disponível em: [http://www.the-exiles.org/FioreProject/Fiore%20Getty%20MS%20Representation%20\(Combined\).pdf](http://www.the-exiles.org/FioreProject/Fiore%20Getty%20MS%20Representation%20(Combined).pdf) (Consultado a 28 de Outubro de 2019).

DAVIDSON, Mark; LANCASTER, Mark; LOVETT, Rob, trad., *Fiore dei Liberi Project, Pisani-Dossi Representation*, [s.l.], The Exiles Company of Medieval Martial Arts, 2005. Disponível em: [http://www.the-exiles.org.uk/fioreproject/Fiore%20PD%20MS%20Representation%20\(Translation\).pdf](http://www.the-exiles.org.uk/fioreproject/Fiore%20PD%20MS%20Representation%20(Translation).pdf) (Consultado a 30 de Outubro de 2019).

FORGENG, Jeffrey L., *The Medieval Art of Swordsmanship: Royal Armouries MS I.33*, Leeds, Royal Armouries Museum, 2018.

HERGSELL, Gustav; Bayerische Staatsbibliothek, trad., *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Talhoffer Fechtbuch, Cod.icon.394a, 1467*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Talhoffer\\_Fechtbuch\\_\(Cod.icon.394a\)](https://wiktenauer.com/wiki/Talhoffer_Fechtbuch_(Cod.icon.394a)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

HINAREJOS, Benjamín Collado, *Los íberos y la guerra*, Leipzig, Amazon Distribution, 2015.

HODGETT, Gerald A. J.; DA COSTA SOUZA, Mauro Roberto; DA COSTA SOUZA, Tayná Pinheiro, trad., *História Social e Econômica da Idade Média*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.

HRISOULAS, Jim, *The Complete Bladesmith. Forging Your Way to Perfection*, Milton Keynes, Redd Ink Press, 2018.

JAMES, Simon, *Rome & The Sword. «How Warriors & Weapons Shaped Roman History»*, Londres, Thames & Hudson, 2011.

Jean Paul Getty Museum, *Wiktenauer, A HEMA Alliance Project, Fior di Battaglia, MS Ludwig XV 13, 1404*, 2019. Disponível em: [https://wiktenauer.com/wiki/Fior\\_di\\_Battaglia\\_\(MS\\_Ludwig\\_XV\\_13\)](https://wiktenauer.com/wiki/Fior_di_Battaglia_(MS_Ludwig_XV_13)) (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

KEEGAN, John, *A History of Warfare*, London, Pimlico, 2004.

KEEGAN, John, *The Face of Battle, A Study of Agincourt, Waterloo and the Somme*, New York, Penguin Books, 1978.

KENNER, Andrew N., *I33 Fencing in the Style of the Walpurgis Manuscript. A Manual for the Sword and Buckler Fencer*, Great Britain, [www.lulu.com](http://www.lulu.com), 2016.

LE GOFF, Jacques, *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*, Lisboa, Publicações Gradiva, 1982.

LINDHOLM, David; SVÄRD, Peter, *Sigmund Ringeck's, Knightly Arts of Combat, Sword-and-Buckler Fighting, Wrestling, and Fighting in Armor*, Colorado, Paladin Press, 2006.

MARTINS, Filipe, *Fiore dei Liberi e Hans Talhoffer. Dois exemplos da arte italiana e alemã da luta corpo a corpo na transição do sec. XIV para o sec. XV*, [s.l.], edição do autor, 2016.

MILLER, Edward; POSTAN, Cynthia; POSTAN, M. M., *The Cambridge Economic History of Europe, Volume II, Trade and Industry in the Middle Ages*, Second Edition, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

MISKIMIN, Harry A., *A Economia do Renascimento Europeu 1300-1600*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984.

MONDSCHIEIN, Ken, *The Knightly Art of Combat*, Los Angeles, J. Paul Getty Museum, 2011.

MONTEIRO, João Gouveia; BARROCA, Mário Jorge; *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000.

OAKESHOTT, Ewart, *Records of the Medieval Sword*, Cornwall, The Boydell Press, 2004.

OAKESHOTT, Ewart, *The Archaeology of Weapons, Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*, New York, Dover Publications, 2017.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique, *Ensaio de História Medieval Portuguesa*, 2ª Edição, Lisboa, Veja, 1979.

PEIRCE, Ian, *Swords of the Viking Age*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002.

PERES, Damião, *O Livro de Recebimentos de 1470 da Chancelaria da Câmara*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1974.

PFAFFENBICHLER, Matthias, *Artesanos Medievales. Armeros*, Madrid, Ediciones Akal, 1998.

PRETO, António Franco; PRETO, Luís Franco, trad., *The Art of Riding on every Saddle. Dom Duarte King of Portugal, circa 1434, Medieval Horsemanship: Equitation, Hunting and Knightly Combat with Lance and Sword*, Great Britain, The Chivalry Bookshelf, 2011.

RECTOR, Mark, trad., *Medieval Combat A Fifteenth-Century Manual of Swordfighting and Close-Quarter Combat*, Barnsley, Greenhill Books, 2014.

RUCQUOI, Adeline, *História Medieval da Península Ibérica*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, *Viejos y nuevos estudios sobre las instituciones medievales españolas. Tomo II. Instituciones económicas y fiscales y instituciones juridico-políticas*, Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1976.

SOUSA, Manuel de, *Livro de Cavalaria*, Mem-Martins, Chancela Real Editores, 2010.

STRIDE, Chris, *An Introduction to the Art & Science of Johannes Liechtenauer's Medieval German Longsword, Grades 1 & 2*, Great Britain, Wyvern Media Ltd, 2012.

*The Chronicles of Enguerrand de Monstrelet*. Vol. I. Tradução de Thomas Johnes Esq., London, Covent Garden, 1853. Disponível em: <https://ia600502.us.archive.org/33/items/chroniclesofengu01mons/chroniclesofengu01mons.pdf> (Consultado a 28 de Novembro de 2019).

TLUSTY, B. Ann, *The Martial Ethic in Early Modern Germany, Civic Duty and the Right of Arms*, Great Britain, Palgrave Macmillan, 2011.

TOBLER, Christian Henry, *In Saint George's Name, An Anthology of Medieval German Fighting Arts*, Wheaton, Freelance Academy Press, 2010.

WAGNER, Eduard; DROBNÁ, Zoroslava; DURDÍK, Jan, *Medieval Costume, Armour and Weapons*, New York, Dover Publications, 2017.

## **ANEXO A**

# BIOMECÂNICA

Espadachim branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martins

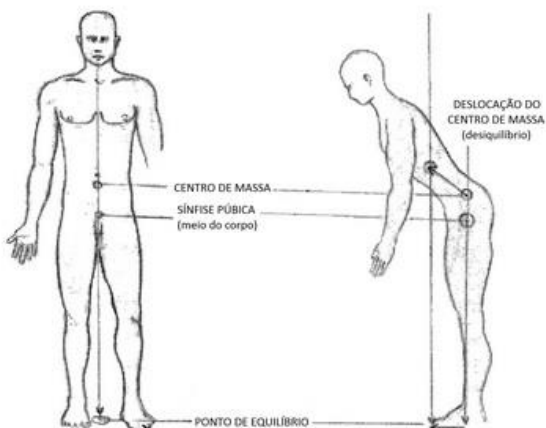
## A Teoria dos Quatro Triângulos



Demonstração dos três triângulos no corpo humano.



O triângulo dos nossos ombros pode também ser evidenciado se juntarmos as mãos à frente do nosso corpo.



333

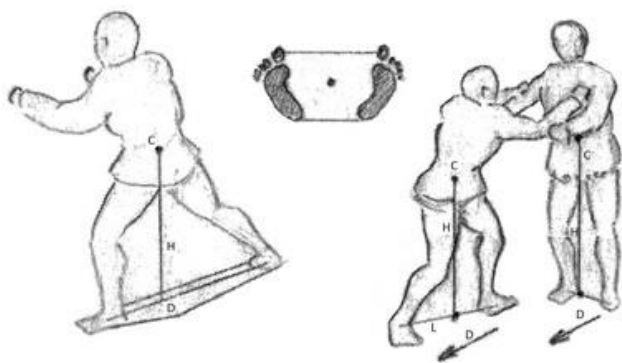
Se nos mantivermos numa posição erecta e nos inclinarmos para a frente, o nosso centro de massa irá passar o nosso ponto equilíbrio, podendo provocar uma queda.



Devemos então aumentar o nosso triângulo de sustentação, que por sua vez irá baixar o nosso ponto de equilíbrio.

<sup>333</sup> Imagem cedida por Filipe Martins





334

Com o aumento do nosso triângulo de sustentação dificilmente somos desequilibrados, obtendo por consequência, uma vantagem sobre os adversários que não mudam a sua postura e mantêm um triângulo de sustentação mais pequeno.



Ao empurrarmos o queixo do nosso adversário, para os lados na diagonal ou para cima, este irá entrar em desequilíbrio e facilmente será derrubado, se avançarmos sobre este.



Ao entrarmos em combate, torna-se possível destruir estes triângulos das seguintes maneiras.



Se aplicarmos uma força no cotovelo do nosso adversário, este será forçado a rodar o seu corpo na direcção em que está a ser empurrado. Nesta situação, o nosso oponente encontra-se em desequilíbrio, pelo facto de o triângulo dos seus ombros já não estar a apontar para a frente, mas sim numa diagonal.

A destruição do triângulo das pernas, pode ser executada com a aplicação de uma força no cóccix ou no joelho. No caso do joelho este irá provocar uma ruptura de ligamentos, no caso do cóccix, o nosso adversário poderá avançar para uma projecção.

<sup>334</sup> Imagem cedida por Filipe Martins.

## Distâncias de Combate

Tal como foi apresentado anteriormente todo o combate se baseia no domínio de um dos quatro triângulos do nosso adversário, independentemente da arma que estiver a ser utilizada. Excluindo situações extremas, todos os combates começam fora de distância, ocorrendo depois uma lenta aproximação entre os dois oponentes.



Ambos os espadachins estão fora da distância, o que significa que se ambos esticarem os braços, nenhum destes dois jogadores consegue atingir o outro.



Ao darem um passo à frente, estes espadachins entram na longa distância, o que significa que se esticarem os braços, estes podem atingir o seu adversário nas mãos.



Se um destes espadachins der mais um passo em frente, estes irão entrar na média distância, o que significa que se um jogador esticar os seus braços, este poderá atingir qualquer parte do corpo do seu oponente. A média distância, é por sua vez a distância normal de combate.



Se nada acontecer e ambos os espadachins avançarem um sobre o outro, estes entraram na curta distância ou se preferirmos, na distância para agarrar. Nesta situação ambos os jogadores estão num impasse, o que significa que o lutador que tomar primeiro a iniciativa, irá ganhar vantagem sobre o outro, como se pode verificar na imagem do lado direito.





Nesta situação os jogadores utilizam armas de dimensões diferentes e actualmente encontram-se fora de distância.



Ao darem um passo em frente, ambos os jogadores entram em distâncias diferentes devido às dimensões das suas armas.



O espadachim preto encontra-se a média distância, podendo atingir qualquer parte do corpo do seu adversário.



O espadachim branco encontra-se fora de distância, pelo que não consegue atingir o seu oponente.

Por sua vez a nossa própria postura em combate tem influência no nosso alcance e no alcance do nosso adversário.



Numa posição normal, o espadachim preto consegue atingir o espadachim preto.



O espadachim branco dobra ligeiramente o seu joelho esquerdo, apoiando por sua vez, o seu peso do corpo no seu pé esquerdo, ficando desta maneira fora de distância do seu opositor.



Voltando à posição inicial, o espadachim branco volta a estar à distância do espadachim preto.



O espadachim branco executa uma troca de pés, passando desta maneira a estar fora de distância do espadachim preto.

## Neutralização dos Quatro Triângulos



Ambos os combatentes se encontram fora de distância.



O espadachim preto avança e tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O combatente branco avança 45° para a direita.



O espadachim branco saiu de linha e tem o seu triângulo apontado para o espadachim preto. O combatente preto tem neste momento o seu triângulo apontado para o local onde o espadachim branco costumava estar.



O espadachim branco encontra-se atualmente a média distância do espadachim preto, podendo facilmente atingi-lo.





Se mantiver a mesma posição o espadachim preto encontra-se fora de distância em relação ao espadachim branco.



Se ambos os combatentes esticarem as armas podemos ver facilmente a diferença no seu alcance pelo facto de o triângulo de sustentação do espadachim preto, não estar a apontar para o espadachim branco.



A destruição do triângulo de sustentação pode ser vista de outra maneira.



O espadachim branco avança novamente 45° para a sua direita, mas mantendo a sua espada na sua antiga linha. O espadachim preto ataca a antiga linha do combatente branco, ficando novamente fora de distância do lutador branco.



O espadachim branco encontra-se novamente a média distância do espadachim preto podendo atingir o peito ou o tronco do seu oponente.



Ambos os combatentes voltam à tua posição inicial.



O espadachim preto ataca e o espadachim branco trava o golpe do seu oponente com o forte da sua espada. Nesta situação os dois oponentes estão na curta distância, podendo acontecer três movimentos diferentes, dependendo de quem toma a iniciativa.



O espadachim branco toma a iniciativa, avançando para a sua esquerda e colocando a sua mão esquerda no cotovelo direito do espadachim preto. O combatente branco aplica então uma força na diagonal, sobre o cotovelo do seu opositor fazendo com que este rode o tronco. Nesta situação, o espadachim preto fica com o triângulo dos seus ombros destruído pelo facto de este já não estar direccionado para o seu oponente.



Caso o espadachim branco tenha possibilidade poderá colocar a sua mão esquerda no queixo do opositor. Ao fazer isto o espadachim branco aplica novamente uma força na diagonal, ou para cima, provocando por sua vez uma alteração no ponto de equilíbrio do espadachim preto. Nesta situação o triângulo do queixo do combatente preto é destruído, e se o espadachim branco aplicar mais força o triângulo de sustentação do espadachim preto será também destruído e este irá cair.





Como última hipótese o espadachim preto decide tomar a iniciativa procurando neutralizar o espadachim branco antes que este consiga sair de linha. O combatente preto coloca o seu pé esquerdo sobre o joelho do seu oponente aplicando força.



Ao fazer isto o espadachim preto quebra a articulação do joelho do seu oponente, neutralizando-o. Nesta situação o triângulo das pernas do espadachim branco é destruído, tal como o seu triângulo de sustentação.

## **ANEXO B**

# ARMAMENTO

## Armamento Utilizado



Espada singela de esponja.

Produtor: *SPES Historical Fencing Gear.*

Peso: 450g

Tamanho total: 82 cm

Comprimento de lâmina: 67,5 cm



Simulacro de madeira chamado *shinai*.

Produtor: Desconhecido

Peso: 520 g

Tamanho total: 120 cm

Comprimento de lâmina: 95 cm



Simulacro sintético de uma espada bastarda, chamada *Rawlings*.

Produtor: Desconhecido

Peso: 785 g

Tamanho total: 124 cm

Comprimento de lâmina: 96,5cm



A espada mais à esquerda, é uma réplica de uma espada bastarda do século XIV, semelhante às espadas XIIa.2 da tipologia de *Oakeshott*.

Produtor: Desconhecido

Peso: 1,465 kg

Tamanho total: 122 cm

Comprimento de Lâmina: 95,5 cm

A espada mais à direita, é uma réplica de uma espada de treino alemã, chamada *fiederschwert*, esta espada tem a sua origem no século XVI como espada de treino.

Produtor: *Regenyei Armory*

Peso: 1,4 kg

Tamanho Total: 135cm

Comprimento de lâmina: 105cm

A espada central, é uma réplica de uma espada singela, baseada nas espadas do tipo XI da tipologia de *Oakeshott*.

Produtor: *Regenyei Armory*

Peso: 1,195 kg

Tamanho total: 89 cm

Comprimento de lâmina: 71,5 cm

O escudo no topo, é uma réplica de um broquel medieval.

Produtor: *ULFBERTH*

Peso: 2,3 kg

Diâmetro: 38 cm

# UTILIZAÇÃO DOS SIMULACROS SINTÉTICOS

Espadachim Branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martins



A utilização de uma espada singela de esponja permite a aplicação de algumas técnicas de combate diminuindo por sua vez os riscos corridos.



Contudo, estes simulacros não possuem o mesmo peso que uma espada de aço e têm o hábito de ressaltar com o impacto, ou seja, existe a perda de contacto com a arma do nosso adversário.



O facto de este simulacro ressaltar com facilidade torna-se evidente ao vermos o desenrolar desta jogada.





A utilização de simulacros de madeira como o caso do *shinai* reduz também os riscos de acidentes. Contudo esta arma pode provocar alguns danos no corpo humano, dependendo da força aplicada.



Tal como a espada singela de esponja, esta arma pode com facilidade ressaltar com o impacto. Em muitas situações o facto de fazermos uma boa defesa não impede que sejamos atingidos pela arma do nosso oponente.



Tendo em conta o formato do *shinai* podemos afirmar que este não possui uma forma semelhante ao de uma espada europeia já que lhe falta um quadrão. A falta do quadrão impede a utilização de algumas técnicas e significa que as nossas mãos estão mais desprotegidas. No entanto, o *shinai* é um bom simulacro para aprendermos a medir as distâncias de combate.



A espada sintética chamada *rawlings* é um bom substituto que pode ser utilizado para treinar técnicas medievais, caso não possa ser utilizada uma espada de aço. No entanto, como é evidente na imagem acima, esta arma é muito flexível.



A utilização da *rawlings* acarreta alguns riscos pelo facto de muitos acharem que como é uma arma sintética não irá provocar dano no corpo, mas esta ideia é incorrecta. Ao contrário dos simulacros referidos anteriormente a espada *rawlings* possui dois gumes.



É evidente na imagem acima que a *rawlings* tem a tendência em dobrar com o impacto, o que significa que uma parada bem executada, para uma espada de aço, terá de ser exagerada quando utilizamos uma *rawlings*, de maneira a evitar que sejamos atingidos pela arma do nosso oponente.



Apesar disto a *rawlings* continua a ser um bom simulacro para o treino de técnicas de combate medievais porque apesar de ter um peso diferente da de uma espada de aço é manejada da mesma maneira.

## **ANEXO C**

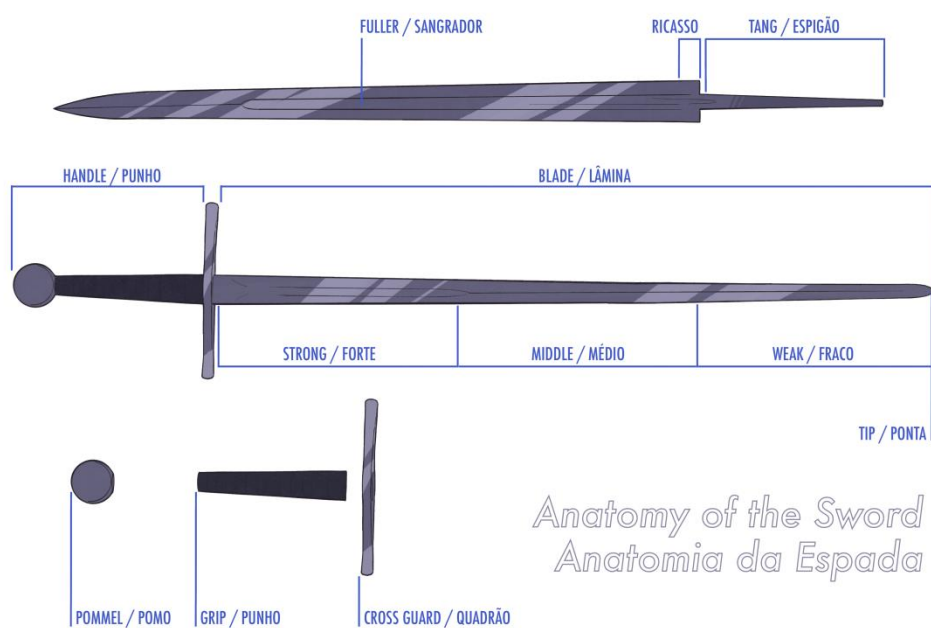


# A ESPADA

Espadachim Branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martins

## Anatomia da Espada



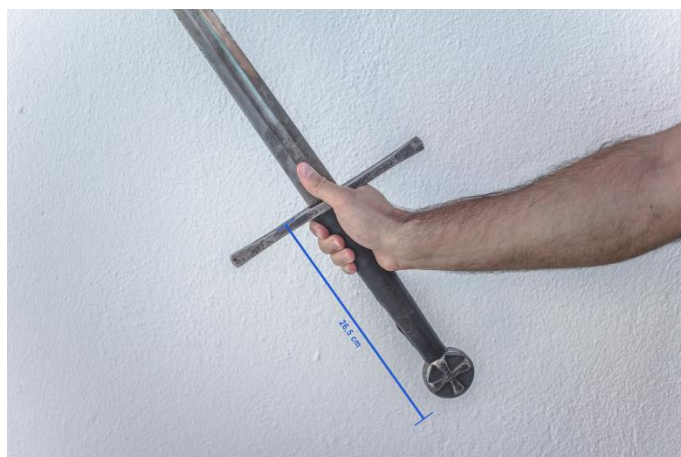
335

<sup>335</sup> Desenho feito por Diana Andrade Palheiro.

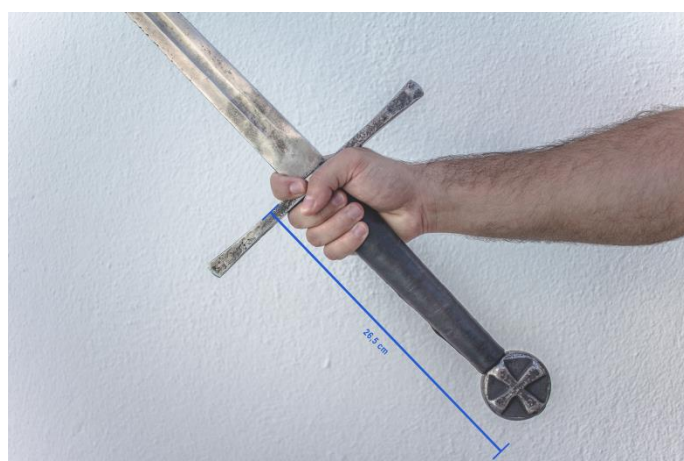
## Empunhaduras



Empunhadura de Martelo



Empunhadura Alemã



Empunhadura Italiana



Empunhadura Dupla de Martelo



Empunhadura Dupla Alemã



Empunhadura Dupla Italiana

## Problemas das Empunhaduras



A empunhadura dupla de martelo protege os dedos do seu utilizador. Contudo permite um ângulo de rotação menor do que as outras empunhaduras.



A empunhadura dupla italiana permite um ângulo de rotação maior para a espada. No futuro este tipo de empunhadura irá dar origem à criação da espada colhona. Nesta situação o espadachim branco é atingido no dedo indicador pelo seu adversário. Caso o espadachim branco esteja a utilizar um guante de aço poderá resistir ao golpe.



O espadachim branco utiliza novamente uma empunhadura dupla italiana. O espadachim preto, volta a atingir o dedo indicador do seu opositor.



A empunhadura dupla alemã permite um controlo e ângulo de rotação diferente da empunhadura dupla italiana. A empunhadura dupla alemã funciona devido à utilização do polegar como segundo ponto de rotação na espada. Nesta situação devido à posição do espadachim branco, o espadachim preto consegue atingir o polegar direito do seu adversário.



Nesta situação o espadachim preto atinge novamente o polegar direito do espadachim branco. Como soluções para este problema o combatente branco deve colocar o seu polegar em cima do punho da espada em vez da lâmina da sua espada, mas também deve evitar ficar em situações onde o seu polegar esteja desprotegido.

## **ANEXO D**



## MS I.33

Espadachim Branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martins

### Custódias



Primeira custódia vista de frente e de lado.



Na primeira custódia, existe a possibilidade de a mão estar com a palma da mão direita para cima ou para baixo, contudo isto não é especificado no manuscrito.



Segunda custódia vista de frente e de lado.



Terceira custódia vista de frente e de lado.





Quarta custódia vista de frente e de lado.



Quinta custódia vista de frente e de lado.





Sexta custódia vista de frente e de lado.

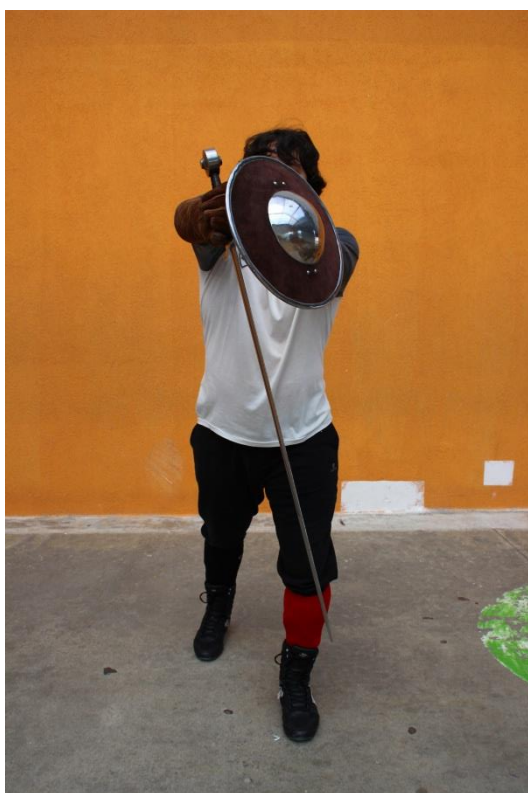


Sétima custódia vista de frente e de lado.

## *Obsessiones*



*Obsessione Halpschilt vista de frente e de lado.*



*Obsessione Krucke vista de frente e de lado.*



## Custódias Especiais



*Langort Superior vista de cima e de lado.*



*Vidilpoge vista de frente e de lado.*



Guarda especial do padre vista de frente e de lado.



Custódia especial de *Walpurgis* vista de frente e de lado. Esta custódia é uma forma de avançar para a *obsessione Halpschilt*.

## Utilização do Broquel



Quando manejamos um broquel devemos esticar o braço que o segura dando por sua vez origem a um cone defensivo com o broquel.



Quando o espadachim preto avança a sua espada é desviada naturalmente pelo broquel do espadachim branco.



Caso o espadachim preto continue a avançar a sua espada será completamente afastada pelo broquel do espadachim branco impedindo que qualquer dano lhe seja feito.



Nesta situação o espadachim branco dobrou o seu braço esquerdo o que significa que o seu cone defensivo será menor.





Como o espadachim branco tem um cone defensivo mais pequeno o espadachim preto consegue facilmente atingir o corpo do opositor branco.



O espadachim preto apenas necessita de esticar o seu braço para atingir o espadachim branco. Apesar de o broquel poder ser utilizado desta maneira o braço deve estar sempre esticado, quando estamos a uma longa distância do oponente.

## Os Quatro *Binds*



Nesta situação o espadachim preto encontra-se num *overbind* de direita estando na melhor posição possível pois pode facilmente travar o espadachim branco com um *schilslach*. O espadachim branco está num *underbind* de direita, o que o deixa na pior situação possível.



Agora o espadachim preto encontra-se num *overbind* de esquerda podendo nesta situação aplicar um *schilslach* e avançar sobre o espadachim branco. O espadachim branco está num *underbind* de esquerda, mas mesmo ficando em desvantagem, nesta situação, ele pode aplicar um *schilslach* ao espadachim preto, se tomar a iniciativa.

## Jogadas do Manuscrito

Fólio 2r



O espadachim branco inicia a jogada em *halpschilt*.  
O espadachim preto inicia na primeira custódia.



Caso o espadachim preto não execute qualquer movimento o espadachim branco irá tomar a iniciativa e irá entrar em *stich* (estocada) na cara do espadachim preto.



O espadachim branco inicia agora a jogada na primeira custódia. O espadachim preto começa a jogada em *halpschilt*.



O espadachim branco toma a iniciativa apanhando o meio da espada do espadachim preto com o seu gume falso.





Caso o espadachim preto não tenha reacção o espadachim branco irá rodar a mão de maneira a utilizar o seu gume falso, executando um *stich* na fase do seu oponente.

#### Fólio 2v



Se na jogada anterior o espadachim preto tente resistir ou tente fugir, o espadachim branco deve aplicar um *schilslach* na mão direita do espadachim preto. Nesta situação o espadachim preto fica em *underbind* de direita, com as duas mãos presas, pelo broquel do espadachim branco.



O espadachim branco finaliza a jogada aplicando um corte com o gume verdadeiro à cara do espadachim preto.



O espadachim preto inicia a jogada na primeira custódia. O espadachim branco inicia a jogada em *halpschilt*.



O espadachim preto apanha a espada do jogador branco da mesma maneira que foi apresentado anteriormente, no fólio 2r.



O espadachim preto começa a pressionar a espada do espadachim branco da mesma maneira que foi apresentado anteriormente no fólio 2v.



O espadachim branco é forçado a executar uma mutação passando a sua espada por cima do jogador preto e ao mesmo tempo cruza os braços.



Ao executar esta mutação o espadachim branco deixa de estar em *underbind* de direita e passa a estar em *overbind* de esquerda. O espadachim preto tenta parar o espadachim branco com um *schilslach* mas é travado pelo broquel do espadachim branco.



O espadachim branco liberta a espada do espadachim preto executando um corte com o gume falso chamado *nucken* à cara do espadachim preto.

Fólio 4v



Como possibilidade de iniciação desta técnica o espadachim preto encontra-se na segunda custódia. O espadachim branco começa em *halpschilt*.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco defende em *krucke*.





O espadachim branco aplica um *schilslach* no broquel do espadachim preto.



O espadachim branco inicia a prisão das armas do espadachim preto com o seu broquel.



O espadachim branco terminou a prisão podendo agora atacar a cabeça do espadachim preto.



Nesta jogada o espadachim preto encontra-se em *halpschilt*. O espadachim branco está na posição de *krucke*.



O espadachim preto executa um *stich*. O espadachim branco agarra o broquel e a espada com a mesma mão enquanto se defende do *stich*.



O espadachim branco aproveita esta situação para agarrar a espada do espadachim preto.



Ao utilizar o peso do seu corpo o espadachim branco desarma o espadachim preto.



O espadachim preto inicia a jogada em segunda custódia. O espadachim branco inicia a jogada em *vidilpoge*.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do jogador espadachim em *stich*. O espadachim branco levanta os braços de maneira a que a sua espada possa parar o golpe do seu oponente.



O espadachim branco levanta o seu broquel e prende a espada do espadachim preto com o seu polegar.



O espadachim branco, num movimento rápido e utilizando o seu peso, desarma o espadachim preto enquanto lhe lança um golpe à cabeça.

## **ANEXO E**



# Fiore Dei Liberi – MS Ludwig XV 13

Espadachim Branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martin

## Espada Singela

1ª Jogada (Fólio 20v)



O espadachim preto começa a jogada numa guarda alta. O espadachim branco começa numa guarda baixa.



O espadachim preto dá um passo em frente e tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco dá um passo em frente e trava a espada do espadachim preto.



O espadachim branco aproveita esta situação para agarrar a mão direita do espadachim preto.



O espadachim branco pode nesta situação desviar a mão direita do espadachim preto ou rodar a mão direita do opositor preto. Nesta situação o espadachim branco pode facilmente atingir o seu oponente.



2ª Jogada (Fólio 20v)



Ambos os espadachins voltam à sua posição inicial.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco desvia a espada do espadachim preto utilizando o gume falso da sua arma.



O espadachim branco continua a desviar a espada do espadachim preto.



Sem haver perigo de um contra-ataque do espadachim preto o espadachim branco avança com o seu gume verdadeiro na direção da fase do espadachim preto.

5ª Jogada (Fólio 21)



Os espadachins voltam à posição inicial.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do jogador branco. O espadachim branco bloqueia a espada do jogador preto.



O espadachim branco aproveita esta situação e agarra o pomo ou punho da espada do espadachim preto.



O espadachim branco, roda então o punho da espada do espadachim preto, para o seu lado direito. O espadachim preto fica nesta situação em desequilíbrio, podendo ser facilmente atingido pelo espadachim branco.

#### 6ª Jogada (Fólio 21)



Como opção para a jogada anterior o espadachim branco pode colocar a sua mão esquerda no cotovelo direito do espadachim preto.



O espadachim branco empurra o cotovelo do espadachim preto na diagonal para a direita. Nesta situação o espadachim preto está em desequilíbrio e pode facilmente ser atingido.

#### 7ª Jogada (Fólio 21)



Como seguimento da jogada anterior o espadachim branco aproveita o facto de o espadachim preto estar de costas para colocar a sua espada na garganta do seu oponente e puxar na sua direção.



### 9ª Jogada (Fólio 21v)



Os espadachins voltam à sua posição inicial.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco defende o ataque do espadachim preto utilizando o gume falso da sua espada, para desviar a espada do seu oponente.



Semelhante à 6ª jogada o espadachim branco empurra o cotovelo do espadachim preto para o seu lado direito.



O espadachim branco avança sobre o jogador preto colocando o seu braço esquerdo no pescoço do espadachim preto enquanto coloca ao mesmo tempo o seu joelho esquerdo atrás do joelho direito do espadachim preto. O espadachim preto está neste momento em desequilíbrio podendo ser projetado pelo espadachim branco.

## Guardas de Espada Longa



*Posta di Dona Destraza*



*Posta di Donna la Sinestra*



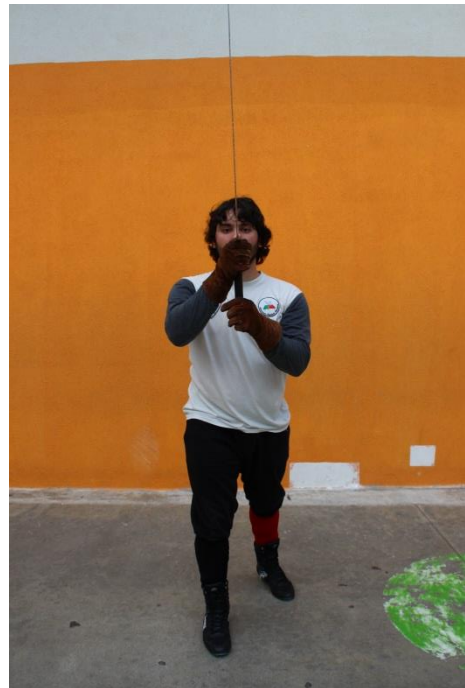
*Posta de Fenestra*



*Posta Longa*



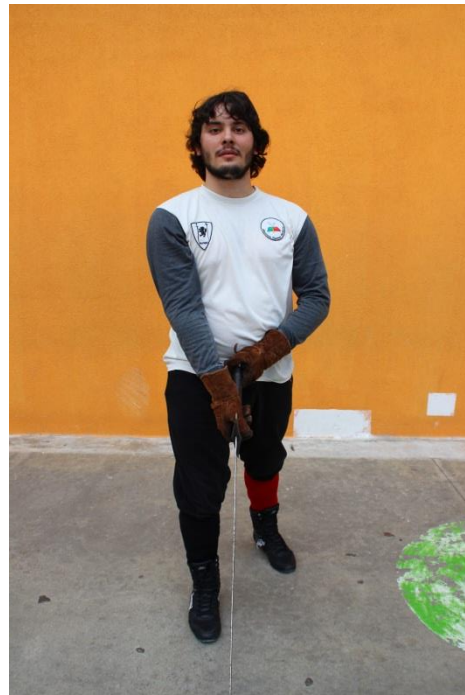
*Posta di Bichorno*



*Posta Frontale ditta Corona*



*Posta Breve*



*Posta di Ferro Mezana*





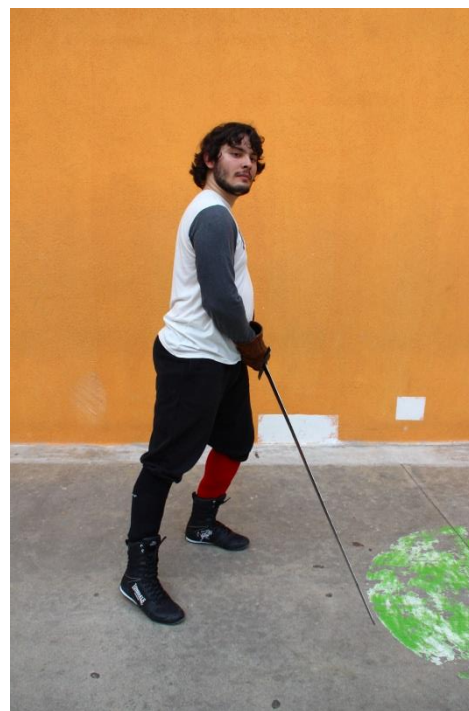
*Tutta Porta di Ferro*



*Posta di Choda Longa*



*Dente di Cinghiaro*



*Poste Dente di Cinghiaro Mezana*

## Técnicas de Espada Longa – *Gioco Largo*

1ª Jogada ( Fólio 25)



Ambos os espadachins começam fora de distância em *posta di donna destra*.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco faz uma encrossada parando a espada do espadachim preto no seu meio.



O espadachim branco desliza então a sua espada para o forte da espada do espadachim preto. Nesta situação ambos os espadachins estão a longa distância podendo o espadachim branco executar uma estocada na cara do espadachim preto.



### 2ª Jogada (Fólio 25v)



Como alternativa para a jogada anterior o espadachim branco continua a deslizar a sua espada podendo desta maneira executar uma estocada no peito ou no braço esquerdo do espadachim preto.

### 3ª Jogada (Fólio 25v)



Os espadachins voltam à encrossada da 1ª jogada.



O espadachim branco tenta agarrar o fraco da espada do espadachim preto com a sua mão esquerda.



O espadachim branco puxa a espada do espadachim preto. O espadachim preto pode agora ser atingido pelo espadachim branco.

#### 4ª Jogada (Fólio 26)



O espadachim branco inicia a jogada em *posta di donna destra*. O espadachim preto inicia a jogada em *posta breve*.



O espadachim branco tenta atingir a cabeça do espadachim preto. O espadachim preto sai de linha para o seu lado esquerdo defendendo o ataque com uma *posta de fenestra*.



O espadachim preto deixa deslizar a espada do espadachim branco sem oferecer resistência. O espadachim preto está neste momento fora de linha do espadachim branco.



O espadachim preto aproveita esta hipótese para atingir a cabeça do espadachim branco.

14ª Jogada ( Fólio 27)



Ambos os espadachins iniciam esta jogada em *posta di donna destraza*.



Os espadachins tentam atingir a cabeça do seu oponente resultando daí uma encrossada.



O espadachim preto coloca a sua mão esquerda no cotovelo direito do espadachim branco.



O espadachim preto aproveita esta situação para empurrar o braço direito do espadachim branco na diagonal para a direita.

15ª Jogada ( Fólio 27)



A 15ª jogada continua onde a 14ª jogada termina. Nesta situação o espadachim preto pode atingir a cabeça do jogador branco. O espadachim branco está momentaneamente desprotegido.



## Técnicas de Espada Longa- *Gioco Stretto*

### 1ª Jogada (Fólio 28)



Ambos os espadachins iniciam a jogada em posta *di donna destra*.



Os dois oponentes tentam atingir o respetivo adversário na cabeça. O espadachim preto executa uma encrossada no forte do seu opositor.



O espadachim preto aproveita esta situação para soltar a sua mão esquerda da sua espada para agarrar o punho da espada do espadachim branco.



O espadachim preto roda então a espada do espadachim branco para a sua esquerda utilizando o peso do seu corpo.



O espadachim preto pode agora facilmente atingir a cabeça do espadachim branco.

### 3ª Jogada (Fólio 28)



Os espadachins voltam à sua posição inicial.



O espadachim preto toma a iniciativa nesta jogada forçando o espadachim branco a defender-se executando uma encrossada. Nesta situação o espadachim preto executa uma parada instantânea.



A partir do momento em que o espadachim preto sente pressão na sua espada deixa-a cair o que lhe permite usar o pomo da espada na face do oponente.

#### 7ª Jogada (Fólio 28v)



Os espadachins voltam à posição inicial.



Ambos os espadachins tentam atingir a cabeça do seu oponente. O espadachim branco faz uma encrossada parando a espada do espadachim preto com o forte da sua espada.



O espadachim branco toma a iniciativa colocando o quadrão da sua espada entre as mãos do espadachim preto.

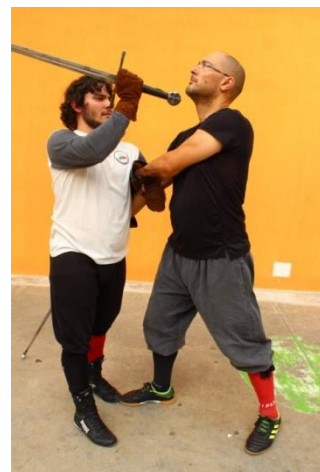


Com um movimento brusco o espadachim branco levanta a espada do espadachim preto. O espadachim branco atinge desta maneira o queixo do espadachim preto com o pomo da sua espada.

#### 8ª Jogada (Fólio 29)



Esta jogada é a continuação da 7ª jogada. A partir do momento em que o queixo do espadachim preto é atingido, o espadachim branco afasta os braços do espadachim preto com o seu braço esquerdo e começa a executar uma prisão.



O espadachim branco prende então os braços do espadachim preto e vai atingir a face do espadachim preto com o pomo da sua espada.



9ª Jogada (Fólio 29)



Esta jogada é a continuação da 8ª jogada. Nesta situação o espadachim branco encosta o quadrão da sua espada à nuca do adversário.



O espadachim branco liberta os braços do espadachim preto e com a sua mão esquerda agarra a lâmina da sua espada. O espadachim branco mantém a pressão da sua espada no pescoço do adversário e com um movimento de rotação derruba-o.

16ª Jogada ( Fólio 30)



Os espadachins voltam à sua posição inicial.



Ambos os espadachins tentam atingir a cabeça do seu oponente resultando numa encrossada.



O espadachim branco toma a iniciativa nesta jogada tentando prender os braços do espadachim preto com a sua mão esquerda, enquanto coloca o punho da sua espada, no forte do espadachim preto.

### 17ª Jogada ( Fólio 30)

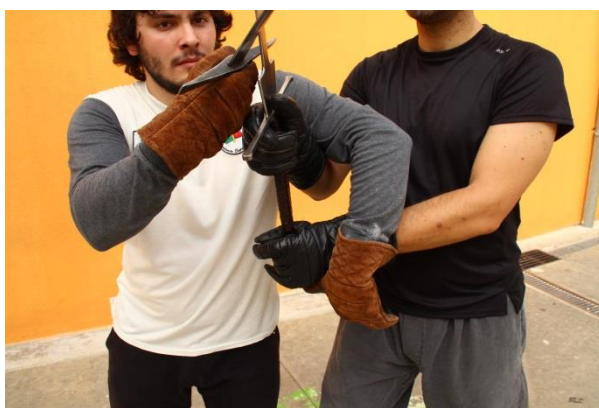


Esta jogada é a continuação da 16ª jogada. O espadachim branco prende os braços do espadachim preto com o seu braço esquerdo. Com o braço direito o espadachim branco inicia a rotação da espada do seu opositor.

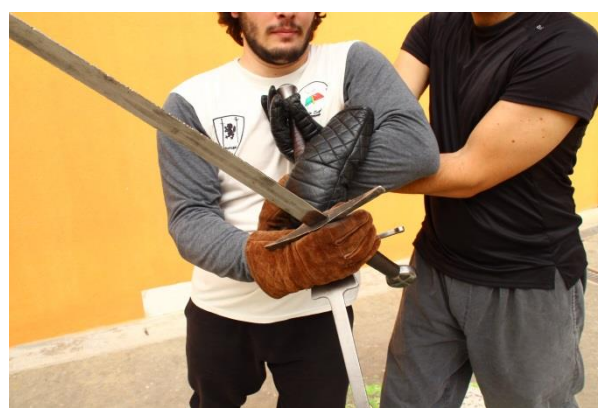


Nesta situação o espadachim preto não consegue resistir sendo desarmado pelo espadachim branco que pode agora atacar o espadachim preto, ou derrubá-lo.

### O movimento de desarme



Controlo dos braços do nosso oponente e da sua espada.



A rotação da espada é executada colocando o punho da espada do espadachim branco no forte da espada do espadachim preto. O espadachim branco puxa o punho da sua espada na sua direção.



Com a continuação deste movimento, o espadachim preto é desarmado. O espadachim branco fica com a espada do espadachim preto na mão, ou pode deixá-la cair ao chão.

## Guardas de *Armizzare*



*Posta Breve in Serpentina* vista de frente e de lado.



*Serpentino lo Soprano* vista de frente e de lado.





*Posta Sagittaria* vista de frente e de lado.



*Posta de Croce Bastarda* vista de frente e de lado.



*Posta di Ferro Mezana vista de frente.*



*Posta de Vera Croce vista de frente.*

## Técnicas de Armizare

### 2ª Jogada ( Fólio 33)



O espadachim preto inicia a jogada em *posta di donna destra*. O espadachim branco inicia a jogada em *posta breve la serpentina*.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco sai de linha dando um passo para o seu lado esquerdo e enquanto faz isto o espadachim branco defende o ataque do espadachim preto com a guarda *serpentina lo soprano*.



O espadachim branco desvia a espada do espadachim preto para baixo voltando a ficar numa *posta breve la serpentina*.



O espadachim branco está neste momento longe da espada do espadachim preto podendo atingir a face ou o peito do espadachim preto.



7ª Jogada (Fólio 34)



Os espadachins voltam à sua posição inicial.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. O espadachim branco defende em *serpentino lo soprano*.



O espadachim branco aproveita esta situação para dar um passo para o seu lado direito, atacando a face do espadachim preto, com o pomo da sua espada.

## **ANEXO F**

## Hans Talhoffer – COD.icon.394a

Espadachim Branco – João Oliveira

Espadachim Preto – Filipe Martins

### Espada Longa

3ª Placa (Fólio 3r)



Ambos os espadachins iniciam esta jogada com uma guarda alta.



O espadachim preto avança e faz uma estocada à cara do espadachim branco. Nesta situação o espadachim branco pode tentar executar uma parada, contudo, devido à posição do espadachim preto, o espadachim branco não irá conseguir defender-se do golpe a tempo.

6ª Placa (Fólio 4v)



Os espadachins voltam à sua posição inicial.



O espadachim branco tenta replicar a técnica da 3ª placa. O espadachim preto executa uma estocada com a ponta da sua espada a apontar para baixo, parando desta maneira a espada do espadachim branco.

10ª Placa (Fólio 6v)



O espadachim preto inicia a jogada numa guarda alta. O espadachim branco inicia a jogada numa guarda baixa.



O espadachim preto tenta atingir a cabeça do espadachim branco. Este dá um passo para o lado esquerdo e segurando a sua espada apenas pelo pomo atinge a perna direita do jogador preto.

30ª Placa (Fólio 16v)



A jogada começa com ambos os espadachins numa guarda alta.



O espadachim branco tenta atingir a cabeça do jogador preto. O espadachim preto trava a espada do espadachim branco com o forte da sua espada.



O espadachim preto empurra a espada do espadachim branco para baixo com o quadrão da sua espada.



Devido à proximidade entre os jogadores o espadachim preto larga a sua espada e agarra o espadachim branco.





O espadachim preto levanta então o jogador branco podendo depois projetar o seu oponente.

### 33ª Placa (Fólio 18r)



O espadachim preto inicia a jogada numa guarda alta. O espadachim branco inicia a jogada em meia espada.



O espadachim branco segura então na lâmina da sua espada com as duas mãos.



O espadachim branco inicia um *murder-stroke* tentando atingir a cabeça do jogador preto. O espadachim preto começa a deslocar-se para a direita para interceder o golpe do espadachim branco.



O espadachim branco atinge a cabeça do jogador preto. O espadachim preto não consegue interceder o golpe do espadachim branco.

### 37ª Placa (Fólio 20r)



O espadachim preto inicia a jogada numa meia espada. O espadachim branco começa por segurar a lâmina da sua espada com as duas mãos.



O espadachim branco executa um *murder-stroke*. O espadachim preto defende-se do ataque do jogador branco.



O espadachim branco larga a sua espada preparando-se para agarrar o espadachim preto.



O espadachim branco agarra a perna direita do espadachim preto e levanta-o. O espadachim preto, é projetado.

### 38ª Placa (Fólio 20v)



Esta jogada é uma opção para a 37ª jogada, caso não tenhamos a possibilidade de projetar o nosso oponente.



O espadachim branco puxa a sua arma para baixo. O espadachim preto que tem neste momento a sua arma presa é obrigado a seguir o movimento da própria espada.





Quando a cabeça do espadachim preto está baixa o suficiente o espadachim branco inverte o seu movimento atingindo o rosto do espadachim preto, com o pomo da sua espada.

## **ANEXO G**

# Mobilidade com Arnês

## Utilização do arnês por peças



De maneira a estudarmos a amplitude de movimentos possíveis com um arnês completo foi utilizado em primeiro lugar uma réplica de um arnês de pernas do século XIV, sem sapatões. Como se pode ver é possível elevar os joelhos até ao nível da cintura e também permite aumentar o nosso triângulo de sustentação sem qualquer tipo de limitação.



Aqui foi adicionado um perpono juntamente com uma réplica de um arnês de braços milanês do final do século XIV e início do XV.



Torna-se possível cruzar os braços à frente do corpo e tocar nas ombreiras.



Devido à flexibilidade do arnês de braços é possível colocar as mãos por cima da cabeça.





Para além do armamento defensivo utilizado foi adicionada uma réplica de uma brigantina do século XV.



Apesar de este arnês não estar à nossa medida torna-se possível executar agachamentos sem dificuldades.



Surge uma ligeira redução de movimentos ao cruzarmos os braços à frente do corpo.



Aparece, também, uma limitação sobre a elevação máxima dos nossos braços.



Torna-se ainda possível tocar nas nossas grevas, e caso o arnês seja feito à nossa medida, será possível ter um maior alcance.



Foi ainda adicionada uma coifa de pano acolchoada para a cabeça, juntamente com uma coifa de malha e uma réplica de um bacinete ibérico com viseira do século XIV. Juntámos, depois, uma réplica de uns guantes de aço milaneses do século XIV, sendo o peso total deste arnês 35 kg.

## Guardas com arnês e espada



*Posta di Dona Destraza*



*Dente di Cinghiaro*



*Poste Dente di Cinghiaro Mezana*



*Posta di Falcone*





*Posta Longa*



*Serpentino lo Soprano*



*Posta Breve in Serpentina*



## Elevação do solo com arnês



Caso um homem de armas ou um cavaleiro seja derrubado pode facilmente levantar-se do chão.



É necessário dobrar o joelho esquerdo e elevar o braço esquerdo. Num movimento brusco o corpo roda todo para o lado direito, sendo o braço esquerdo e o joelho esquerdo utilizados para impulsionar o resto do corpo para cima.



Ao executar a rotação ambos os joelhos dobram e ambos os braços ficam esticados de maneira a retirar o tronco do chão.



A partir desta situação o homem de armas, apenas necessita de colocar um pé no chão e facilmente volta a ficar de pé. Dependendo da nossa habituação ao arnês esta sequência de movimentos irá demorar entre três a cinco segundos.